

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro
Democracia em tempos de mutações



REGISTROS DE UM PENSAR SOBRE A DEMOCRACIA

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Democracia em tempos de mutações



**REGISTROS DE
UM PENSAR SOBRE A
DEMOCRACIA**

Sumário

Palavra do Presidente

<i>José Sarney</i>	5
--------------------------	---

Palestras

“Democracia em tempos de mutações – ” – <i>Adauto Novaes</i>	8
O apolitismo, a maior ameaça à democracia – <i>Francis Wolff</i>	16
Sobre o consenso na democracia – Igualdade, unanimidade, legitimidade – <i>Charles Girard</i>	22
Homo civilis (ou Homo sapiens 2.0) – <i>Luiz Alberto Oliveira</i>	26
Esquecimento da política: o caso da religião – <i>Sergio Paulo Rouanet</i>	28
Ética, moral e política – <i>Franklin Leopoldo e Silva</i>	32
Representação política: fundamentos e dilemas – <i>Renato Lessa</i>	34
A democracia-espetáculo e a imagem da política – <i>Eugênio Bucci</i>	38
A democracia para além do Estado democrático de direito – <i>Vladimir Safatle</i>	40
Democracia Liberal e Governamentalidade – <i>Helton Adverse</i>	46
A palavra livre e infeliz – <i>Renato Janine Ribeiro</i>	48

O Fórum na imprensa	50
----------------------------------	----

Avaliação dos participantes	145
--	-----

Bibliografia	193
---------------------------	-----

Ato de criação do Fórum	195
--------------------------------------	-----

Palavra do Presidente

DEMOCRACIA EM TEMPOS DE MUTAÇÕES

O Senado Federal realizou um amplo debate sobre as ideias que reexaminam o papel da democracia na sociedade contemporânea. Denominado Democracia em Tempos de Mutações, o seminário trouxe pensadores com contribuição original para discutir o tema e disseminar entre nós a capacidade de refletir sobre as perplexidades do presente e sobre os caminhos que se abrem para o futuro.

A democracia continua válida na velha definição de Churchill de que é a pior forma de governo, salvo todas as outras. Continua válida na busca de Lincoln do regime do povo, pelo povo, para o povo. Continua válida na medida em que é a realização do homem, nos limites humanos. Mas o que significa hoje a democracia?

No tempo da comunicação em tempo real, das novas tecnologias, da formação da opinião pelos meios de comunicação de massa e da busca da opinião pelos mesmos meios de comunicação de massa, do questionamento disperso e incontrollável das mídias sociais, da manipulação das mesmas mídias sociais, o sistema representativo enfrenta o grande desafio de sua história.

Reunimos no Senado Federal, sob a liderança do Embaixador Jerônimo Moscardo, auxiliado pelo filósofo Adauto Novaes, o professor Helton Adverse, da UFMG; o professor Frédéric Gros, da Universidade Paris-Est Créteil; o professor Vladimir Safatle, da USP; o professor Eugênio Bucci, da USP; o professor Renato Lessa, da UFF; o professor Franklin Leopoldo e Silva, da USP; o acadêmico Sergio Paulo Rouanet; o professor Luiz Alberto Oliveira, do CBPF; o professor Charles Girard, da Universidade Sorbonne; o professor Francis Wolff, da École Normale Supérieure de Paris; o professor Renato Janine Ribeiro, da USP. Contamos com a parceria e o apoio das universidades UDF, UPIS e UNIEURO.

O seminário Democracia em Tempos de Mutações teve um grande sucesso de público, que externou sua receptividade em comentários entusiasmados. Para nós, o importante é que abrimos uma porta de reflexão que deve ter continuidade e que será de grande auxílio para a comunicação entre o Senado Federal e o mundo acadêmico e intelectual brasileiro.

José Sarney
Presidente do Senado Federal

Palestras





Adauto Novaes

Jornalista e professor; foi por vinte anos diretor do Centro de Estudos e Pesquisas da Fundação Nacional de Arte/Ministério da Cultura. Em 2000, fundou a empresa de produção cultural Artepensamento. “Os ciclos de conferências que organizou resultaram nos seguintes livros de ensaios: “Os sentidos da paixão; O olhar; O desejo; Ética; Tempo e história (Prêmio Jabuti); Rede imaginária: televisão e democracia; Artepensamento; A crise da razão; Libertinos/libertários; A descoberta do homem e do mundo; A outra margem do Ocidente; O avesso da liberdade; Poetas que pensaram o mundo; O homem-máquina; Civilização e barbárie; O silêncio dos intelectuais, todos editados pela Companhia das Letras. Publicou ainda, Muito além do espetáculo (SENAC São Paulo, 2000); A crise do Estado-nação (Record, 2003); Oito visões da América Latina (SENAC São Paulo, 2006); Ensaios sobre o medo (SENAC São Paulo/Edições SESC SP, 2007); O esquecimento da política (Agir, 2007); Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo (Agir/SESC SP, 2008); Vida, vício, virtude (SENAC São Paulo, 2009); A condição humana (Agir/SESC SP, 2009); Mutações: a experiência do pensamento (SESC SP, 2010); Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011).

Democracia em tempos de mutações

Alexis de Tocqueville

1. No livro publicado em 1954 – *A crise da cultura*, oito exercícios do pensamento político – Hannah Arendt nos desafia com estas interrogações:

Como pensar no intervalo entre passado e futuro posto em evidência com o desaparecimento da tradição? O que são Autoridade e Liberdade a partir do momento em que nenhuma resposta oferecida pela tradição vale mais? Como pensar o acontecimento: a crise da cultura, a crise da educação, o advento da mentira na política, a conquista do espaço? Pensar supõe ter a coragem de afrontar o mundo, a pluralidade de nossos semelhantes, instaurar novos começos. Renunciar a pensar é renunciar a ser homem.

Hoje, poucos negariam o diagnóstico: vivemos um momento de incerteza, desordem, grandes mutações. Em qualquer domínio da atividade humana – esferas do saber e do poder, costumes, mentalidades, sensibilidade ética, valores – notamos transformações sem precedentes: “Nós, civilizações, sabemos que somos mortais”, escreve o poeta e ensaísta Paul Valéry. A política é, certamente,

a parte mais afetada por estas transformações. Lemos, no ensaio *A política do espírito*, de Valéry:

O mundo moderno, em toda sua potência, de posse de um capital técnico prodigioso, inteiramente penetrado de métodos positivos, não soube no entanto criar uma política, uma moral, um ideal, nem leis civis ou penais que estejam em harmonia com os modos de vida que ele criou, e até mesmo com os modos de pensamento que a difusão universal e o desenvolvimento de certo espírito científico impõem pouco a pouco a todos os homens.

Uma idéia chama atenção neste fragmento: a potência do desenvolvimento técnico e o descompasso entre o espírito científico e a política. Traduzindo: ausência de normas políticas compatíveis com o tempo.



Pedro França/Agência Senado

Solenidade de abertura do Fórum Senado Brasil 2012 com a presença de autoridades e execução do Hino Nacional pela Orquestra Social União Planetária

2. É certo que um dos pressupostos fundamentais da mutação política está no papel atribuído à tecnociência. Uma frase do filósofo alemão Martin Heidegger, sujeita a muitas e contraditórias interpretações pela sua radicalidade, dá a pensar: “É para mim uma questão decisiva hoje: como um sistema político – e qual – pode, de maneira geral, ser coordenado na era da técnica. Não sei responder a esta questão. Não estou convencido de que seja a democracia”. A ciência e a técnica produziram, na política e no pensamento, aquilo que os teóricos definem como o mundo da especialização. As sínteses teóricas permitiram, durante séculos, grandes realizações, mas hoje, com a crise dos ideais políticos, restam apenas as desvantagens de uma “democracia dos fatos”. A definição é de Robert Musil: a política, tal como a entendemos em nossos dias, é o contrário

absoluto do idealismo, quase sua perversão: ao levar em consideração apenas os fatos, “o homem que especula por baixo sobre seu semelhante e que se intitula político realista só tem por reais as baixezas humanas, única coisa que considera confiável; ele não trabalha com a persuasão, apenas com a força e a dissimulação”.

Outro filósofo, nosso contemporâneo, vai além na observação: para Jean-Pierre Dupuy, é presunção fatal acreditar que a técnica, que tomou o lugar do sagrado, do teatro e da democracia, poderá desempenhar o mesmo papel que eles desempenhavam na época em que a capacidade de agir dizia respeito apenas às relações humanas: “Acreditar nisso [escreve Dupuy] é permanecer prisioneiro de uma concepção que vê na técnica uma atividade racional, submissa à lógica instrumental, ao cálculo dos meios e dos fins”. Francis Wolff reverte estas ideias para o campo da política: os utópicos de ontem foram substituídos pelos especialistas de hoje. Não disputamos mais os fins políticos, afirma Wolff, discutimos, sim, os meios e os fins técnicos.



Embaixador Jeronimo Moscardo (E) e filósofo Adauto Noavaes iniciam o Fórum Senado Brasil 2012

3. O domínio da técnica sobre a política leva à perda dos fundamentos políticos, isto é, daquilo que a filosofia política criou e recriou ao longo da história como resposta às interrogações levantadas pelo advento da sociedade, ou melhor, a ideia e a prática que definem a sociedade como origem da lei e dos direitos. Era o momento em que a “práxis” tinha uma relação estreita com os princípios teóricos, muitas vezes para negá-los. Hoje, vivemos aquilo que já se definiu como “o princípio do sem princípio”. Mais: sendo apenas partes da vida social, a economia, a privatização da vida pública, a religião, o moralismo e a eficiência técnica

procuram ocupar o lugar da política de maneira totalizante. É a escandalosa e inconsequente busca da hegemonia de uma dessas variantes sobre a política. Esta tendência dominante hoje abole todos os princípios políticos. Como observa o filósofo Newton Bignotto, retomando Hannah Arendt, parecemos condenados a oscilar entre democracias apáticas, comandadas exclusivamente pelas forças de mercado, e regimes autoritários.

4. Em um ensaio sobre o Imaginário político grego e moderno, Cornelius Castoriades escreve sobre a “ruptura radical”, uma criação histórica, que é a invenção da democracia moderna. Antes a política era regida por instâncias extrassociais, externas ao poder e ao agir dos humanos (as leis emanavam dos deuses e heróis fundadores) para quem nenhuma questão poderia ser posta uma vez que eles já tinham resposta para tudo. Ora, o advento da democracia é o reconhecimento de que a fonte da lei é a própria sociedade – eis o grande fato fundador: a ruptura do fechamento antigo é a abertura de uma “interrogação ilimitada”. A interrogação da filosofia política “jamais cessa diante de um último postulado que jamais poderia ser posto em causa”. É isso a democracia: permanente criação de direitos. É como define com clareza Castoriades:

Na sua verdadeira significação, a democracia consiste nisso: a sociedade jamais se estabelece em uma concepção do que é o justo, o igual ou o livre, dado de uma vez por todas, mas institui-se de tal sorte que as questões da liberdade, da justiça, da equidade e igualdade possam sempre ser repostas no quadro do funcionamento “normal” da sociedade. Eu diria que uma sociedade é autônoma não apenas se ela sabe que faz suas leis, mas se ela está em condições de pô-las em questão.

Assim, a política é entendida não apenas como “instrumento de dominação” (o que é, em grande parte, verdade) mas também, e no sentido forte e originário do termo, polo de organização de direitos.

Eis o grande problema dos nossos tempos. Muitos pensadores afirmam que nossa época nem chega a ser niilista, mas “simplesmente nula”; outros, mais pessimistas, afirmam que nem mesmo chega a ser “uma época”. Ora, como observa ainda Castoriades, a sociedade só pode viver criando significação, e significação para ele quer dizer “idealidade”, coisa mais importante do que as coisas materiais. Na mesma linha de pensamento, Valéry começa um dos famosos ensaios dizendo que a era da barbárie é a era dos fatos e que nenhuma sociedade se estrutura, se organiza, sem as “coisas vagas”. Por coisas vagas ele entendia também os ideais políticos. Perguntamos: que ideais nos estruturam hoje, quando notamos uma enorme prevalência da ciência, da técnica e do domínio do capital financeiro em todas as áreas da política? Seria uma nova forma de totalitarismo, sem alusão expressa a formas de dominação passada? Essa nova forma reivindica até mesmo certo “parentesco” com a democracia: “democracia científica”, “democracia burocrática”, “democracia técnica”, “democracia financeira” etc.? Mais: é patente que existe hoje o que alguns denominam “o

outro da política”, que representa a economia, momento de superação da ideia de Estado-Nação pela mundialização.

5. Outro pensador da filosofia política, Claude Lefort, autor dos grandes ensaios sobre o totalitarismo, observa que, para pensar este enigma da democracia, devemos recorrer menos a uma construção conceitual definitiva e dar mais atenção ao acontecimento, à história e aos testemunhos dos homens. Mas toda política, segundo ele, vive de enigmas e ambiguidades: uma sociedade que se inventa permanentemente traz potencialidades de desenvolvimento democrático e riscos de poder totalitário. Relembremos a interpretação que Lefort dá a Maquiavel em um dos livros mais importantes sobre a política – *Le travail de l’oeuvre* (1971): toda cidade ordena-se e se constrói a partir de uma divisão primeira que se manifesta inicialmente pelo desejo dos grandes de comandar e oprimir e do povo de não ser comandado nem oprimido – desejo de liberdade.

O poder totalitário pode assumir hoje novas formas, que dispensam a dominação hierarquizada e centralizada. Lemos, por exemplo, em um dos ensaístas que participam dos ciclos de conferências sobre as mutações, o filósofo Frédéric Gros, que, no nosso mundo liberal, trata-se de dispor as coisas de tal maneira que, através delas, sem obrigar, obtém-se a reação adequada. Com as redes sociais e a geolocalização, diz Gros, ninguém nos obriga a dizer o que estamos fazendo nem onde estamos. A técnica consiste em saturar os objetos técnicos a fim de fazê-los interagir sem a intervenção da vontade do homem: “De repente, a dúvida, a hesitação, a decisão, a consciência e a vontade desaparecem”. Esse modo de funcionamento parece dar razão a Heidegger.

Mas há um segundo caminho: novas formas de expressão democrática surgem a partir das novas tecnologias. É certo que vivemos uma mudança na ideia e na prática da representação: sentimos que somos cada vez menos representados pelos partidos políticos e pelos sindicatos: os Estados estão cada vez mais prisioneiros e dependentes do mercado e da lógica financeira. Mas vemos, ao mesmo tempo, surgir novas tecnologias de comunicação – internet etc. – que abrem espaço para novas formas de participação e intervenção políticas. Manifestar-se, defender posições, reagir sem passar por “corpos intermediários”, ou seja, os partidos políticos, os sindicatos, as mídias: “a realidade atual é dupla e ambivalente” – ou, segundo Gros:

Profunda crise da democracia quando se sabe que os instrumentos tradicionais da democracia são desprezados e que representantes políticos não aparecem mais como legítimos; dinâmica democrática nova, trazida pelas novas tecnologias, que permite a todos os cidadãos exprimir-se de maneira direta, fácil e sem custo.

Mas isso seria o bastante para redefinir a democracia crítica? Exemplos recentes no Oriente Médio talvez nos trazem mais desmentidos do que certezas. Ora, o avanço da técnica é tido como símbolo do “progresso” moderno e da realidade democrática, em princípio, ao alcance de todos. Isso chega a caracterizar

democracia? Mas a questão que se deve pôr é se tal mutação produzida pela tecnociência eleva o nível moral e político. Talvez a maneira mais justa de pôr a questão seja: como reativar a democracia a partir dessa mutação? É certo que a mutação pode trazer no seu bojo um poder instituinte jamais explicitado completamente, oculto nos intramundos da sociedade, mas que abre espaço também para o seu contrário. Cabe à política dar expressão e visibilidade e esses movimentos implícitos, de dimensões temporais não controladas, “um futuro a ser construído” que jamais se realiza inteiramente.

As ideias de representação, consenso, poder da imagem, ética e moral, poder da palavra, Estado democrático de direito, “ciberdemocracia” são alguns dos temas propostos neste ciclo de conferências: Democracia em tempos de mutações.



Lia de Paula/Agência Senado

6. Resta, enfim, a questão: o que é o homem político? Ou melhor, como definir o homem hoje diante de tudo isso? A noção de homem passou a ser fluida, cambiante, múltipla, dependendo do interesse imediato da política e dos problemas e circunstâncias de cada momento. O homem, tal como a filosofia antiga pensava, perdeu o seu caráter abstrato e universal. Nosso pensamento desdobra-se, de maneira anárquica, e considera o homem ora “cidadão”, ora “consumidor”, “contribuinte”, “eleitor”, “especulador”, segundo a “excitação do momento”. Uma democracia e uma política sem forma podem facilmente adotar as mais disformes ideias de homem. Daí as características atuais de “economicus”, “connecticus”, “pós-político”, “neo-humano” ou “simplex dado abstrato da razão instrumental”. Talvez seja difícil sustentar o que dizia Aristóteles: “O homem é um animal político”.

Lemos, assim, pelo menos cinco noções sobre o homem contemporâneo nas conferências deste ciclo:

Francis Wolff define-o, em seu apolitismo, como *Homo economicus*. O que resta ao homem hoje, pergunta ele: “Viver juntos? Não. O bem viver em comum?”

Jamais. A vida apenas: a troca de bens e serviços, as duras necessidades do mercado. No lugar da ação política... apenas as atividades do dia a dia do Homo economicus”. Impossível não retornar, mais uma vez, a Robert Musil, para quem uma sociedade baseada na especulação não passa de um “egoísmo organizado”, isto é, a mais revoltante organização do egoísmo, fundada sobre a maior ou menor capacidade de fazer dinheiro. Não apenas os Estados mas também os indivíduos estão cada vez mais prisioneiros dos mercados e dependentes das lógicas financeiras: “Esta maneira de contar com as más capacidades do homem – escreve Musil – consiste na especulação por baixo. Uma ordem em baixa consiste no trilhar a baixeza: tal é a ordem do mundo atual: ‘Eu o deixo ganhar para que eu possa ganhar mais’ ou ‘Eu o deixo ganhar mais para que eu possa ganhar alguma coisa’”. Eis a lógica da política regida pela especulação.

Para Frédéric Gros, nasce um novo indivíduo, o Homo connecticus. O homem hoje está em permanente conexão. Tecnicamente, afirma Gros, é mais fácil para o cidadão exprimir-se em fóruns, defender posições, dar opinião “sem passar por corpos intermediários – os partidos, os sindicatos e as mídias clássicas.” Mas esta realidade atual é ambivalente: “profunda crise da democracia quando os instrumentos tradicionais são esquecidos e quando os representantes políticos não mais aparecem como legítimos; dinâmica democrática nova trazida pelas novas tecnologias que permitem a todos os cidadãos exprimir-se de maneira direta, fácil e barata”. As novas tecnologias trazem grandes mutações da percepção do tempo, do espaço, mas também na nossa relação com os outros e com a democracia gerando transformações importantes na vida política.



Ao falar da ética, da moral e da política, Franklin Leopoldo e Silva pensa o homem hoje como um dado abstrato da razão instrumental. O indivíduo passa a ser um agente econômico formalmente definido: “É evidente, escreve Franklin, que o processo de abstração do indivíduo burguês é paralelo ao progressivo desaparecimento da política, substituída pela gestão das necessidades no contexto da racionalidade instrumental”.

Entre os cinco pontos que o filósofo Sergio Paulo Rouanet apresenta para caracterizar o recuo da esfera pública e a atrofia do político, um deles é particularmente importante na definição do homem hoje. Rouanet fala da criação de homens pós-políticos. Pesquisas científicas tendem a construir, biologicamente, um homem novo, dotado de predisposições genéticas de comportamentos autômatos: “Desapareceria com isso, escreve Rouanet, a necessidade de mediação política, forma tradicional de conciliar interesses de indivíduos e grupos com interesse social. Teríamos, em vez disso, a fabricação em laboratório de homens pós-políticos”.

Por fim, a nova definição do homem, a partir das grandes mutações provocadas pela ciência e pela biotecnologia exige nova relação com a política. O físico e filósofo Luiz Alberto Oliveira considera que o homem caminha em direção ao inevitável Homo Civilis (ou *Homo sapiens* 2.0). Como pensar a democracia na sua relação com o que o físico chama de “evolução da evolução” isto é, o “aparecimento – ou antes, a produção – de um novo estágio da vida?” Torna-se, assim, indispensável, diz Luiz Alberto Oliveira, debater os aspectos “éticos, políticos e históricos desta transição autogerada para uma condição neo-humana”.

A complexidade da democracia política e intelectual hoje exige de todos um permanente trabalho de criação de obras de pensamento: eis uma das maneiras de combater as incertezas, a apatia, o pessimismo e, principalmente, o apolitismo.

Adauto Novaes
Rio, abril de 2012



Francis Wolff

Professor de filosofia na Ecole normale supérieure (Paris). Foi professor na Universidade de Paris-Nanterre e na USP. É autor de artigos e livros dedicados à filosofia antiga, à filosofia da linguagem e à metafísica contemporânea, entre os quais destacam-se: Socrate (edição portuguesa: Sócrates, Teorema); Aristote et la politique (edição brasileira: Aristóteles e a política, Discurso Editorial); Dire le monde (edição brasileira: Dizer o mundo, Discurso Editorial); L'être, l'homme, le disciple (PUF); Notre humanité, d'Aristote aux neurosciences (Fayard). Publicou ensaios nos livros A crise da razão; O avesso da liberdade; Muito além do espetáculo; Poetas que pensaram o mundo; O silêncio dos intelectuais; Ensaios sobre o medo; O esquecimento da política; A condição humana; Vida, vício, virtude; Mutações: a experiência do pensamento.

O apolitismo, a maior ameaça à democracia

Francis Wolff

A democracia é um regime curioso. Quando ela não existe, é objeto de desejo; quando existe, cessa de ser este objeto. O povo parece politizado quando aspira à democracia; mas se ele a obtém afasta-se da política. É como se, de repente, ele rejeitasse uma amante tão desejada a partir do momento em que a conquistou. Ele está para a democracia como Don Juan para as mulheres: a conquista mobiliza toda sua energia, a posse o entedia. Este é o destino de quase todas as revoluções: o povo instala-se na cena da história para conquistar sua liberdade política, mas a partir do momento em que a obtém, usa de sua liberdade para não mais se meter com a política.

A democracia tem assim dois adversários: um inimigo externo, a tirania sob todas as suas formas; e um inimigo interno, o apolitismo. Existe um laço secreto entre estes dois adversários: “Democracia” pode bem significar poder do povo; o povo não gosta do poder. É o caso desde a invenção da democracia em Atenas no século 5 a.C. O povo execra naturalmente aqueles que exercem o poder contra ele, mas tem horror de exercê-lo ele mesmo. Ele tem outras coisas a fazer além da política e prefere que outros a façam no seu lugar. Daí esta forma estranha de regime que se chama hoje “democracia”, que não é outra coisa senão um governo representativo: um regime no qual o povo escolhe, se possível livremente, os políticos, isto é, aqueles que exercem o poder em seu

lugar na esperança de que o seja em seu interesse e não no interesse deles. De certa maneira, eleger profissionais da política é uma traição à idéia de democracia. Mas, de outra maneira, obrigar o povo a se interessar pelas coisas públicas quando ele deseja apenas as coisas privadas é um atentado ao princípio da liberdade que funda também a democracia.

Essa tensão entre dois objetivos incompatíveis é talvez a que conheceu o Brasil dos últimos trinta anos, desde a conquista da democracia. Gostaríamos de aprofundar este paradoxo na nossa conferência, insistindo no risco inerente a toda democracia: o apolitismo.

Quais são pois as formas de apolitismo em todas as democracias modernas pelo mundo?

Existe, inicialmente, o debruçar-se sobre si mesmo, ou melhor, sobre “o si mesmo”. Deixamos de acreditar que a política pode trazer felicidade comum; a felicidade deve ser buscada na vida privada, na realização individual, no casal, na família, ou às vezes nessas identidades ambíguas como o “gênero”, o solo, a nação. As normas políticas (solidariedade, justiça, igualdade) são substituídas por valores morais como o cuidado familiar e a solicitude individual. Mesmo a



Pedro França/Agência Senado

vida social é julgada em nome de “a” moral: a corrupção é então o pior vício em escala nacional e a atenção humanitária o único programa em escala internacional. Outra forma de apolitismo é o refúgio no sagrado: o apelo às ajudas da transcendência toma o lugar do desejo de uma salvação imanente, e nos espíritos a esperança da Cidade de Deus substitui a cidade dos homens. Mas se a alma é enviada ao céu, se só existe salvação na transcendência, o que

resta para viver aqui embaixo? O viver juntos? Não. O bem viver em comum? Jamais. A vida apenas: a troca de bens e serviços, as duras necessidades do mercado, e, no lugar da ação política, voltada para amanhãs que despontam, restam apenas atividades do cotidiano do Homo economicus. Porque – e esta

Pedro França/Agência Senado



é uma outra forma de apolitismo – os utópicos de ontem deram lugar aos *experts* de hoje. Não se disputam mais fins políticos, discutem-se meios, e esses meios são técnicos: são “dossiês”, “comissões”, “departamentos de estudos”, encarregados de “relatórios” sobre os meios para melhorar a eficácia da defesa nacional, o rendimento da pesquisa, a fiabilidade dos transportes etc. Que resta pois aos políticos a não ser os *slogans*, as promessas e os sorrisos forçados das campanhas eleitorais?

Pedro França/Agência Senado



O território de si, os valores morais, as crenças religiosas, as realidades econômicas, o saber dos *experts*, eis cinco tipos de apolitismo. Mas não são apenas desdobramentos “fora” da política, são também cinco maneiras de pensar a política, inerentes à democracia representativa. São cinco refundações antinômicas da política: sobre o si (individualismo ou nacionalismo), sobre a moral (as normas ou os direitos), sobre a religião (o sagrado, a transcendência), sobre a economia (o real, o mercado) e sobre a especialização (o saber da técnica). Como salvar a democracia do apolitismo? E como a política pode abrir um caminho hoje em meio a seus fantasmas?

L’apolitisme, la plus grande menace pour la démocratie

Francis Wolff

La démocratie est un régime curieux. Quand elle n’est pas là, elle est objet de désir, quand elle est là, elle cesse de l’être. Le peuple semble politisé quand il aspire à la démocratie ; mais, s’il l’obtient, il se détourne de la politique. C’est comme s’il rejetait soudain une amante tant convoitée dès qu’il l’avait conquise. Il est devant la démocratie comme Don Juan devant les femmes : la conquête mobilise toute son énergie, la possession l’ennuie. Tel est le sort de presque toutes les révolutions : le peuple s’installe sur la scène de l’histoire pour conquérir sa liberté politique, mais dès qu’il l’a obtenue, il use de sa liberté pour ne plus se mêler de politique.

La démocratie a ainsi deux adversaires : un ennemi extérieur, c’est la tyrannie sous toutes ses formes ; et un ennemi intérieur, c’est l’apolitisme. Il y a un lien secret entre ces deux adversaires : « Démocratie » a beau signifier pouvoir du peuple, le peuple n’aime pas le pouvoir. C’est le cas depuis l’invention de la démocratie à Athènes au Ve siècle avant J-C. Le peuple exècre naturellement ceux qui l’exercent contre lui, mais il a horreur de l’exercer lui-même. Il a d’autres choses à faire que la politique et préfère que d’autres en fassent à sa place. De là cette forme étrange de régime qu’on appelle aujourd’hui « démocratie » et qui n’est autre qu’un gouvernement représentatif : un régime dans lequel le peuple choisit, si possible librement, les politiques, c’est-à-dire ceux qui exerceront le pouvoir à sa place, avec l’espoir que ce soit dans son intérêt à lui, et non dans leurs intérêts à eux. D’une certaine manière, élire des professionnels de la politique est une trahison de l’idée de démocratie. Mais d’une autre manière, contraindre le peuple à se mêler des affaires publiques quand il ne désire que se mêler de ses affaires privées est une atteinte au principe de liberté qui fonde aussi la démocratie.

Cette tension entre deux objectifs incompatibles est peut-être celle qu’a connue le Brésil de ces trente dernières années, depuis la reconquête de la démocratie. Nous voudrions dans cette communication approfondir ce paradoxe, en insistant sur le risque inhérent à toute démocratie représentative : l’apolitisme.

Quelles sont donc les formes de l'apolitisme dans toutes les démocraties modernes de par le monde ? Il y a d'abord le repli sur soi ou plutôt sur le territoire du « soi ». On a cessé de croire que la politique pouvait apporter le salut commun, le bonheur se cherche, tant bien que mal, dans la vie privée, dans la réussite individuelle, dans le couple, la famille, ou parfois dans ces identités ambiguës que sont le « genre », le sol ou la nation. Aux normes politiques (solidarité, justice, égalité) se substituent des valeurs morales comme le soin familial et la sollicitude individuelle (le care). Même la vie sociale se juge au nom de « la » morale : la corruption est désormais le pire vice à l'échelle nationale, et l'attention humanitaire le seul programme à l'échelle internationale. Une autre forme d'apolitisme

Pedro França/Agência Senado



est le refuge dans le sacré : l'appel aux secours de la transcendance remplace le désir d'un salut immanent, et dans les esprits, l'espérance de la « Cité de Dieu » s'est substituée à celle des hommes. Mais si l'âme est laissée au Ciel, s'il n'y a de salut que transcendant, que reste-t-il pour vivre ici-bas ? Le vivre ensemble ? Nullement. Le bien vivre en commun ? Pas du tout. Seulement la vie tout court : l'échange des biens et des services, les dures nécessités du marché ; et au lieu de l'action politique, tournée vers les lendemains qui chantent, il n'y a que les activités au jour le jour de l'Homo economicus. Car — et c'est là une autre forme de l'apolitisme — les utopistes d'hier ont fait place aux experts d'aujourd'hui. On ne dispute plus des fins, politiques, on discute des moyens, et ceux-ci sont techniques : ce sont autant de « dossiers », de « commissions », de « bureaux d'étude », chargés de « rapports » sur les moyens d'améliorer l'efficacité de la défense nationale, le rendement de la recherche, la fiabilité des transports, etc. Que reste-t-il donc aux politiques, sinon justement les slogans, les promesses et les sourires forcés des campagnes électorales ?



O filósofo Adauto Novaes (E), embaixadores Samuel Pinheiro Guimarães e Jeronimo Moscardo e o jornalista Mauro Santayana acompanham palestra de Francis Wolff

Le territoire du soi, les valeurs morales, les croyances religieuses, les réalités économiques, le savoir des experts, voilà cinq types d'apolitisme. Mais ce ne sont pas seulement des replis hors du politique, ce sont aussi cinq façons de penser la politique, inhérentes à la démocratie représentative. Ce sont cinq refondations antinomiques de la politique : sur le soi (individualisme ou nationalisme), sur la morale (les normes ou les droits), sur la religion (le sacré, la transcendance), sur l'économie (le réel, le marché), sur l'expertise (le savoir, la technique). Comment sauver la démocratie de l'apolitisme ? Et comment la politique peut-être se frayer une voie aujourd'hui au milieu de ses fantômes ?



Charles Girard

Doutor em filosofia, é professor da “Universidade Sorbonne de Paris” e membro da equipe Racionalidades contemporâneas, da qual é também editor. Membro do comitê de redação das revistas Participation e Razão pública, dirige a coleção Advogado do Diabo, que é publicada pela “Editora Hermann”.

Sobre o consenso na democracia Igualdade, unanimidade, legitimidade

Charles Girard

A democracia exige consenso. É pelo menos o que sugere o esforço de tantos filósofos modernos para fundar a legitimidade da ordem política sobre o acordo unânime dos cidadãos. Duas exigências próprias ao regime democrático explicam esse desejo de unanimidade. De um lado, cada indivíduo, enquanto cidadão, deve ser reconhecido como igual em direito como qualquer outro. De outro, o consentimento dos cidadãos é a fonte de todo poder legítimo. Se todos têm o direito de participar da tomada de decisões políticas e se apenas a vontade dos cidadãos justifica o caráter obrigatório da lei, apenas as leis aprovadas por unanimidade deveriam, em princípio, ser reconhecidas como legítimas. Apenas a “unanimidade” poderia realizar a promessa do governo do povo, permitindo a cada um “se governar” verdadeiramente, isto é, só obedecer às leis que ele consente. Jean-Jacques Rousseau via assim, no seu Contrato Social, o acordo de todas as vontades como o sinal mais seguro da expressão da vontade geral: “Mais o concerto reina nas assembleias, isto é, mais os pontos de vista aproximam-se da unanimidade, mais também a vontade geral é dominante: mas os longos debates, os dissensos, o tumulto anunciam a ascensão dos interesses particulares e o declínio do Estado”.

Apesar de tudo, o consenso ameaça a democracia. Esperar que ele se forme espontaneamente para agir é, na realidade, renunciar a agir – porque em pequenas sociedades, como nas sociedades de massa contemporâneas, não existe unanimidade. Querer criar ativamente o consenso é pôr em perigo a pluralidade das opiniões – em particular nas sociedades contemporâneas, que abrigam culturas, etnias, religiões e múltiplas tradições. A democracia, a partir daí, é impotente ou autoritária. Este dilema frequenta os discursos e os escritos sobre o “debate público”, percebido pelos teóricos políticos, de John Rawls a Jürgen Habermas, como

o coração da vida democrática. Se a troca conflitual e cooperativa das opiniões e ideias jamais conduz ao consenso e não nos livra do recurso à regra da maioria, por que debater? Se o esforço e a persuasão pública, visando ao acordo do maior número, põem em perigo a diversidade de opiniões, não seria prudente se precaver? A deliberação pública pode assim tornar-se suspeita de ser apenas o substituto ilusório do jamais encontrado consenso. Mas deve-se renunciar a ele?



Paula Cinquetti/Agência Senado

Abandonar toda referência à unanimidade é coisa a considerar. Em sociedades dominadas por irreduzíveis desacordos, apenas a garantia do maior número pode constituir um fundamento prático para a legitimidade. Mas em um sistema fundado sobre a regra da maioria, os membros da minoria, que são submetidos a leis que eles não aprovaram, podem julgar que eles não são verdadeiramente “tratados com igualdade” com relação aos membros da maioria, que são submetidos a leis que aprovaram. É preciso, pois, definir o que a maioria tem o direito de impor ou não à minoria. Como fazer então para que essa demarcação dos limites do poder majoritário permaneça de natureza democrática, isto é, para que ela não constitua uma violência externa restringindo a vontade do povo? Diversos filósofos contemporâneos sugerem retomar a ideia de unanimidade: não mais unanimidade “de fato”, efetiva, portanto, improvável, mas uma unanimidade “de direito”, hipotética, portanto, disponível. Nesta perspectiva, os indivíduos são tratados em igualdade e, como cidadãos, obedecem a leis que eles “poderiam” ou “deveriam” querer (mesmo se, na realidade, eles não as querem). Os membros da minoria não são tratados de maneira desigual se eles devessem em direito aprovar as leis que eles desaprovam de fato. Invocar o bem comum, nas democracias contemporâneas, consiste precisamente em invocar aquilo com que todos deveriam consentir e que é preciso promover, mesmo se nem todo mundo o admite. A dificuldade, apesar de tudo, é menos solucionada do que deslocada. Dado que o consenso real não existe, como concordar com o objeto de um consenso ideal?

Du consensus en démocratie

Égalité, unanimité, légitimité

Charles Girard

La démocratie exige le consensus. C'est du moins ce que suggère l'effort de tant de philosophes modernes pour fonder la légitimité de l'ordre politique sur l'accord unanime des citoyens. Deux exigences propres aux régimes démocratiques expliquent ce désir d'unanimité. D'une part, chaque individu, en tant que citoyen, doit être reconnu comme égal en droit à tout autre. D'autre part, le consentement des citoyens est la source de tout pouvoir légitime. Si tous ont le droit de participer à la prise de décisions politiques et que seule la volonté des citoyens justifie le caractère obligatoire de la loi, seules les lois prises à l'unanimité devraient, en principe, être reconnues comme légitimes. Seule l'« unanimité » pourrait réaliser la promesse du gouvernement du peuple, en permettant à chacun de « se gouverner » véritablement lui-même, c'est-à-dire de n'obéir qu'à des lois auxquelles il consent. Jean-Jacques Rousseau voyait ainsi, dans son Contrat social, l'accord de toutes les volontés comme le signe le plus sûr de l'expression de la volonté générale : « plus le concert règne dans les assemblées, c'est-à-dire plus les avis approchent de l'unanimité, plus aussi la volonté générale est dominante ; mais les longs débats, les dissensions, le tumulte, annoncent l'ascendant des intérêts particuliers et le déclin de l'État ».

Paula Cinquetti/Agência Senado



pourtant, menace la démocratie. Attendre qu'il se forme spontanément pour agir, c'est en réalité renoncer à agir – car dans de petites sociétés comme dans les sociétés de masse contemporaines, l'unanimité fait défaut. Vouloir faire advenir activement le consensus, c'est mettre en péril la pluralité des opinions – en par-



ticulier dans les sociétés contemporaines, abritant des cultures, des ethnies, des religions et des traditions multiples. La démocratie, dès lors, est soit impuissante, soit autoritaire. Ce dilemme hante les discours et les écrits sur le « débat public », désormais perçu par les théoriciens politiques, de John Rawls à Jürgen Habermas, comme le cœur de la vie démocratique. Si l'échange conflictuel et coopératif des avis et des idées ne conduit jamais au consensus, et qu'il ne nous épargne pas le recours à la règle majoritaire, pourquoi débattre ? Si l'effort de persuasion publique, visant l'accord du plus grand nombre, met en péril la diversité des opinions, ne faut-il pas s'en prémunir ? La délibération publique peut ainsi être soupçonnée de n'être qu'un substitut illusoire de l'introuvable consensus. Faut-il alors y renoncer ?

Abandonner toute référence à l'unanimité est certes envisageable. Dans des sociétés traversées par d'irréductibles désaccords, seul le soutien du plus grand nombre peut constituer un fondement pratique pour la légitimité. Mais dans un système fondé sur la règle de la majorité, les membres de la minorité, qui sont soumis à des lois qu'ils n'ont pas approuvées, peuvent juger qu'ils ne sont pas vraiment « traités à égalité » avec les membres de la majorité, qui sont soumis à des lois qu'ils ont approuvés. Il faut donc définir ce que la majorité a le droit d'imposer ou non à la minorité. Comment faire, alors, pour que cette délimitation des limites du pouvoir majoritaire reste de nature démocratique, c'est-à-dire pour qu'elle ne constitue pas une contrainte extérieure restreignant la volonté du peuple ? Maints philosophes contemporains suggèrent de renouer pour cela avec une autre idée d'unanimité : non plus l'unanimité « de fait », effective et donc introuvable, mais une unanimité « en droit », hypothétique et donc disponible. Dans cette perspective, les individus sont traités à égalité et en citoyens s'ils obéissent à des lois qu'ils « pourraient » ou devraient « vouloir » (même si, en réalité, ils ne les veulent pas). Les membres de la minorité ne sont pas traités de façon inégale s'ils devraient en droit approuver les lois qu'ils désapprouvent de fait. Invoquer le bien commun, dans les démocraties contemporaines, c'est précisément invoquer ce à quoi tous devraient consentir, et qu'il faut promouvoir, même si tout le monde ne l'admet pas. La difficulté, pourtant, est moins résolue que déplacée. Car si le consensus réel fait défaut, comment s'accorder sur l'objet d'un consensus idéal ?



Luiz Alberto Oliveira

Físico, doutor em cosmologia, pesquisador do Instituto de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica (ICRA-BR) do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF/MCT), onde também atua como professor de História e Filosofia da Ciência. É ainda curador de Ciências do Museu do Amanhã (em implantação) e professor convidado da Casa do Saber do Rio de Janeiro e do Escritório Oscar Niemeyer, dentre outras atividades. Escreveu ensaios para Tempo e história; A crise da razão; O avesso da liberdade; O homem-máquina; Ensaios sobre o medo; Ensaios sobre as novas configurações do mundo; A condição humana e A experiência do pensamento; Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011).

Homo civilis (ou Homo sapiens 2.0)

Luiz Alberto Oliveira

A Teoria da Evolução por Seleção Natural de Charles Darwin foi um dos maiores feitos das Ciências da Natureza, nos últimos 150 anos, ao vincular o desenvolvimento dos seres vivos a uma dupla contingência: por um lado, a deriva microscópica dos caracteres genéticos responsáveis pela hereditariedade; por outro, a ação, como causas livres, de grandes fatores ambientais que implementaram a seleção por adaptação e assim dirigiram a variação das espécies. Esse é o âmbito bio-ecológico no qual as origens de nossa própria espécie, Homo sapiens, podem ser adequadamente situadas. É possível argumentar, porém, que desde o surgimento da Civilização Técnica (associada à



aparição aproximadamente concomitante da agricultura, da cidade, da escrita e da matemática), há cerca de 12 mil anos, foram criadas as condições para uma artificialização crescente e cada vez mais ampla dos domínios da atividade humana. Essa artificialização teria dado lugar a um processo progressivo e cumulativo de conversão da ambiência humana, cada vez mais tecnicada, em um contexto impulsionador para essa própria atividade transformadora. A evolução darwiniana “pura” estaria sendo suplementada em ambas as di-

Moreira Martz/Agência Senado



Moreira Martz/Agência Senado

mensões fundamentais de contingência – quer em função da amplitude planetarizada dos empreendimentos econômicos, comparável às das grandes causas ambientais; quer devido à proliferação e difusão de extensões técnicas de movimento, sensibilidade e cognição que reconfiguram as potencialidades de ação e pensamento dos seres humanos. Através de processos em escala global como a urbanização e de tecnologias profundamente revolucionárias, como a manipulação antrópica do *design* básico de células, órgãos e organismos, estaria assim em curso uma mutação *sui generis*: embora a morfologia orgânica do *Homo sapiens* seja a mesma desde 120 mil anos, os humanos contemporâneos estariam experimentando uma autêntica deriva cognitiva, incomensurável aos padrões anteriores, rumo a uma “versão 2.0” da espécie, que poderemos chamar de *Homo civilis*. Uma especiação não-orgânica, correspondente a uma evolução da evolução, permitindo antever o aparecimento – ou antes, a produção – de um novo estágio da vida. Torna-se assim indispensável debater os aspectos éticos, políticos e históricos desta transição autogerada para uma condição neo-humana.



Sergio Paulo Rouanet

Doutor em ciência política pela USP, é autor de Édipo e o anjo (Tempo Brasileiro, 2007); Riso e melancolia (Companhia das Letras, 2007); Ideias da cultura global e universal (Marco Editora, 2003); Interrogações (Tempo Brasileiro, 2003); O espectador noturno e Os dez amigos de Freud (Companhia das Letras, 2003); Mal-estar na modernidade (Companhia das Letras, 1993); A razão cativa (Brasiliense, 1990); As razões do Iluminismo (Companhia das Letras, 1987). Publicou ensaios nos livros Os sentidos da paixão; O olhar; A crise da razão; Brasil 500 anos: a outra margem do Ocidente; O avesso da liberdade; O homem-máquina; O silêncio dos intelectuais; O esquecimento da política; Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo; A condição humana; Mutações: a experiência do pensamento; Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011).

Esquecimento da política: o caso da religião

Sergio Paulo Rouanet

Muitos se queixam, hoje em dia, de certa tendência à politização excessiva de certos temas e atividades. Exemplos dessa politização seriam a exploração eleitoral dos assassinatos de rua ocorridos há algum tempo em São Paulo ou o “aparelhamento” da administração pública através de nomeações político-partidárias para cargos de confiança, ou ainda a utilização de critérios partidários para orientar numa ou noutra direção as comissões parlamentares de inquérito, sem qualquer preocupação com a descoberta objetiva dos fatos.

E se tudo isso fosse um mal-entendido? E se em vez de política demais, tivéssemos política de menos? E se em vez da hipertrofia do político estivéssemos assistindo a um recuo da esfera pública, a uma atrofia do político, em todas as esferas, a um processo de esvaziamento progressivo do processo democrático?

Outrora, essa atrofia caracterizava os países totalitários, em que a onipotência do Estado produzia um encolhimento correlativo da sociedade civil, lugar por excelência do debate e da ação política. Com a democratização de grande parte do mundo, surgem ou se acentuam tendências globais, na esfera da economia, da sociedade e da ciência, que apontam para outras variedades de retração do político. Esse recuo se manifesta:

(1) em países sujeitos a um alto índice de exclusão social. A característica do capitalismo globalizado é seu caráter estruturalmente excludente. Ao contrário do capitalismo

clássico, em que a expulsão de parcelas da população trabalhadora assumia a forma de um exército de reserva, isto é, como a própria expressão indica, de uma força de trabalho que a qualquer momento podia ser “convocada” para retornar ao processo produtivo, a marginalidade hoje é muito mais definitiva, porque ela se compõe não só dos que perderam seu emprego como dos que nunca foram nem serão empregados. São os inassimiláveis do capitalismo atual, que, por serem excluídos, não podem exprimir seu ressentimento com a arma reservada aos protagonistas plenos do jogo político-partidário: a arma do voto. Em parte, é o que está na raiz da crescente criminalidade urbana, no Brasil, e da violência dos jovens da periferia, em Paris, que reagem, incendiando carros ou praticando atos de terrorismo, à sociedade que os tornou descartáveis. Comum aos bandidos paulistas e aos vândalos de Paris é a consciência de que estando excluídos do sistema social e político não têm nenhuma esperança de mudar pelo voto suas condições materiais de vida: não têm força política por estarem excluídos e estão excluídos por não terem nenhum poder de alterar o estado de coisas que os condenou à exclusão. Expulsos da política, só lhes resta a rua;

Lia de Paula/Agência Senado



Lia de Paula/Agência Senado

Ministro Carlos Fernando Mathias de Souza (E), Senador Rodrigo Rollemberg e o servidor do Senado Armando Rollemberg acompanham palestra de Sergio Paulo Rouanet

(2) na disjunção entre os dois polos do processo político, que numa democracia clássica estão unificados: o polo que manda (constituído pelos “sujeitos” do poder) em princípio é apenas a outra face do polo que obedece, (constituído pelos “destinatários” ou “objetos” do poder) porque, como afirmou Rousseau, ao submeter-se à lei que ele próprio promulgou o cidadão está obedecendo apenas a si mesmo. Essa unidade se rompe com a perda de autonomia introduzida pelo processo de globalização e pelo unilateralismo imperial da nação hegemônica. Somos todos “objetos” de poder, sofrendo os efeitos de decisões tomadas pelas corporações transnacionais ou pelo presidente dos Estados Unidos, mas não “sujeitos” de poder, pois não participamos da elaboração das diretrizes que vão nortear a estratégia empresarial de Bill Gates nem do processo político que levou à eleição de George W. Bush;

(3) na tendência a tratar problemas políticos como se fossem problemas técnicos ou burocráticos. A consequência é que esferas inteiras da vida social são subtraídas

ao debate público e à necessidade de justificação política, sob a alegação de que elas estão sujeitas apenas a imperativos técnicos, que estão sob a jurisdição de especialistas e não precisam de qualquer justificação. Essa tendência se mostra com especial clareza em agrupamentos como a União Europeia, em que decisões que normalmente deveriam ser submetidas às instâncias políticas apropriadas, dentro da própria União Europeia ou nos Estados-membros, são tomadas pelos “eurocratas” de Bruxelas. Foi a revolta diante dessa usurpação de poder que levou à rejeição do projeto de Constituição europeia, resultado em si indesejável, por sinalizar uma regressão para posições nacionalistas ultrapassadas, mas compreensível como reação ao esvaziamento do processo político europeu;

(4) também como reação parcial à globalização e ao unilateralismo norte-americano, na proliferação do terrorismo, que é a institucionalização da força, e portanto a mais completa rejeição da via democrática para a solução dos conflitos, baseada na livre argumentação e na discussão de todos os pontos de vista, e não na imposição unilateral de uma posição apoiada na violência;

(5) enfim, em certas linhas de pesquisa científica, que tendem para a construção biológica de um homem novo, dotado de predisposições genéticas que o encaminhassem automaticamente para comportamentos condizentes com o bem coletivo. Desapareceria, com isso, a necessidade da mediação política, forma tradicional de conciliar os interesses de indivíduos e grupos com o interesse social. Teríamos, em vez disso, a fabricação em laboratório de homens pós-políticos.

Esses fatores macroestruturais, de alcance global, são reforçados no Brasil por déficits internos de moralidade pública, que aceleram o processo de esvaziamento do político:



Senador Cristovam Buarque (C) participa da palestra

(a) índices sem precedentes de corrupção em toda a nossa classe política, associada à percepção por parte da opinião pública de uma impunidade generalizada, levam a um radical descrédito das instituições republicanas e preparam a população para uma solução extrapolítica;

(b) desaparece a exigência da *accountability*, da prestação de contas, que obrigava um homem público a justificar sua atuação, tornando-a transparente, isto é, plenamente acessível ao escrutínio dos eleitores. A prática do “caixa 2”, cujo principal efeito é subtrair à opinião pública dados sobre quem financia a campanha política dos vários candidatos, sonega informações que permitiriam controlar a integridade dos detentores de cargos eletivos, verificando se suas posições são de fato independentes, ou se são distorcidas pelos interesses dos doadores. Por isso a ideia de que a prática do “caixa 2” é um delito menor, comparado a crimes de corrupção financeira, demonstra uma total insensibilidade política, pois os crimes financeiros afetam apenas o bolso dos contribuintes, enquanto o “caixa 2” corrompe até a medula o mais valioso de todos os bens, a democracia. O que é visto como um atenuante é de fato um agravante. A exigência da *accountability* é frustrada, igualmente, quando os parlamentares se escondem atrás do voto secreto para acobertar sua participação em votações escandalosas, ignorando o direito dos eleitores de serem informados sobre cada ato que seus representantes executam no exercício dos seus mandatos;

(c) a representação partidária, no Congresso, vai sendo substituída pela representação corporativista. Nosso Parlamento é composto em grande parte de *lobbies* representando interesses setoriais (bancada ruralista, bancada evangélica, bancada das armas, bancada dos laboratórios farmacêuticos, bancada das faculdades particulares), cujos integrantes se encontram em todos os partidos, e estão entre os principais atores do jogo parlamentar, independentemente das legendas oficiais.

Em todos os exemplos acima, a política é deslocada por sucedâneos, como a tecnoburocracia, o terrorismo, a dominação imperial e a programação genética. Trata-se de um processo global, fortalecido por déficits internos de democracia, que talvez conduza, no limite, a um estado de coisas em que a própria memória do político, em que a própria recordação de que num certo momento do seu passado a humanidade julgou possível regular a vida social pelo discurso e pela ação política, sucumbam ao esquecimento. Ou será que a amnésia já se instalou? Seria ainda possível, nesse caso, recuperar o esquecido por uma anamnese coletiva?

O autor tentará responder a essa pergunta recorrendo ao exemplo da religião. Em sua variante fundamentalista, ela é talvez o obstáculo maior à política democrática, pois para o fundamentalismo a lei – seja ela a *sha’ria* islâmica, a *halachá* judaica ou a Bíblia cristã – emana diretamente de Deus, e não da vontade do povo soberano. Como o fundamentalismo não aceita a separação entre a Igreja e o Estado, os preceitos da fé se transformam em políticas governamentais. Mas será que, de outro ponto de vista, a religião não poderia levar a uma revitalização da democracia, como sustenta Jürgen Habermas?



Franklin Leopoldo e Silva

Professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP e professor-visitante no Departamento de Filosofia da UFScar. Publicou: Descartes, metafísica da modernidade (Moderna, 2005); Bergson: intuição e discurso filosófico (Loyola, 1994); Ética e literatura em Sartre (Unesp, 2004) e Felicidade; dos pré-socráticos aos contemporâneos (Claridade, 2007), além de ensaios nos livros A crise da razão; Tempo e história; O avesso da liberdade; Muito além do espetáculo; O silêncio dos intelectuais; O esquecimento da política; Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo; Vida, vício, virtude; A condição humana; Mutações: a experiência do pensamento; Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011).

Ética, moral e política

Franklin Leopoldo e Silva

A palavra grega *ethos*, origem do termo e do conceito de ética, é muitas vezes vertida para “costume”, tradução que, sem ser errada, nos faz, entretanto, perder aspectos importantes, e mesmo fundamentais, do significado, tendo em vista a relativa banalização de palavras como “costume”, “costumeiro”, pelas quais entendemos muitas vezes condutas repetitivas, reiteradas ou até automatizadas. Ora, o *ethos* remete a muito mais do que comportamento habitual, pois designa o modo de estar no mundo, a maneira pela qual determinado ser habita o mundo e o torna seu pela escolha de suas ações. No termo “etologia” este significado sobrevive obscuramente, na designação do objeto da disciplina científica. *Ethos*, relacionado a ética, quer dizer, pois, a maneira humana de habitar o mundo, isto é, os fundamentos da conduta enquanto expressão da consciência de si e dos outros.

“Moral” (do latim, *mores*) também significa costume, e esta acepção corre igualmente o risco de empobrecer a determinação “romana” do conteúdo semântico, pois também neste caso não se trata de um simples conjunto de hábitos que poderiam definir tipos de conduta, mas, sobretudo na Roma republicana, de uma singularidade a ser conquistada pelo cultivo de valores e modos de vida que distinguiriam o romano do bárbaro. Neste sentido, a virtude cívica, entendida como a força da romanidade, definiria a têmpera do cidadão, que lhe conferiria a marca de uma excelência moral como atributo específico.

É possível notar, em ambos os casos, a presença forte do aspecto político. Entre os gregos, a pertinência essencial do indivíduo a um conjunto de homens, fatos e

valores, seja no caso da aristocracia na época heróica ou arcaica, seja quanto à polis democrática da idade clássica. No caso de Roma, a construção e a consolidação de um “caráter” do cidadão e da cidade justifica a identificação cívica do indivíduo a algo que não é apenas um território, mas o *locus* de enraizamento dos valores mais condizentes com a ordem humana da liberdade, o mais nítido sinal de humanidade.

Na história que se seguiu, as significações originárias se transformaram e se perderam. “Ética” passou a significar a normatividade da conduta na escala da universalidade, e “moral” a qualidade dos atos pelos quais os indivíduos assumem regras e obrigações socialmente sistematizadas. Essa tendência à abstração dos modos de julgar a vida pode ser considerada decorrência do caráter abstrato que passa a ter o próprio indivíduo, na particularidade de sua função sócio-histórica na modernidade, isto é, de seu papel como agente econômico formalmente definido.

Paula Cinquetti/Agência Senado



Jonas Pereira/Agência Senado



É evidente que o processo de abstração do indivíduo burguês é paralelo ao progressivo desaparecimento da política, substituída pela gestão das necessidades no contexto de uma racionalidade instrumental. Daí a dificuldade que se experimenta, na atualidade, para definir e julgar ações políticas, bem como as responsabilidades inerentes. A moralidade privada seria insuficiente, dado o óbvio caráter público da política; mas a ética, ao estender o alcance de uma crítica a partir de valores, passa ao largo da esfera pública e se torna abstrata. Na verdade, as duas perspectivas estão em crise: de um lado, o indivíduo, ao demitir-se da sua subjetividade, perdeu contato com a singularidade moral e não atina com os limites do privado; de outro, a dissolução do espaço público impede que os indivíduos percebam o caráter concreto da vida política, a dimensão social da existência e as tensões históricas produtoras da aventura humana.



Renato Lessa

Professor titular de teoria e filosofia política do Departamento de Ciência Política da UFF, no qual é Coordenador Acadêmico do Laboratório de Estudos Hum(e)anos. É presidente do Instituto Ciência Hoje e Investigador Associado do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa e do Instituto de Filosofia da Linguagem, da Universidade Nova de Lisboa. Dentre os livros e ensaios sobre filosofia política que publicou, destacam-se: Veneno pirrônico: ensaios sobre o ceticismo (Francisco Alves, 1997); Agonia, aposta e ceticismo: ensaios de filosofia política (Editora da UFMG, 2003); Ceticismo, crenças e filosofia política (Gradiva, 2004); Pensar a Shoah (Relume Dumará, 2005); La fabbrica delle credenze (Iride, 2008); Montaigne's and Bayle's Variations (Brill, 2009); "The Ways of Scepticism" (European Journal of Philosophy and Public Debate, 2009) e Da interpretação à ciência: por uma história filosófica do conhecimento político no Brasil (Lua Nova, 2011). Publicou ensaios em O esquecimento da política; Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo; Vida, vício, virtude; A condição humana; Mutações: a experiência do pensamento; Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011).

Representação política: fundamentos e dilemas

Renato Lessa

A constituição de uma “sociedade política” – isto é, a de um conjunto de sujeitos políticos vinculados a um espaço público comum – resulta necessariamente de um ato ficcional, pelo qual um agregado demográfico atribui a si mesmo uma identidade, para além de dimensões primárias e acidentais. Jean-Jacques Rousseau, no Contrato Social, designava tal ato de invenção como o ato pelo qual um povo se faz um povo. Em outros termos, a ideia de sociedade política resulta de um ato de representação que constitui uma imagem vinculante, cujo caráter público e propriamente político repousa na invenção de formas práticas de associação.

A população ateniense do século 5 a.C., por exemplo, representava-se, a partir das reformas de Solon e Clístenes como, “polis”, assentada na soberania do “demos”. Ainda na chave exemplificadora, outra população, em fuga da escravidão no Egito, a partir de imposição, em circunstâncias não de todo esclarecidas, do decálogo mosaico, reafirmou sua representação como povo homogêneo, eleito e constituído a partir de um pacto divino. Poderíamos seguir com exemplos, para além do histórico e do bíblico aqui indicados, mas basta dizer que

há que distinguir, portanto, uma ideia de representação originária (chamemo-la R1) da de representação política (chamemo-la R2). Esta constitui o modo historicamente específico e particular de materialização da representação originária (R1), pelo qual se constitui uma comunidade política, fundada no princípio da representação política (R2). Não há, pois, relação necessária entre (R1) e (R2): a população ateniense, afinal, representava-se como comunidade cívica na qual não operava o princípio da representação política. Ou, se quisermos, é possível sustentar a possibilidade de outras formas de materialização da representação originária – que inventa um povo enquanto povo –, distintas do modo particular da representação política. Sendo assim, R1 poderia expressar-se por qualquer exemplar da série R2, R3, R4,....Rn.

Importa, pois, considerar o cenário no qual a forma específica de R1 afirma-se como R2, em um processo no qual se configurou o enquadramento normativo e institucional que interagiu com a crescente expressão de demandas democráticas. Coube, nos limites da experiência civilizatória na qual nos encontramos, à tradição liberal, fundada no século XVII e consolidada nos séculos seguintes, a



Jonas Pereira/Agência Senado

fixação de valores e normas para o enquadramento do processo de democratização (entendido como demanda difusa por igualdade). O sucesso da forma representação (R2) repousa no fato de que as demandas por igualdade e por representação acabaram por se sobrepor.

A apresentação pretende considerar alguns fundamentos da representação política, fixados no campo da filosofia política, indicando a dimensão necessariamente ficcional que encerra, assim como suas possibilidades de universalização. Por assentada em um fundamento ficcional – qual seja, o da possibilidade

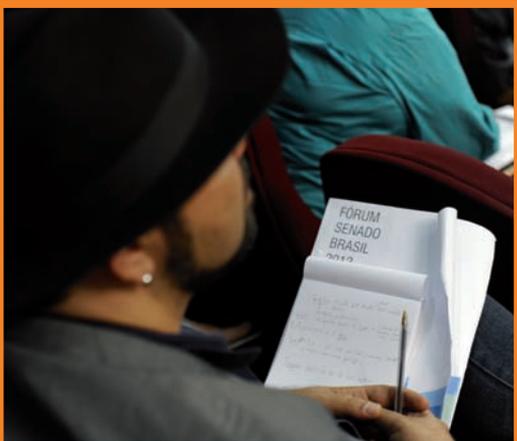
de se fazer presente por meio de uma distinção que sustenta uma ausência –, a representação política constitui-se, desde a partida, como processo de ex-



tensão possível ilimitada e não restrita necessariamente a segmentos sociais específicos. Tais limites, quando presentes, relevam mais de circunstâncias históricas específicas, do que fatores inerentes à ideia de que um corpo mínimo pode reencenar a presença de um corpo máximo.

Como será sugerido, a universalização da representação, pela extensão do direito de voto, constituiu a forma específica pela qual a demanda democrática por igualdade acabou associada à cultura da representação, conferindo-lhe abrangência crescente. Em adição, tal abrangência se fez presente tanto na introdução de alterações substantivas na dinâmica social como na configuração de uma forma histórica precisa e específica: o governo representativo fundado na extensão progressiva do sufrágio. Pretendo explorar a ideia de que a qualidade do experimento, mais além do que de seus aspectos técnicos internos – mas sem desprezar a sua relevância – depende da intensidade e da qualidade da demanda externa por igualdade. Em suma, a análise do sistema representativo – pelo fato de estar ele fundado na suposição de uma relação entre um interior e um exterior – não pode limitar-se a considerações de corte internalista. Como notou, há muito, Alexis de Tocqueville, a democratização – enquanto demanda por igualdade – é uma dimensão constitutiva das sociedades modernas. Se a forma política é afetada, por certo, pelo engenho e pela arte – ou por sua falta – dos reformadores, é o seu exterior que contém as reservas mais fundas de exigências para a operação da forma representativa.

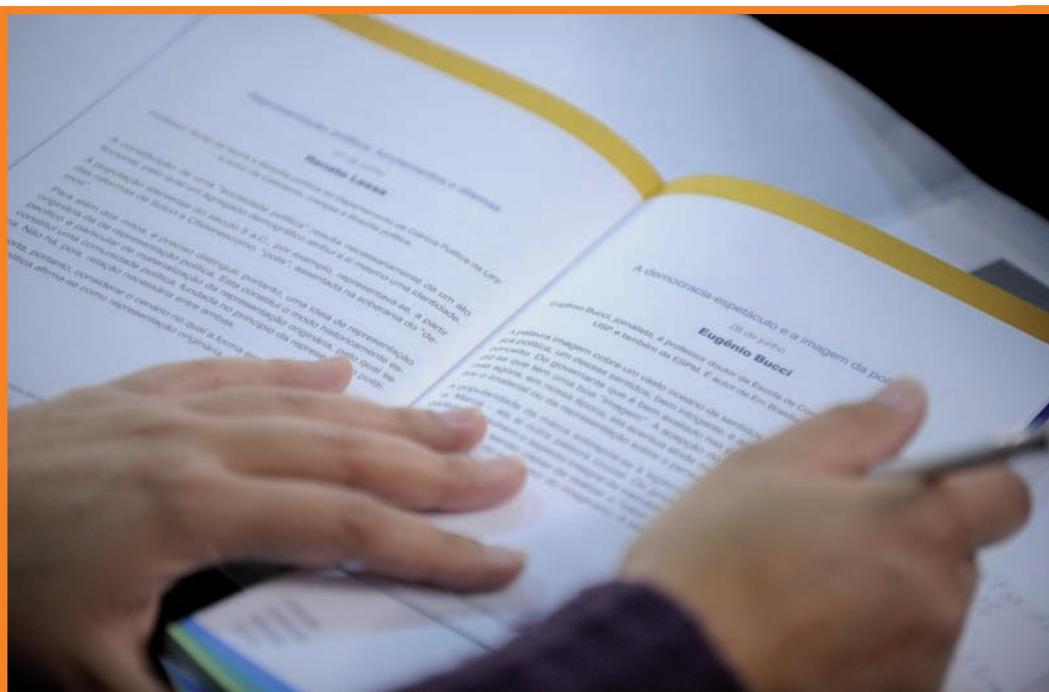
Paula Cinquetti/Agência Senado



Paula Cinquetti/Agência Senado



Lia de Paula/Agência Senado



Lia de Paula/Agência Senado



Lia de Paula/Agência Senado





Eugênio Bucci

Jornalista, é professor doutor da Escola de Comunicações e Artes da USP e também da ESPM. Escreve quinzenalmente para o jornal O Estado de S. Paulo e é colaborador do site Observatório da Imprensa. É autor de, entre outros livros, Sobre ética e imprensa (Companhia das Letras, 2000); Videologias, em parceria com Maria Rita Kehl (Boitempo, 2004); Em Brasília, 19 horas (Record, 2008); e A imprensa e o dever da liberdade (Contexto, 2009). Foi editor de revistas, Secretário Editorial da Editora Abril e presidente da Radiobrás. Integrou o Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Participou como ensaísta do livro A condição humana.

A democracia-espetáculo e a imagem da política

Eugênio Bucci

A palavra imagem cobre um vasto oceano de sentidos. Do ponto de vista da prática política, um desses sentidos, bem intrigante, é aquele que substitui a palavra conceito. Do governante que é bem avaliado nas pesquisas de opinião pública, diz-se que tem uma boa “imagem”. A acepção do termo não é nova, por certo, mas agora, em nossa época, ela acentua ainda mais a prevalência do visível sobre o imaterial, da forma externa sobre o suposto conteúdo, do fênótipo sobre a ideia, da representação sobre o pensamento. Para o político, a boa imagem não é apenas desejável – ela parece ser tudo, tudo o que importa.

A popularidade da marca se sobrepõe à legitimidade da proposta, soterrando-a. Marca – eis aí outra palavra crucial. Se, nos tempos dos totalitarismos, que se formataram ainda na primeira metade do século XX, a identidade visual do partido era transplantada no cerne e na pele do Estado, feito tatuagem, transfigurando a mística de um fanatismo partidário qualquer em estética oficial, hoje, todos os governos, autoritários ou não, duradouros ou não, adotaram o rito de criar para si, mais que uma marca, uma logomarca, um logotipo comercial. Os governos, como os políticos ou os partidos, adquirem o aspecto integral da mercadoria. A imagem do governo (cristalizada em sua logomarca, mas não contida dentro dela) passa a funcionar como a imagem da mercadoria – imagem que é, também ela, mercadoria à parte. Nesse regime, o voto opera como moeda, sendo capaz de realizar o “valor de troca” da logomarca política na indústria (e no mercado) do imaginário. A estetização do Estado deixa de ser exceção: é a regra. A democracia, por fim, transmuta-se em espetáculo.



Aí, o debate político escorre para fora do estatuto da razão e se converte numa categoria imaginária em estreita ligação com a indústria do entretenimento. A política precisa entreter, seduzir, divertir, gerar vínculos afetivos, proporcionar o gozo estético. É assim que, de uns quinze anos para cá, os comícios de Primeiro de Maio desabrocham em *megashows* de forró, duplas sertanejas e pagodão.

Quanto ao Estado, também ele, por fim, assume funções próprias de agência de publicidade, escritório de promoção de eventos e de emissoras de rádio e televisão. O Estado vira o Estado-anunciante – com um crescimento vertiginoso das verbas de publicidade oficial em veículos públicos e privados. Não apenas no Brasil, mas nas Américas e em toda parte. Fora daqui, mas às vezes perto daqui, os regimes ainda autoritários ou tendentes a totalitários monopolizam, sobre suas sociedades, a fabricação e a difusão de ícones que abasteceram o mercado (por vezes estatizado) do imaginário. De um lado a outro, os políticos constroem suas imagens pessoais (privadas) valendo-se de verba pública.

É nesse contexto que a palavra “imagem”, com seus significados múltiplos, mas compactados num sentido geral único, impera, soberana. Que democracia vai brotando dessa grande mutação?

Essa pergunta vale uma conversa.





Vladimir Safatle

Professor livre-docente do Departamento de Filosofia da USP, professor-visitante das Universidades de Paris VII, Paris VIII, Toulouse e Louvain, bolsista de produtividade do CNPq, autor de: Fetichismo: colonizar o Outro (Civilização Brasileira, 2010), La passion du négatif: Lacan et la dialectique (Georg Olms, 2010), Cinismo e falência da crítica (Boitempo, 2008), Lacan (Publifolha, 2007) e A paixão do negativo: Lacan e a dialética (Unesp, 2006). Desenvolve pesquisas nas áreas de epistemologia da psicanálise, desdobramentos da tradição dialética hegeliana na filosofia do século XX e filosofia da música. Participou das coletâneas: A condição humana e Mutações: a experiência do pensamento; Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011).

A democracia para além do Estado democrático de direito

Vladimir Safatle

“Mas o Estado democrático excede os limites tradicionalmente atribuídos ao Estado de direito. Experimenta direitos que ainda não lhe estão incorporados, é o teatro de uma contestação cujo objeto não se reduz à conservação de um pacto tacitamente estabelecido, mas que se forma a partir de focos que o poder não pode dominar inteiramente.” Quem diz isso não é



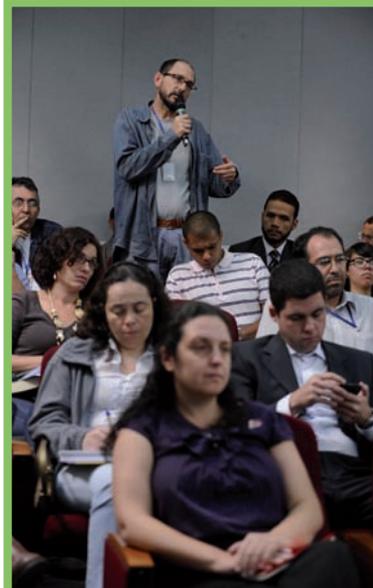
um adepto da esquerda revolucionária que estaria à procura do melhor momento para solapar as bases do Estado de Direito. Quem o diz é Claude Lefort, em *A invenção democrática*, um livro, ao contrário, largamente dedicado à crítica das sociedades burocráticas no antigo Leste Europeu.

Nessas frases estão sintetizadas algumas reflexões maiores sobre a relação intrincada entre Justiça e Direito. Relação que ultimamente tendemos a ignorar, como se tudo aquilo que acontecesse à margem do Estado de direito fosse necessariamente ilegal e profundamente animado por premissas antidemocráticas. Talvez

Lia de Paula/Agência Senado



Lia de Paula/Agência Senado



tenhamos perdido a capacidade de pensar qual o sentido dessa democracia que “excede os limites tradicionalmente atribuídos ao Estado de direito”. Pois acreditamos que tudo o que se coloca fora do Estado de direito só poderia ter parte com o mais claro totalitarismo.

No entanto, a democracia reconhece a existência de uma soberania popular que pode, muitas vezes, ser a voz de exigências de justiça que ainda não encontram lugar no interior do ordenamento jurídico atual. Neste sentido, a democracia reconhece a possibilidade de dissociações entre direito e justiça, assim como reconhece a legitimidade de violações políticas do direito ou, ainda, a legitimidade do direito à resistência contra situações nas quais a realização de exigências substanciais de liberdade encontra-se bloqueada.

Trata-se então de discutir essa necessidade fundamental da democracia para admitir uma política para além do Estado de direito. Trata-se ainda de procurar compreender porque amplos setores do pensamento conservador nacional procuram, de maneira cada vez mais brutal, desqualificar tal debate.



Frédéric Gros

Professor da Universidade Paris-Est Créteil (UPEC) e editor dos últimos cursos de Michel Foucault no Collège de France. É autor de livros sobre a história da psiquiatria e filosofia penal. Estabeleceu, com Arnold Davidson, uma antologia de textos de Foucault: *Philosophie (Folio essais 443, Gallimard, 2004)*. Escreveu ainda: *Caminhar, uma filosofia (Ed. Relizações, 2010)* e *États de violence – Essai sur la fin de la guerre (Gallimard, 2006)*.

Participou das coletâneas: *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo e Mutações: a experiência do pensamento; Mutações: a invenção da crença (SESC SP, 2011)*.

Introdução às ciberdemocracias: elementos para uma antropologia do Homo connecticus

Frédéric Gros

As novas tecnologias da informação e da comunicação trouxeram às nossas existências cotidianas mutações importantes na percepção do tempo e do espaço, mas também na nossa relação com nós mesmos e com os outros. Nasceu um indivíduo: o Homo connecticus. Essas novas técnicas produziram consequências importantes na vida política dos países desenvolvidos. Fala-se hoje em democracia digital, democracia eletrônica ou mesmo “ciberdemocracia” e “cibercidadão”. Com efeito, as tecnologias modernas transformam profundamente nossas práticas políticas e representam ao mesmo tempo novas possibilidades e novos perigos para a democracia. Trata-se inicialmente de novo acesso à cultura. A “web” transformou consideravelmente a relação com o conhecimento, tornando disponíveis os conteúdos de saber antes reservados a uma elite intelectual. A relação com a cultura democratizou-se graças a esse acesso. Entretanto, essa facilidade apresenta inconvenientes: as informações tornaram-se muito numerosas, elas não são hierarquizadas nem verificadas, de tal forma que se pode dizer que os conteúdos de conhecimento na web tornaram-se tão acessíveis quanto pouco confiáveis. Esse acesso não diz respeito apenas ao saber constituído, acadêmico, mas às informações que se referem à atualidade. A partir de agora, não é preciso esperar os jornais da noite para se informar sobre este ou aquele acontecimento: a internet criou a informação em tempo real. A difusão da informação tornou-se fácil e rápida. Os regimes políticos não podem mais, como antes, exercer uma censura total da informação: imagens e vídeos, suscitando a indignação da opinião pública mundial, são difundidas por inter-

médio das redes sociais. Mas a *web* não é apenas uma fonte de documentação ou informação, tornou-se também um espaço de discussão, diálogo e debate. Essa segunda dimensão favoreceu o tema de uma democracia moderna mais participativa. A cidadania não se exprime hoje apenas através do direito de voto nas eleições. A relação com os dirigentes políticos tornou-se muito mais crítica: seus argumentos, suas decisões são comentadas, criticadas, refutadas. É a relação com as autoridades que está transformada: tudo se discute, se argumenta, torna-se discutível.

Os especialistas atrás dos quais os políticos se dissimulam para justificar suas decisões provocam de imediato contraespecialistas. Essa agitação crítica, se ela manifesta uma vitalidade democrática, ganha às vezes aspectos mais sombrios: a *web* permite uma maior e mais profunda difusão dos rumores; pode-se facilmente propagar contra-verdades. Nada é verificado e tudo flutua sem cessar. As redes sociais (*Facebook* ou *Twitter*) desencadearam uma última mutação importante: a da relação do homem público e do cidadão. A *web* criou a ilusão de uma relação direta entre o homem público e seus representados: o eleito dirige-se diretamente a seus administrados, de “cibernauta” a “cibernauta”. Essa relação direta é acompanhada da erosão nas democracias contemporâneas dos corpos intermediários (partidos políticos, sindicatos etc.). Essa maneira de pôr em causa a representação é denunciada às vezes como perigosa porque poderia levar as democracias a uma nova forma de totalitarismo democrático: o “cibertotalitarismo” (tornado possível também pelas novas técnicas de vigilância e controle). As novas tecnologias desenham pois o rosto de uma nova democracia: uma democracia direta, imediata, participativa, transparente, que comporta sua parte de luz e sombra.



Lia de Paula/Agência Senado

Introduction aux cyberdémocraties (éléments pour une anthropologie de l'homo connecticus)

Frédéric Gros

Les nouvelles technologies de l'information et de la communication ont entraîné, pour nos existences quotidiennes, des mutations importantes, dans notre perception du temps et de l'espace, mais aussi dans notre rapport à nous-mêmes et aux autres. Un nouvel individu est né : l'homo connecticus. Ces nouvelles techniques ont eu des conséquences importantes sur la vie politique des pays développés. On parle aujourd'hui de démocratie numérique, de démocratie électronique ou même de "cyberdémocratie" et de "cybercitoyen". Les technologies modernes transforment en effet profondément nos pratiques politiques et représentent à la fois de nouvelles possibilités et de nouveaux dangers pour la démocratie. Il s'agit d'abord d'un nouvel accès à la culture. Le "web" a considérablement transformé le rapport à la connaissance en rendant disponibles à tous des contenus de savoir autrefois réservés à une élite intellectuelle. Le rapport à la culture s'est démocratisé grâce à cette accessibilité. Cette facilité présente cependant des inconvénients : les informations sont devenues trop nombreuses, elles ne sont ni hiérarchisées, ni vérifiées, de telle sorte qu'on peut dire que les contenus de connaissance sur le web sont devenus aussi accessibles que peu fiables. Cette accessibilité ne concerne pas seulement le savoir constitué, académique, mais aussi les informations concernant l'actualité. Il n'y a plus désormais à attendre les journaux du soir pour se renseigner sur tel ou tel événement : Internet a créé l'information en temps réel. La diffusion de l'information est devenue facile et rapide. Les régimes politiques ne peuvent plus exercer comme autrefois une censure totale de l'information : des images et des vidéos,

Paula Cinqretti/Agência Senado



Paula Cinqretti/Agência Senado



suscitant l'indignation de l'opinion publique mondiale, sont diffusées par le biais des réseaux sociaux. Mais le "web" ne constitue pas seulement une source de documentation ou d'information, il est aussi devenu un espace de discussion, de dialogue et de débat. Cette deuxième dimension a favorisé le thème d'une démocratie moderne plus participative. La citoyenneté aujourd'hui ne s'exprime plus seulement par le droit de vote aux élections. Le rapport aux dirigeants politiques est devenu beaucoup plus critique : leurs arguments, leurs décisions sont commentés, critiqués, réfutés. C'est le rapport aux autorités qui se trouve par là transformé : tout se discute, s'argumente, devient discutable. Les expertises derrière lesquelles les politiques se dissimulent pour justifier leurs décisions entraînent aussitôt des contre-expertises. Cette agitation critique, si elle manifeste une vitalité démocratique, prend parfois des aspects plus sombres : le "web" permet une diffusion plus large et plus profonde des rumeurs, on peut facilement propager des contre-vérités. Rien n'est vérifié, et tout fluctue sans cesse. Les réseaux sociaux (les comptes Facebook ou Twitter) ont entraîné une dernière mutation importante : celle du rapport de l'homme publique et du citoyen. Le Web crée l'illusion d'un rapport direct entre l'homme politique et ses administrés : l'élu s'adresse directement à ses administrés, de "cybernaute" à "cybernaute". Cette relation directe s'accompagne de l'érosion dans les démocraties contemporaines des corps intermédiaires (partis politiques, syndicats, etc.). Cette remise en cause de la représentation est dénoncée parfois comme dangereuse, car elle pourrait entraîner les démocraties vers une nouvelle forme de totalitarisme démocratique : le "cybertotalitarisme" (rendu possible aussi par les nouvelles techniques de surveillance et de contrôle). Les nouvelles technologies dessinent donc le visage d'une nouvelle démocratie : une démocratie directe, immédiate, participative, transparente, qui comporte sa part de lumière et d'ombre.



Helton Adverse

*Doutor em filosofia pela UFMG, é atualmente professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma universidade. Tem diversos trabalhos publicados na área de filosofia política, notadamente o livro *Maquiavel. Política e Retórica* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009) e a organização, apresentação e tradução de *Maquiavel. Linguagem e Poder* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010).*

Recentemente publicou artigos sobre Michel Foucault, Hannah Arendt e Maquiavel em diversos periódicos especializados.

Democracia Liberal e Governamentalidade

Helton Adverse

Nos fundamentos da moderna concepção liberal de democracia estão as noções de direitos humanos, soberania popular e liberdade individual. Contudo, uma investigação sobre a gênese do Estado moderno permite compreender que a democracia está intimamente associada à ideia de governo e, mais especificamente, de governamentalidade. Para compreendermos esta noção temos de nos referir ao trabalho investigativo realizado por Michel Foucault na segunda metade da década de 1970. Para o filósofo francês, a democracia liberal não pode ser devidamente compreendida se desconsiderarmos a natureza das relações de poder que a condicionam, e, ao mesmo tempo, são por ela condicionadas. Essas relações se cristalizam naquilo que ele denominou de governamentalidade.

O fenômeno da governamentalidade, ainda segundo Foucault, teria seu início no século XVI, consistindo, em linhas gerais, em uma extensão a todo corpo social das práticas de governo forjadas originalmente no interior das instituições religiosas. A partir da Antiguidade Tardia e até o final da Idade Média formaram-se as “artes de governar” no quadro da instrução religiosa e, sobretudo, no trabalho de orientação espiritual. Essas técnicas de “condução de vida” ganharam uma notável expansão no mesmo momento em que os Estados nacionais consolidaram seu poder na Europa, ultrapassando o âmbito restrito do monastério para adquirir uma dimensão política. A disseminação das técnicas de condução, com sua conseqüente aplicação política, constitui, então, o cerne do fenômeno da governamentalização.

Se, de um lado, o efetivo exercício do poder do Estado moderno é informado pelas técnicas de condução, por outro ele dará ensejo a uma elaboração con-

ceitual ou ideológica (não tomando este termo, contudo, no sentido de Marx). Isso significa que a governamentalidade se constitui também como uma “prática refletida de governo” cuja história pode ser dividida em dois momentos: o primeiro coincide com o desenvolvimento das teorias da “razão de Estado”, enquanto o segundo corresponde à formação da “Economia política”, núcleo da racionalidade política liberal.

Lia de Paula/Agência Senado



Lia de Paula/Agência Senado

Como podemos ver, o liberalismo – e a forma de organização política democrática que ele reivindica como aquela que lhe é mais afim – encontra sua motivação inicial e mais profunda na necessidade de governar a vida, em vez daquilo que estamos habituados a denominar de “luta pelo reconhecimento dos direitos fundamentais”. A democracia moderna (em sua acepção liberal) é, então, afetada por um paradoxo: o ímpeto libertário e o desejo de liberdade que animam seu gesto inaugural não podem ser desvencilhados das práticas de poder que eles visam combater. A promessa de liberdade (e este é um dos traços daquilo que Foucault chamou de “biopolítica”) está integrada às formas de dominação.



Lia de Paula/Agência Senado



Renato Janine Ribeiro

Professor de filosofia política e estética na USP. Publicou, entre outros livros, A marca do Leviatã, A etiqueta do Antigo Regime, Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo, além de ensaios nas coletâneas Os sentidos da paixão, O olhar, Ética, Tempo e história, Arte-pensamento e Libertinos libertários, editados pela Companhia das Letras.

A palavra livre e infeliz

Renato Janine Ribeiro

Nunca houve tanta liberdade de palavra no mundo. O debate a respeito, nos séculos que precederam a democracia, pode ser resumido em duas formulações de dois filósofos em princípio muito parecidos nos fundamentos de suas teorias políticas. Para Hobbes, a liberdade de expressão acentua extraordinariamente o poder de fratura e divisão que mina – dada a natureza humana – o poder político e, por conseguinte, a paz entre os homens. A palavra, em seu poder como signo, é o maior perigo para a paz. Já para Espinosa, a liberdade de expressão em nada ameaça o poder de Estado, o que permitiria conciliar um Estado no qual a soberania se exercesse forte e a livre expressão, justamente porque ela não ameaça o poder público. Talvez aqui resida uma oposição séria, não apenas entre liberdade de expressão e poder político, mas entre duas formas de ver a própria liberdade de palavra em sua dimensão política. É óbvio que simpatizamos com Espinosa e com todos os que defenderão a tolerância daí em diante. Mas é forçoso reconhecer que essa tolerância tem como preço certa minimização dos poderes da palavra. Se a palavra não ameaça o poder, é porque a ela falta poder. Hobbes presta, assim, uma homenagem maior aos poderes da palavra.

Essa questão torna-se candente em nosso tempo e em nosso País. Nunca tivemos tanta liberdade de palavra. No entanto, se pensarmos em seu alcance, ele é pequeno. Em primeiro lugar, há uma decepção – nossa e quase mundial – com as possibilidades de transformação social que a palavra livre em política possa ter operado. Ela gera um convívio melhor, mas não proporciona transformações sociais como aquelas necessárias para eliminar a miséria e a injustiça social. Em segundo lugar, se pensarmos nos quatro poderes tradicionais (soando aos do século XVIII o da imprensa e da mídia em geral), o fato é que os



Lia de Paula/Agência Senado

dois poderes cuja força reside na palavra se têm mostrado os mais frustrados e frustrantes. Ao Executivo e ao Judiciário cabe, em alguma medida, pelas suas deliberações, agir. Ao Legislativo e à imprensa, isso não cabe ou cabe muito menos. O Parlamento, como indica seu nome, fala. A imprensa faz o mesmo. Haverá então um desequilíbrio, uma frustração, que torna esses poderes relativamente impotentes e assim causa uma amargura, uma série de problemas a isso relacionados? Seria o caso de repensar o recorte do poder – pelo menos, dos três poderes institucionais – de modo que o Legislativo não se sentisse inerte? São essas as hipóteses que queremos explorar.



Lia de Paula/Agência Senado

O Fórum na imprensa



Apolitismo como ameaça à democracia inaugura ciclo de debates do Fórum Senado Brasil 2012

Não só as ditaduras são inimigas da democracia, mas também o apolitismo. As tiranias, em todas suas formas, são o inimigo externo e o afastamento da política, o grande adversário interno. É o que defende o filósofo francês, Francis Wolff, conferencista de “O apolitismo, a maior ameaça à democracia”, do ciclo de debates “Democracia em tempos de mutações” que começa nesta quarta-feira no Senado Federal, e se realiza sempre às 18h30, no auditório do Interlegis. O evento se estenderá por 11 dias consecutivos (até 7 de agosto), com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. Aberto ao público, o fórum oferece inscrições pelo site (com direito a certificado) ou no próprio auditório.

Francis Wolff tece a seguinte imagem: o povo está para a democracia, como Don Juan para as mulheres – a conquista mobiliza toda a sua energia, mas a posse o entedia. “O povo parece politizado quando aspira à democracia, mas se ele a obtém, afasta-se da política”, insiste. Wolff é professor de filosofia da École Normale Supérieure de Paris. Foi professor na Universidade de Paris-Nanterre e na Universidade de São Paulo (USP). É autor de artigos e livros dedicados à filosofia antiga, à filosofia da linguagem e à metafísica contemporânea (confira programação e conferencistas no site do evento).

A palestra agendada para esta quinta-feira é do também francês e filósofo Charles Girard, sobre “O consenso na democracia – igualdade, unanimidade e legitimidade”. Ele discute a idéia, suas contradições e limites a serem delineados: “Em um sistema fundado sobre a regra da maioria, os membros da minoria – submetidos a leis que não aprovaram – podem julgar que não são verdadeiramente ‘tratados com igualdade’ em relação aos membros da maioria – submetidos a leis que aprovaram”. Nesse caso, argumenta, é preciso então definir o que a maioria tem direito de impor, ou não, à minoria. Charles Girard é doutor em filosofia e é professor da Universidade Sorbonne de Paris.

Fórum Senado Brasil 2012

Tendo como moderador nos dois primeiros dias de debate o jornalista e professor brasileiro Adauto Novaes, o ciclo de debates que investiga o tema de democracia em seus diferentes aspectos, inaugura o Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial do Senado, instituída pelo presidente José Sarney, para fomentar a reflexão na Casa. Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

Para o presidente Sarney, “temas como esses devem fazer parte da reflexão do Senado Federal. Para isso, vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir os cenários do nosso futuro.” O Fórum busca envolver o Legislativo e a sociedade brasileira, numa avaliação da primeira década do século XXI, como forma de se pensar o futuro.

21/06/2012

Professor da Sorbonne fala sobre o consenso na democracia

O professor da Universidade Sorbonne de Paris e doutor em filosofia, Charles Girard, palestrante de hoje do Fórum Senado, considera que "duas exigências próprias ao regime democrático explicam esse desejo de unanimidade. De um lado, cada indivíduo, enquanto cidadão, deve ser reconhecido como igual em direito como qualquer outro. De outro, o consentimento dos cidadãos é a fonte de todo poder legítimo".

Girard, no entanto, observa: "Apesar de tudo, o consenso ameaça a democracia. Esperar que ele se forme espontaneamente para agir é, na realidade, renunciar a agir – porque em pequenas sociedades, como nas sociedades de massa contemporâneas, não existe unanimidade". E completa: "Abandonar toda referência à unanimidade é coisa a considerar".

Hoje, a partir das 19h, no auditório do Interlegis, no Senado, os inscritos no Fórum Senado Brasil 2012 (inscrições) poderão conferir as reflexões do professor Charles Girard.

Secretaria de Imprensa da Presidência do Senado

Filósofo francês fala sobre riscos do 'apolitismo' para a democracia

Paulo Cezar Barreto

O professor de Filosofia Francis Wolff, da Escola Normal Superior de Paris, abriu nesta quarta-feira (20), no auditório do Interlegis, o Fórum Senado Brasil 2012. A primeira série de conferências do fórum é sobre democracia. Wolff falou do apolitismo como consequência da democracia.

Na conferência de quarta-feira, Wolff alertou para o seguinte paradoxo: assim que o povo oprimido por um tirano conquista a liberdade, usa-a para não se envolver na política.

O professor distinguiu o egoísmo do individualismo, salientando que este é um produto da sociedade democrática que favorece a "subjetiviza-

Pedro França / Agência Senado



ção" dos indivíduos e os permite realizar-se sem relação de dependência à comunidade. Para ele, isso faz com que as pessoas se excluam da vida pública. Como "não há vácuos de poder", segundo Wolff, os cidadãos entregam seu poder de decisão a políticos profissionais, o que gera incompreensão e antipatia em relação à classe política e acaba favorecendo os corruptos.

Para Wolff, o apolitismo se manifesta em diversas formas, como a abstenção eleitoral na Europa e o consumismo exacerbado. O professor apontou a ação de igrejas evangélicas como portadoras do conflito da "salvação eterna contra a pólis".

Pedro França / Agência Senado



O embaixador Jerônimo Moscardo, presidente da comissão organizadora do Fórum Senado Brasil 2012, abriu a conferência salientando a preocupação do presidente da Casa, José Sarney, de "articular a massa cinzenta" de um país que atinge o posto de sexta economia mundial. Moscardo espera que os intelectuais convidados provoquem a elite a pensar sobre o país:

É preciso retomar o entusiasmo. Que projeto estamos formulando para o Brasil?

Os seminários começam sempre às 19h e a entrada é gratuita. Os interessados podem inscrever-se pela internet (www.senado.gov.br/senado/forumsenado2012).

Agência Senado

22/06/2012

Físico e filósofo discute "nova definição do homem": o Homo civilis

Dando sequência às palestras do Fórum Senado Brasil 2012, o auditório do Interlegis, no Senado, recebe hoje o físico e filósofo Luiz Alberto Oliveira. Doutor em cosmologia e pesquisador do Instituto de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, Oliveira discutirá a nova definição do homem, a partir das grandes mutações provocadas pela ciência e pela biotecnologia que exigem nova relação com a política. Torna-se assim indispensável, diz Luiz Alberto Oliveira, debater os aspectos "éticos, políticos e históricos desta transição autogerada para uma condição neo-humana".

Hoje, a partir das 19h, no auditório do Interlegis, no Senado, os inscritos no Fórum Senado Brasil 2012 (inscrições) poderão conferir esses e outros pensamentos de Luiz Alberto Oliveira.

O filósofo francês Charles Girard afirma que "o consenso ameaça a democracia"



Pedro França / Agência Senado

"O consenso ameaça a democracia. Esperar que ele se forme espontaneamente para agir é, na realidade, renunciar a agir – porque em pequenas sociedades, como nas sociedades de massa contemporâneas, não existe unanimidade. Querer criar ativamente o consenso é por em perigo a pluralidade das opiniões

– em particular nas sociedades contemporâneas, que abrigam culturas, etnias, religiões e múltiplas tradições". Dessa forma, o professor da Sorbonne, filósofo francês Charles Girard, fez, ontem à noite, a defesa das minorias, na segunda conferência do Fórum Senado Brasil 2012. Mais uma vez, o auditório do Interlegis ficou totalmente ocupado, com salas adjacentes reproduzindo a palestra através de telões, com tradução simultânea.

"Sobre o consenso na democracia: igualdade, unanimidade e legitimidade", foi o título da palestra de Charles Girard. A repressão e as restrições aos direitos das minorias na democracia foi observada pelo filósofo. Leia trechos da pales-

tra: "Este dilema frequenta os discursos e os escritos sobre o "debate público", percebido pelos teóricos políticos, de John Rawls a Jürgen Habermas, como o coração da vida democrática. Se a troca conflitual e cooperativa das opiniões e ideias jamais conduz ao consenso e não nos livra do recurso à regra da maioria, por que debater?"

"Se o esforço e a persuasão pública, visando ao acordo do maior número, põem em perigo a diversidade de opiniões, não seria prudente se precaver? A deliberação pública pode assim tornar-se suspeita de ser apenas o substituto ilusório do jamais encontrado consenso. Mas deve-se renunciar a ele? Abandonar toda referência à unanimidade é coisa a considerar. "

“Em sociedades dominadas por irreduzíveis desacordos, apenas a garantia do maior número pode constituir um fundamento prático para a legitimidade. Mas em um sistema fundado sobre a regra da maioria, os membros da minoria, que são submetidos a leis que eles não aprovaram, podem julgar que eles não são verdadeiramente "tratados com igualdade" com relação aos membros da maioria, que são submetidos a leis que aprovaram. É preciso, pois, definir o que a maioria tem o direito de impor ou não à minoria.”

“Como fazer então para que essa demarcação dos limites do poder majoritário permaneça de natureza democrática, isto é, para que ela não constitua uma violência externa restringindo a vontade do povo? Diversos filósofos contemporâneos sugerem retomar a ideia de unanimidade: não mais unanimidade "de fato", efetiva, portanto, improvável, mas uma unanimidade "de direito", hipotética, portanto, disponível. Nesta perspectiva, os indivíduos são tratados em igualdade e, como cidadãos, obedecem a leis que eles ‘poderiam’ ou ‘deveriam’ querer (mesmo se, na realidade, eles não as querem).”

"Os membros da minoria não são tratados de maneira desigual se eles deverem em direito aprovar as leis que eles desaprovam de fato. Invocar o bem comum, nas democracias contemporâneas, consiste precisamente em invocar aquilo com que todos deveriam consentir e que é preciso promover, mesmo se nem todo mundo o admite. A dificuldade, apesar de tudo, é menos solucionada do que deslocada. Dado que o consenso real não existe, como concordar com o objeto de um consenso ideal? "

25/06/2012

Com o tema religião e democracia, fórum recebe hoje Sergio Rouanet

A volta de religiões, em suas variantes fundamentalistas; países sujeitos a alto índice de exclusão social; a tendência de se tratar problemas políticos como se fossem técnicos; a proliferação do terrorismo como reação antiamericana e frente à globalização. Estes são alguns dos vários aspectos que caracterizam o recuo na política, segundo o cientista político Sergio Paulo Rouanet. Ele trata do tema hoje em "Religião e democracia", palestra do ciclo de debates "A democracia em tempos de mutações" e que inagura o Fórum Brasil Senado 2012.

Os debates se realizam todos os dias no Senado Federal até 3 de julho (com conferência de encerramento em 7 de agosto), sempre às 18h30, no auditório do Interlegis, com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. É aberto ao público e as inscrições podem ser feitas pelo *site* ou no local, com direito a certificado. Perguntas serão abertas ao público ou poderão ser realizadas através do [twitter@senadofederal](https://twitter.com/senadofederal). Sergio Paulo Rouanet é cientista político e ensaísta, pós-graduado em Filosofia e Economia. Diplomata de carreira, ocupou os postos de cônsul-geral e embaixador. Doutor em ciência política pela USP, é autor de "Os dez amigos de Freud".

Físico e filósofo Luiz Alberto Oliveira afirma que a ciência, a urbanização e a globalização podem criar "uma condição neo-humana"

Na palestra da última sexta-feira, o físico e filósofo Luiz Alberto Oliveira, pesquisador do Instituto de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, defendeu a teoria de que o ser humano através de processos em escala global como a urbanização e de tecnologias como a manipulação antrópica do "design" básico de células, órgãos e organismos, realiza, nos dias atuais, uma mutação "sui generis". Essa mutação pode levar a superação da teoria da evolução por seleção natural de Charles Darwin e apresenta dilemas éticos e políticos de como conduzir essa "transição autogerada para uma condição neo-humana".

"Embora a morfologia orgânica do Homo sapiens seja a mesma desde 120 mil anos, os humanos contemporâneos estariam experimentando uma autêntica deriva cognitiva, incomensurável aos padrões anteriores, rumo a uma "versão 2.0" da espécie, que poderemos chamar de Homo civilis. Uma especiação não-orgânica, correspondente a uma evolução da Evolução, permitindo antever o aparecimento – ou antes, a produção – de um novo estágio da Vida. Torna-se assim indispensável debater os aspectos éticos, políticos e históricos desta transição."

Trechos da palestra: “A Teoria da Evolução por Seleção Natural de Charles Darwin foi um dos maiores feitos das Ciências da Natureza, nos últimos 150 anos, ao vincular o desenvolvimento dos seres vivos a uma dupla contingência: por um lado, a deriva microscópica dos caracteres genéticos responsáveis pela hereditariedade; por outro, a ação, como causas livres, de grandes fatores ambientais que implementaram a seleção por adaptação e assim dirigiram a variação das espécies. Esse é o âmbito bioecológico no qual as origens de nossa própria espécie, *Homo sapiens*, podem ser adequadamente situadas.”

“É possível argumentar, porém, que desde o surgimento da Civilização Técnica (associada à aparição aproximadamente concomitante da Agricultura, da Cidade, da Escrita e da Matemática), há cerca de 12 mil anos, foram criadas as condições para uma artificialização crescente e cada vez mais ampla dos domínios da atividade humana. Essa artificialização teria dado lugar a um processo progressivo e cumulativo de conversão da ambiência humana, cada vez mais tecnicada, em um contexto impulsionador para essa própria atividade transformadora.”

"A evolução darwiniana "pura" estaria sendo suplementada em ambas as dimensões fundamentais de contingência – quer em função da amplitude planetarizada dos empreendimentos econômicos, comparável às das grandes causas ambientais; quer devido à proliferação e difusão de extensões técnicas de movimento, sensibilidade e cognição que reconfiguram as potencialidades de ação e pensamento dos seres humanos. "

Fórum Senado Brasil 2012

O ciclo de debates que investiga o tema da democracia em seus diferentes aspectos é o primeiro, de uma série, do Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial do Senado, instituída pelo presidente José Sarney, para fomentar a reflexão na Casa. Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

Para o presidente Sarney, "temas como esses devem fazer parte da reflexão do Senado Federal. Para isso, vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir os cenários do nosso futuro." O Fórum busca envolver o Legislativo e a sociedade brasileira, numa avaliação da primeira década do século XXI, como forma de se pensar o futuro.

26/06/2012

Ética, moral e política na pauta do Fórum Senado, com Franklin Leopoldo

Ética, moral e política é o tema da palestra do professor de filosofia da Universidade de São Paulo (USP), Franklin Leopoldo e Silva, a ser proferida nesta terça, no ciclo de debates "Democracia em tempos de mutações", promovido pelo Senado Federal. A palavra grega "ethos", origem do conceito de ética, remete ao modo de estar no mundo, por meio de escolhas – trata-se da consciência de si e dos outros, define o professor. A palavra latina "mores" trata do cultivo de valores que distinguem a condição de cidadania ("civitas"), enuncia o professor sobre o tema, os dois tão evocados na política.

Os debates se realizam todos os dias no Senado Federal até 3 de julho (com conferência de encerramento em 7 de agosto), sempre às 18h30, no auditório do Interlegis, com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. É aberto ao público e as inscrições podem ser feitas pelo site ou no local, com direito a certificado. Perguntas serão abertas ao público ou poderão ser realizadas através do [twitter@senadofederal](https://twitter.com/senadofederal).

Franklin Leopoldo e Silva é professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP e professor-visitante no Departamento de Filosofia da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos). Publicou várias obras, como "Ética e literatura em Sartre" e " Felicidade – dos pré-socráticos aos contemporâneos", além de ensaios em vários livros como "O avesso da liberdade"; "Muito além do espetáculo"; "O silêncio dos intelectuais", "O esquecimento da política" e "Vida, vício, virtude", entre outros.

27/06/2012

Renato Lessa no Fórum: "Representação política-fundamentos e dilemas"

A representação política com seus fundamentos e dilemas é o tema da palestra que será proferida pelo professor de filosofia Renato Lessa, nesta quarta-feira, no ciclo de debates "Democracia em tempos de mutações", promovido pelo Senado Federal. Lessa acredita que a universalização da representação – pela extensão do direito de voto – é a forma específica pela qual a demanda democrática por igualdade, acabou sendo associada à cultura da representação e que se torna cada vez mais abrangente.

Os debates se realizam todos os dias no Senado, até 3 de julho (com conferência de encerramento em 7 de agosto), sempre às 18h30, no auditório do Interlegis, com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. É aberto ao público e as inscrições podem ser feitas pelo site ou no local, com direito a certificado. Perguntas serão abertas ao público ou poderão ser realizadas através do [twitter@senadofederal](https://twitter.com/senadofederal).

Renato Lessa é professor titular de teoria e filosofia política do Departamento de Ciência Política da UFF (Universidade Federal Fluminense), no qual é coordenador acadêmico do Laboratório de Estudos Hum(e)anos. É presidente do Instituto Ciência Hoje e investigador associado do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa e do Instituto de Filosofia da Linguagem, da Universidade Nova de Lisboa.

28/06/2012

Democracia-espetáculo é o tema da palestra de hoje de Eugênio Bucci

"Para o político, a boa imagem não é apenas desejável – ela parece ser tudo, tudo o que importa", dispara o jornalista e professor paulista Eugênio Bucci. Ele fala sobre a democracia-espetáculo e a imagem da política, na edição de hoje do ciclo de debates "Democracia em Tempos de Mutações", promovido diariamente pelo Senado Federal, desde o último dia 20, até 3 de julho próximo. Bucci pondera que a acepção do termo imagem não é nova, mas na época atual ela acentua ainda mais várias prevalências – "do visível sobre o imaterial, da forma externa sobre o suposto conteúdo, do fenótipo sobre a ideia, da representação sobre o pensamento".

O jornalista lança mão de expressões como imagem, marca, logomarca, estetização do Estado, referindo-se a termos cruciais na prática política atual e que acaba transformando, em mercadoria, governos, políticos ou partidos. E aí o voto opera como moeda, assumindo valor de troca. "A democracia por fim, transmuta-se em espetáculo", diagnostica, perguntando em seguida, ao convocar para uma boa conversa: "Que democracia vai brotando dessa grande mutação"?

Eugênio Bucci, jornalista, é professor doutor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e também da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Escreve quinzenalmente para o jornal *O Estado de S. Paulo* e é colaborador do site Observatório da Imprensa. É autor, entre outros livros, de "Sobre ética e imprensa" (Companhia das Letras, 2000); "Videologias", em parceria com Maria Rita Kehl (Boitempo, 2004); "Em Brasília, 19 horas" (Record, 2008); e "A imprensa e o dever da liberdade" (Contexto, 2009). Foi editor de várias revistas (como Superinteressante, Playboy e Quatro Rodas), secretário editorial da Editora Abril e presidente da Radiobrás. Integrou o conselho curador da Fundação Padre Anchieta. Participou como ensaísta do livro "A condição humana".

Debates do Fórum Senado Brasil 2012

Os debates se realizam todos os dias no Senado Federal até 3 de julho – com conferência de encerramento em 7 de agosto –, sempre às 18h30, no auditório do Interlegis, com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. É aberto ao público e as inscrições podem ser feitas pelo

site ou no local, com direito a certificado. Perguntas serão abertas ao público ou poderão ser realizadas através do [twitter@senadofederal](https://twitter.com/senadofederal).

O ciclo de debates que investiga o tema da democracia em seus diferentes aspectos é o primeiro, de uma série, do Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial do Senado, instituída pelo presidente José Sarney, para fomentar a reflexão na Casa. Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

Para o presidente Sarney, "temas como esses devem fazer parte da reflexão do Senado Federal. Para isso, vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir os cenários do nosso futuro." O Fórum busca envolver o Legislativo e a sociedade brasileira, numa avaliação da primeira década do século XXI, como forma de se pensar o futuro.

29/06/2012

Democracia além do Estado de direito é a discussão de hoje do Fórum Brasil

A intrincada relação entre Justiça e Direito tende a ser ignorada nos dias de hoje, como se tudo o que acontecesse à margem do Estado de direito fosse necessariamente ilegal e profundamente animado por premissas antidemocráticas. A defesa é do professor de filosofia Vladimir Safatle e que fala nesta sexta-feira sobre a democracia além do Estado de direito, dentro do ciclo de debates "Democracia em Tempos de Mutações". Realizado todos os dias no auditório do Interlegis, sempre a partir das 18h30, o ciclo se estende até 3 de julho, com palestra única de encerramento em agosto. A entrada é livre, basta que o interessado se inscreva pelo site do Fórum. Perguntas serão abertas ao público ou podem ser realizadas através do twitter@senadofederal. Confira a programação completa.

Vladimir Safatle é professor livre-docente do Departamento de Filosofia da USP, professor-visitante das Universidades de Paris VII, Paris VIII, Toulouse e Louvain. Desenvolve pesquisas nas áreas de epistemologia da psicanálise, desdobramentos da tradição dialética hegeliana na filosofia do século XX e filosofia da música. É autor de: "Fetichismo: colonizar o Outro" (Civilização Brasileira, 2010), "La passion du négatif: Lacan et la dialectique" (Georg Olms, 2010), "Cinismo e falência da crítica" (Boitempo, 2008), "Lacan" (Publifolha, 2007) e "A paixão do negativo: Lacan e a dialética" (Unesp, 2006). Participou das coletâneas: "A condição humana e Mutações – a experiência do pensamento" e "Mutações – a invenção da crença" (SESC SP, 2011).

Debates do Fórum Senado Brasil 2012

Os debates se realizam todos os dias no Senado Federal desde o dia 20 último até 3 de julho (palestra única de encerramento em 7 de agosto), com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. O ciclo de debates que investiga o tema democracia em seus diferentes aspectos é o primeiro, de uma série, do Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial do Senado, instituída pelo presidente José Sarney, para fomentar a reflexão na Casa. Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

Para o presidente Sarney, "temas como esses devem fazer parte da reflexão do Senado Federal. Para isso, vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir os cenários do nosso futuro." O Fórum busca envolver o Legislativo e a sociedade brasileira, numa avaliação da primeira década do século XXI, como forma de se pensar o futuro.

02/07/2012

Filósofo Gros discute ideias de representação frente às novas tecnologias



Paula Cinquetti/Agência Senado

Hoje, o Fórum Senado Brasil 2012 contará com a presença de Frédéric Gros, professor da Universidade Paris-Est Créteil e editor dos últimos cursos de Michel Foucault no Collège de France. Sua conferência "Introdução às ciberdemocracias: elementos para uma antropologia do Homo connecticus" tratará sobre o enigma da democracia, recorrendo menos a uma construção conceitual definitiva e dando mais atenção ao acontecimento, à história e aos testemunhos dos homens.

Para Gros, com as redes sociais e a geolocalização ninguém nos obriga a dizer o que estamos fazendo nem onde estamos. O filósofo francês indica o caminho de suas reflexões: novas formas de expressão democrática surgem a partir das novas tecnologias. Argumenta que vivemos uma mudança na ideia e na prática da representação.

A "crise" da representação, segundo Gros, leva o cidadão a se sentir cada vez menos representados pelos partidos políticos e pelos sindicatos: os Estados estão cada vez mais prisioneiros e dependentes do mercado e da lógica financeira. O pensador sintetiza suas argumentações e faz prognósticos: "Profunda crise da democracia quando se sabe que os instrumentos tradicionais da democracia são desprezados e que representantes políticos

não aparecem mais como legítimos; dinâmica democrática nova, trazida pelas novas tecnologias, que permite a todos os cidadãos exprimir-se de maneira direta, fácil e sem custo".

Realizado todos os dias no auditório do Interlegis, sempre a partir das 18h30, o ciclo de debates "Democracia em Tempos de Mutações" se estende até 3 de julho, com palestra única de encerramento em agosto. A entrada é livre, basta que o interessado se inscreva pelo site do Fórum.

Perguntas serão abertas ao público ou podem ser realizadas através do twitter@senadofederal. Confira a programação completa.

Debates do Fórum Senado Brasil 2012

Os debates se realizam todos os dias no Senado Federal desde o dia 20 último até 3 de julho (palestra única de encerramento em 7 de agosto), com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. O ciclo de debates que investiga o tema democracia em seus diferentes aspectos é o primeiro, de uma série, do Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial do Senado, instituída pelo presidente José Sarney, para fomentar a reflexão na Casa.

Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

Para o presidente Sarney, "temas como esses devem fazer parte da reflexão do Senado Federal. Para isso, vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir os cenários do nosso futuro." O Fórum busca envolver o Legislativo e a sociedade brasileira, numa avaliação da primeira década do século XXI, como forma de se pensar o futuro.

03/07/2012

Helton Adverse fala hoje sobre governabilidade na democracia

A relação democracia liberal e "governamentalidade" será destrinchada hoje pelo filósofo Helton Adverse, na penúltima conferência do ciclo de debates "Democracia em tempos de mutações" que acontece no Senado Federal, desde o último dia 20. O filósofo lembra que nos fundamentos da moderna concepção liberal de democracia estão as noções de direitos humanos, soberania popular e liberdade individual. Contudo, ressalva, uma investigação sobre a gênese do Estado moderno permite compreender que a democracia está intimamente associada à ideia de governo e, mais especificamente, de governamentalidade.

Para compreender tal noção é preciso recorrer, segundo Adverse, ao trabalho investigativo realizado pelo pensador francês Michel Foucault, na segunda metade da década de 1970. Para o filósofo francês, "a democracia liberal não pode ser devidamente compreendida se desconsiderarmos a natureza das relações de poder que a condicionam, e, ao mesmo tempo, são por ela condicionadas. Essas relações se cristalizam naquilo que ele denominou de governamentalidade", explica Adverse.

Perfil

Helton Adverse, doutor em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é atualmente professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma universidade. Tem diversos trabalhos publicados na área de filosofia política, notadamente o livro Maquiavel, Política e Retórica (BH- Editora UFMG, 2009) e a organização, apresentação e tradução de Maquiavel, Linguagem e Poder (BH – Editora UFMG, 2010). Recentemente publicou artigos sobre Michel Foucault, Hannah Arendt e Maquiavel, em diversos periódicos especializados.

Realizado no auditório do Interlegis, sempre a partir das 18h30, o ciclo de debates contará com a palestra de Adverse nesta terça-feira e conferência única de encerramento em 7 de agosto próximo – "A palavra livre e infeliz", pelo professor de política e estética da Universidade de São Paulo, Renato Janine Ribeiro. A entrada é livre, basta que o interessado se inscreva pelo site do Fórum. Perguntas serão abertas ao público ou podem ser realizadas através do [twitter@senadofederal](https://twitter.com/senadofederal). Confira a programação e outras informações a respeito.

Fórum Senado Brasil 2012

Com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros, o ciclo de debates que investiga o tema democracia em seus diferentes aspectos é o primeiro, de uma série, do Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial do Senado, instituída pelo presidente José Sarney, para fomentar a reflexão na Casa.

Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

Para o presidente Sarney, "temas como esses devem fazer parte da reflexão do Senado Federal. Para isso, vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir os cenários do nosso futuro." O Fórum busca envolver o Legislativo e a sociedade brasileira, numa avaliação da primeira década do século XXI, como forma de se pensar o futuro.

Secretaria de Imprensa da Presidência do Senado

20/06/2012

“Desinteresse por política ameaça a democracia”, diz filósofo francês

Da Redação

O filósofo francês Francis Wolff é um ardoroso defensor da democracia, mas evita o romantismo ao analisar aquele que é tido como fonte e sustentáculo dos regimes democráticos:

– O povo está para a democracia como Don Juan está para as mulheres: a conquista mobiliza toda a sua energia, mas a posse o entedia – costuma observar, em tom bem humorado, aos seus alunos da Escola Normal Superior de Paris.

Autor de livros como *Aristóteles e a Política* e *Dizer o Mundo*, Wolff fará nesta quarta-feira (20) a primeira palestra do ciclo de debates Fórum Senado Brasil 2012.

Como se pode notar pela comparação em que remete ao lendário sedutor espanhol, um dos alvos da filosofia de Wolff é o apolitismo. Na opinião do filósofo, o desinteresse dos cidadãos pela política ameaça a democracia, ao fomentar entre outros males a ação do que chama de “políticos profissionais”. Livre de cobranças, esse grupo teria o hábito de aprovar ou impor medidas descoladas das verdadeiras necessidades e desejos dos cidadãos.

– Quando é governado por um tirano, o povo sonha em conquistar o poder. No entanto, ao alcançar a democracia, recusa-se a exercê-lo e abandona a política – lamenta Francis Wolff, que classifica o distanciamento entre governantes e governados de “negação da democracia”.

Observador da cena política brasileira desde os anos 1980, quando lecionou na Universidade de São Paulo (USP), o filósofo vê de forma positiva o avanço no Brasil dos mecanismos de fiscalização do poder público por meio da internet.

– Cada país precisa encontrar seus próprios remédios – disse Wolff em entrevista a Ricardo Westin, do Jornal do Senado.

O que é o apolitismo?

O apolitismo é a recusa dos cidadãos, explícita ou implícita, em participar da vida da comunidade política e das escolhas que essa comunidade faz. É o de-

sinteresse pela coisa pública. Na Europa, o apolitismo se manifesta quando o povo vota em grupos populistas e demagógicos (partidos de extrema direita, xenófobos) e quando se abstém em massa das votações. No Brasil, o apolitismo se manifesta quando os cidadãos se afastam dos políticos. Em vez de entrar no território ligado ao poder, os cidadãos se “retiram” para o território individual, familiar, religioso e até esportivo.

Por que o apolitismo é uma ameaça à democracia?

O distanciamento entre os governantes e os governados é a negação da democracia. É possível que o cidadão nem perceba que, quando ele procura “viver em paz”, sem intrometer-se nos temas públicos, a política acaba se tornando um campo exclusivo dos “políticos profissionais”. Como estão distantes do povo, esses políticos tendem a tomar medidas tecnicistas, orientadas por critérios técnicos, sem levar em consideração as opiniões, os interesses e as vontades da população. No dia a dia, o cidadão não se dá conta disso. Só percebe quando os políticos baixam alguma medida que realmente o prejudica.

O apolitismo pode levar à ditadura?

A possibilidade existe. O apolitismo cria “políticos profissionais”, políticos que não distinguem entre público e privado, políticos corruptos. Isso, por sua vez, estimula partidos populistas e demagógicos a espalhar a ideia de que todos os governantes são corruptos e que é preciso “limpar” a política. Com tais argumentos, podem instaurar a ditadura.

O que leva os cidadãos a recusar a vida política?

O individualismo. Trata-se de um paradoxo, porque o individualismo é uma conquista feliz da democracia e, ao mesmo tempo, sua principal ameaça. A democracia deixa as pessoas livres para realizar, sozinhas, seus objetivos de vida. Mas, justamente por conseguirem preencher suas necessidades sem depender de outras pessoas, elas se preocupam menos com o grupo e se afastam da política – o que abre espaço para os “políticos profissionais”.

De que forma se combate o apolitismo?

Não se trata de obrigar as pessoas a fazer política. Repito: o individualismo é uma das maiores conquistas da democracia. Trata-se de encontrar meios educacionais e institucionais que preencham a distância entre a comunidade e o poder. Pode-se reduzir o apolitismo por meio da educação para a cidadania, nas escolas, e por meio de campanhas. Há também soluções políticas, maneiras institucionais de melhorar o funcionamento da democracia. Para reduzir os votos brancos nas eleições, por exemplo, a Sérvia recentemente decidiu que, quando a porcentagem desse tipo de voto atingir certo patamar, nenhum candidato pode ser eleito. No caso do Brasil, boas medidas são a prestação pública

de contas de políticos e governantes, o acesso dos cidadãos pela internet à informação pública e a divulgação de indicadores que permitam comparar gestores públicos. Cada país precisa encontrar seus próprios remédios.

Quando fala do apolitismo, o senhor costuma fazer uma comparação com o personagem Don Juan.

Os momentos em que um povo é mais politizado são os períodos de transição, como o que o Brasil viveu nos anos 1980 e o que certos povos árabes viveram no ano passado. Mas, quando finalmente conquista a democracia, o povo tende a desinteressar-se da política. Eis outro paradoxo. O interesse do povo é conquistar o poder, e não exercê-lo. O povo execra os tiranos, aqueles que exercem o poder contra ele, mas tem horror de exercê-lo ele mesmo. Usa sua liberdade para não ocupar esse lugar. É por isso que digo que o povo está para a democracia assim como Don Juan está para as mulheres: a conquista mobiliza toda a sua energia, mas a posse o entedia.

O senhor viveu no Brasil nos anos 1980. Do que mais se lembra?

Eu tive a sorte de morar no Brasil entre 1980 e 1984. Peguei desde a Lei da Anistia, no governo Figueiredo, até as grandes manifestações das Diretas Já. No meu voo de Paris para São Paulo, voltavam para o Brasil os últimos intelectuais exilados. Foi a época da minha vida em que mais aprendi do ponto de vista político. Eu sempre escutava que “um povo sem passado nem cultura democrática não está maduro para a democracia”. No Brasil, aprendi que isso é bobagem, pura bobagem. O povo brasileiro conseguiu fazer uma transição democrática exemplar, que até agora está absolutamente fiel aos seus objetivos.

20/06/2012

Mozarildo concorda com Francis Wolff: desinteresse pela política ameaça a democracia

Da Redação

Waldemir Barreto/Agência Senado



Em discurso nesta quarta-feira (20), o senador Mozarildo Cavalcanti (PTB-RR) se disse especialmente preocupado com a afirmação de que o desinteresse por política ameaça a democracia, feita por Francis Wolff, professor de filosofia na Ecole Normale Supérieure de Paris. O filósofo ministrará palestra nesta quarta, a partir das 19h, sobre “O Apolitismo, a Maior Ameaça à Democracia” para o Fórum Senado Brasil 2012.

Segundo Mozarildo, o filósofo afirmou que “o povo sonha com o poder quando é governado por tiranos, mas recusa-se a assumi-lo quando alcança a democracia”. Para o senador, isso é uma verdade. Para o senador, quando há uma ditadura, um regime de exceção em que as garantias individuais e a liberdade de expressão são suprimidas, o povo protesta, como está acontecendo no Oriente Médio, e se mobiliza tanto nas ruas quanto nas redes sociais contra os tiranos. Mas quando há democracia, o povo se desinteressa pela política, porque a acha algo pernicioso, que todo político é igual, é corrupto e não presta, conforme afirmou.

O parlamentar mencionou ainda as críticas à Câmara e ao Senado, que custariam muito, mas salientou que se não houvesse o Congresso, haveria uma ditadura. O Executivo não teria um contrapeso e, sem a fiscalização do Parlamento e manobrando o Poder Judiciário, traria insegurança aos cidadãos, com leis sendo feitas por um pequeno grupo de pessoas, assim como ocorreria com sua execução.

– Então, é muito importante que as pessoas que querem o bem deste país se interessem, sim, pela política – afirmou.

Mozarildo observou que, sem a participação ativa das pessoas de bom caráter, abre-se o caminho para que os maus prosperem e ganhem cada vez mais espaço. O senador recordou a realização iminente das eleições municipais, marcadas para outubro, e ressaltou: o voto não tem preço, tem consequência. Segundo disse, as pessoas mais intelectualizadas precisam ter uma atitude menos egoísta, não cuidando apenas de si, mas do vizinho, do amigo, do empregado e de quem não teve condições de estudar mais para mostrar a importância do voto e de que ele não é uma mercadoria negociável.

– Quem compra voto e usa de mecanismos outros para se eleger, que compromisso moral tem com o município, o estado, o país? – questionou.

21/06/2012

Filósofo francês defende o voto obrigatório em debate no Senado

Da Redação

Pedro França/Agência Senado



Wolff: depois de conquistar a democracia, o povo tende a se afastar da política

A participação dos cidadãos no dia a dia da política é tão importante para a democracia que justifica até mesmo o voto obrigatório. É o que pregou o filósofo francês Francis Wolff na noite de quarta-feira durante debate sobre o apolitismo, o primeiro do Fórum Senado Brasil 2012, que prossegue nesta quinta-feira (21).

Wolff acredita que quando a população se distancia da política, de cara abre espaço para a ação de políticos pouco interessados no bem-estar da comunidade. Num horizonte mais longo, essa ausência de interesse acaba por levar ao autoritarismo, quando não à instalação de regimes ditatoriais.

O voto obrigatório, ainda que pareça antipático, e para muitos uma porta aberta à manipulação de massas desinformadas, instaria os cidadãos ao seu dever de participar da política, pelo menos em época de eleições. O filósofo mencionou com preocupação os números da abstenção registrados nas recentes eleições presidenciais legislativas francesas: 42,7% no primeiro turno e 44% no segundo turno, sendo cerca de 50% no caso dos jovens. Naquele país, o voto é facultativo.



Divulgação: campanhavotonulo/Facebook

Propaganda do voto nulo na internet: apolitismo preocupa analistas políticos

Em entrevista ao Jornal do Senado reproduzida pela Agência Senado, o filósofo citou outros mecanismos destinados a tornar mais legítimos os resultados eleitorais. A Sérvia, por exemplo, aprovou recentemente uma lei que anula as eleições quando a porcentagem de votos brancos e nulos atinge certo patamar.

Consumismo

Wolff observou na conferência de quarta que, depois de se tornar sujeito da história em lutas para derrubar regimes ditatoriais e construir a democracia, o povo se utiliza da liberdade conquistada para não se envolver na prática do processo democrático. É um paradoxo, segundo o estudioso, que se configura numa atitude apolítica, na sua opinião extremamente danosa à democracia.

– A conquista da democracia mobiliza toda a sua energia, mas a posse o aborrece – afirmou o filósofo, que é professor da Escola Normal Superior de Paris.

Para Francis Wolff, o apolitismo pode se manifestar de diversas formas, desde a abstenção eleitoral até o consumismo exacerbado. Curiosamente, esse desinteresse seria uma consequência do individualismo gerado pela liberdade alcançada com o advento da democracia, o que o distingue do egoísmo. Ao adquirir mais liberdade, o indivíduo diminui sua dependência da comunidade, mas o que é a princípio um benefício gera depois o que Wolff chama de “efeito colateral”.

Na opinião do filósofo, isso faz com que as pessoas se excluam da vida pública considerando a ampla liberdade de atuação que conquistaram na vida privada. Mas como “não há vácuos de poder”, segundo Wolff, os cidadãos entregam seu poder de decisão a “políticos profissionais”. Sem cobranças, esse grupo fica livre para aprovar ou impor medidas distanciadas das verdadeiras necessidades e desejos dos cidadãos.

Brasil

Wolff considera o período em que lecionou no Brasil, entre 1980 e 1984, o mais importante de sua vida política, quando assistiu a transição do país à democracia – um processo, a seu ver muito bem-sucedido. Segundo ele, a ditadura forçosamente transforma tudo em política, se apropriando de dimensões como amor, esporte e arte para ações a seu favor, reduzindo a política formal a um “jogo de fantoches”.

Como exemplo, Wolff lembrou que em 1970, no auge do regime militar, intelectuais brasileiros diziam que o Brasil não podia ganhar a Copa do Mundo, pois o feito daria força à ditadura. Com a vitória do Brasil, lembrou, parecia “só haver futebol” no país:

– Mas será que não havia algo de político nessa paixão? – questiona.

Programação

O Fórum Senado Brasil 2012 promoverá uma série de conferências, gratuitas ao público, com o objetivo de estimular o debate de temas considerados relevantes para a atividade legislativa e para o desenvolvimento do país.

Além de Francis Wolff, outros dez pensadores participarão dos debates, que acontecem até o dia 7 de agosto, sempre às 18h30, no auditório do Interlegis.

Na abertura dos trabalhos nesta quarta-feira, o embaixador Jerônimo Moscardo, presidente da comissão organizadora do seminário, destacou a preocupação do presidente do Senado, José Sarney, de “articular a massa cinzenta” de um país que atinge o posto de sexta economia do mundo.

Moscardo disse esperar que as palavras dos intelectuais convidados provoquem a elite a pensar sobre o país:

– É preciso retomar o entusiasmo. Qual é o projeto que estamos formulando para o Brasil? – indagou.

22/06/2012

Para Charles Girard, sem confronto de opiniões, o pensamento se torna dogma

Paulo Cezar Barreto



Paula Cinquetti/Agência Senado

Na segunda conferência do Fórum Senado Brasil 2012, o professor de filosofia francês Charles Girard defendeu a democracia contra a sedução do consenso, que, em seu ponto de vista, põe em risco os próprios objetivos do regime democrático. Para Girard, antes de se buscar o consentimento à decisão eleitoral da maioria, é preciso apoiar um debate político autêntico com representação equitativa de todos os grupos sociais.

– É preciso que, na tomada de decisão, cada um possa defender seu interesse. Mesmo os indivíduos que não são fundamentalmente egoístas tendem a desconhecer os interesses dos outros – lembrou o professor.

Charles Girard acredita que, quando se estabelece o princípio "um homem, uma voz" através de eleições livres, na verdade, o que se deseja realmente é alcançar o consenso, como se a maioria falasse por todos – o que, no entanto, negaria as opiniões minoritárias e as divergências que o voto revela. Lembrando que o consenso é mais antigo e mais conhecido das civilizações que o voto, Girard apresentou exemplos históricos, desde a Ilíada até o movimento Occupy Wall Street, de busca direta do consenso: uma proposta é aprovada quando ninguém a contesta. A falta de acordo, segundo o professor, é que leva à ne-

cessidade do voto, mas o conceito de consenso segue como um método “no âmago dos regimes”, existindo paralelamente ao sufrágio universal.

– O voto expõe clivagens e desacordos. O consenso unifica e homogeniza – resumiu.

Girard salienta que a busca insistente do consenso provoca recorrentes casos de imobilidade por falta de acordo – para ele, o resultado da conferência Rio+20, abaixo da expectativa dos comentaristas, é exemplo disso. Conforme frisou, o consenso pode ser aparente, quando o silêncio da minoria pode ser uma forma de evitar riscos ou uma pressão da opinião dominante. No entanto, para efeitos práticos, é preciso na democracia encontrar um compromisso entre a legitimidade e a eficácia, considerando o voto da maioria como melhor meio de se verificar o objeto do consenso. Mas, para isso, somente a troca de relatos e objeções de parte a parte pode tornar a proposta de um lado aceitável ao outro lado.

Charles Girard considera que mesmo as democracias contemporâneas estão longe de dar espaço equitativo a todos os grupos sociais. Ele defendeu regras mais rígidas para o debate político nos meios de comunicação, frisando que essas regras não vêm espontaneamente. E exortou a imprensa a contribuir com a democracia identificando grupos sub-representados e problemas sem visibilidade.

27/06/2012

Consciência individual é freio à falta de ética na política, defende filósofo no Senado

Nelson Oliveira e Paulo Cezar Barreto

Jonas Pereira/Agência Senado



Franklin Leopoldo e Silva: A ética e a moral não decorrem de regras e leis

Um dia depois da condenação do senador Demóstenes Torres (sem partido-GO) pelo Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, o Senado ouviu o filósofo Franklin Leopoldo e Silva fazer no auditório do Interlegis uma defesa apaixonada da capacidade de resistência do ser humano aos atos contra a consciência. Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP), ele foi o quinto intelectual a participar do Fórum Senado Brasil 2012, que segue até o dia 7 de agosto.

Franklin não se referiu diretamente ao episódio envolvendo Demóstenes, mas o tema surgiu já no momento em que o filósofo foi apresentado à audiência, e figurou em muitos dos comentários e perguntas durante o debate realizado na terça-feira (26). Em geral, o tom das intervenções foi de crítica a escândalos como o Caso Cachoeira. Os cidadãos presentes ao Interlegis quiseram saber do professor como o país poderia prevenir atos contra a ética e a moral na política, justamente o tema da conferência da noite.

Embora não tenha rechaçado as soluções institucionais, o filósofo concentrou seus argumentos no processo de conscientização do indivíduo: ao sintonizar-se com sua consciência e constituir-se como sujeito de suas ações, o indivíduo confronta seus apelos instintivos, e aqueles recebidos do meio social, com os alertas que são inerentes à reflexão e ao autoconhecimento. Tem, então, a chance de evitar atos que possam resultar em malefícios para si e para a comunidade.

Pródigo nas citações de Sartre e Hannah Arendt, além de Sócrates, o filósofo entende que o ser, com maior ou menor grau de consciência, sabe o que está fazendo, mas vive “sujeitado” em um mundo repleto de regras impostas pelo jogo social e pelos sistemas de poder.

– A ética e a moral não decorrem de regras e leis. Aquele que encontra a si mesmo, que é e escolhe como agir, vive de forma ética e moral, porque tem como valores éticos e morais aquilo que sua própria consciência lhe aponta – sentenciou.

Segundo Franklin, as regras sociais e as leis estão muitas vezes contaminadas por vícios. No nazismo, lembrou ele, um grande contingente de indivíduos agiu segundo ditames e leis que legitimaram o mal.

Domínio Público



Nazismo: mal legitimado por leis

De todo modo, como processo subjetivo, o encontro do indivíduo com ele mesmo não é algo definível. Assim, como podemos saber que encontramos a verdadeira consciência?

– No fundo, é um mistério que todos terão de experimentar, de modo a desenvolver a capacidade de fazer julgamentos – aconselha, lembrando a máxima de Santo Agostinho, que associava o encontro do ser ao encontro de Deus no íntimo da alma. Para a filosofia laica, entretanto, a consciência é o próprio indivíduo, sem nenhuma interferência de divindades.

O risco de a individuação descambar para o solipsismo (isolamento) ou o narcisismo (autoadmiração excessiva) dever ser neutralizado pela ação no plano social, segundo Franklin:

– A única forma de se evitar o mal é pensar por si mesmo e agir com os outros – receitou o professor. Ele aproveitou a formulação de um participante sobre a utilidade do “pequeno não”, em contraponto ao ato heroico, para observar que a ação coletiva de muitos indivíduos conscientes representa “um grande não” com repercussões em larga escala.

Do ponto de vista histórico, a crise ética e moral da atualidade foi situada como a perda do sentido existencial e político que, de alguma forma, e com limita-

ções, estava presente na Grécia clássica, onde surgiu a democracia. O professor da USP se referiu, por exemplo, ao individualismo distorcido das pregações de Benjamin Franklin, que incitava o homem a se tornar um empreendedor de si próprio. Curiosamente, também contribuíram para degradar o sentido da vivência comunitária movimentos libertários como a Revolução Francesa e aquele que levou à criação da ONU, em 1945. Aparentemente, a outorga de um amplo leque de direitos pode ter destituído as pessoas da capacidade de agir por si mesmas.

– Há uma coincidência entre a proclamação de direitos e a ignorância deles – observou.

Franklin lamentou não ter respostas para os dilemas que normalmente surgem quando os seres humanos se lançam na aventura de fixar limites entre o bem e o mal, ou entre o que é próprio do indivíduo e o que é socialmente determinado. Trata-se, segundo ele, de uma contingência da vida que só pode ser contraposta pelo aprimoramento da consciência individual e pelo exercício do debate filosófico e da ação política. Ou seja, ao assumirmos a tarefa de melhorarmos a nós mesmos e ao mundo, ampliamos nossa visão e nossas chances de nos desviarmos de erros. Ainda assim, não nos livramos da incerteza, ingrediente inseparável da vida.

– O Estado nos colonizou e passamos a não ter com essa instância uma relação orgânica. Ao contrário, essa relação tem sido de submissão. A tal ponto que não conseguimos impedir que da democracia formal se passe ao totalitarismo – advertiu, lembrando ainda que é ilusória a ideia de um progresso político constante, imune a retrocessos.

Para embaralhar ainda mais o cenário, o professor da USP mencionou os desafios da modernidade, período a partir do qual abrimos mão da perspectiva sagrada e mítica, fonte de subjetividade, em prol de um ambiente movido a ciência e tecnologia e, portanto, voltado ao objeto.

Na perspectiva do homem como empreendedor de si mesmo, ou de mero intermediador de produtos, quando não, ele próprio, um produto, reduz-se o espaço para o cidadão político, que julga e age. O privilégio é para cidadão convertido em cliente da administração burocrática, sempre a demandar direitos e benefícios, e a reboque dos acontecimentos.

– Vivemos a tirania dos fatos – recitou o filósofo, recordando o poeta francês Paul Valéry.

O Fórum Senado Brasil 2012 é coordenado pelo embaixador Jerônimo Moscardo, especialmente designado para o projeto pelo presidente do Senado, José Sarney.

29/06/2012

Bucci: Indústria da imagem empobrecceu o pensamento e aumentou promiscuidade na política

Nelson Oliveira e Paulo Cezar Barreto



Paula Cinquetti/Agência Senado

Eugênio Bucci e as fotos de Michael Jackson: perigo da substituição de palavras por imagens

A sétima palestra do Fórum Senado Brasil 2012, na noite de quinta-feira (28), teve a marca da ironia. Convidado a falar sobre a democracia-espetáculo e a imagem da política, o jornalista Eugênio Bucci foi tratado como celebridade e atendeu, visivelmente satisfeito, os pedidos de autógrafos e fotos ao final.

Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), e presidente da Radiobras (atual EBC), durante o primeiro governo Lula, Bucci se apresenta como um crítico da imagem como mercadoria, num amplo espectro que vai da esfera comercial ao mundo da cultura e do entretenimento, mas que afeta sensivelmente o universo da política: justamente aquele que deveria ser resguardado pela austeridade e pela nobreza do pensamento reflexivo.

Para ele, dentro e fora da política, cada vez mais as imagens se sobrepõem às ideias:

– O marqueteiro substituiu o ideólogo. Os políticos precisam cada vez mais ser bons atores – constatou, dando como exemplo a eleição de Ronald Reagan, que saiu de Hollywood para a política e chegou a presidente dos Estados Unidos.

De acordo com Bucci, o mito da caverna de Platão, no qual os personagens são iludidos por sombras, segue muito atual num tempo em que acreditamos nas imagens como critério de verdade. No entanto, conforme frisou, a imagem nos afasta perigosamente das palavras, que é a base do pensamento capaz de formar juízos.

Bezerro de ouro

Embora o culto a imagens não seja uma novidade, como prova o bezerro de ouro da era bíblica, as facilidades da tecnologia, associadas ao modelo econômico atual, lançaram a humanidade num frenesi de consumo dominado pelo imaginário capaz de tornar acessória mesmo os equipamentos de infraestrutura.

– Antes os governantes se preocupavam em transformar o país num canteiro de obras. Agora eles se preocupam em parecer que estão transformando o país num canteiro de obras – observa Bucci, que é contrário à publicidade oficial, mesmo com as restrições à divulgação de logomarcas.

– Um governo que não pode anunciar se diz amordaçado, e alvo das críticas da imprensa, mas o que vemos na atualidade no Brasil é a maior parte da imprensa dependente de verbas públicas de comunicação. A exceção seriam os grandes meios privados – nota Bucci.

Para o professor da USP, criou-se nos agentes políticos a “convicção pétrea” de que imagem – traduzida também em tempo de televisão no horário eleitoral chamado gratuito – é o principal motor de votos. Eis por que as composições políticas são feitas, não em torno de programas ou de identidades políticas, mas com vistas a fatias de tempo na TV. O caso recente mais emblemático, de acordo com o jornalista, foi o do acordo entre o PT de Lula e o PP de Paulo Maluf, que acrescentou 90 segundos ao horário eleitoral do candidato petista à Prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad.

– Antes se dizia que tempo era dinheiro. Agora, imagem é poder. E tempo [por causa da imagem] é poder – parafraseou o jornalista.

Segundo Bucci, a publicidade não tem sido usada como um meio de o Estado cumprir seu dever de informar o cidadão. É, antes, propaganda do partido que está no poder, “promiscuidade entre público e privado”. Ele citou vários números para provar que os anúncios oficiais são a rubrica orçamentária que mais tem crescido nos governos de todas as esferas no Brasil. A Prefeitura do Rio de Janeiro, por exemplo, teria gasto R\$ 470 mil em 2009 contra R\$ 74 milhões em 2011.

Conforme Bucci, a linguagem da propaganda eleitoral e a da publicidade do governo é a mesma – até as equipes de produção são as mesmas. E o logotipo do governo substitui o retrato do governante, criando uma identificação “inequívoca, ainda que indireta” – algo que, para estudiosos, viola os princípios constitucionais.

– Não é razoável o dinheiro de todos ser usado para ideias e imagens de uns poucos – protestou.

Em seu questionamento ao uso da mídia fora da propaganda eleitoral, Bucci estende sua crítica a programas como A Voz do Brasil e a veículos como a TV Senado e a TV Câmara. Para o jornalista, é preciso discutir se esses canais de comunicação servem para aumentar a transparência das atividades políticas ou como “palanque” para os detentores de mandatos, que obtêm assim vantagem sobre seus adversários.

A propósito, o jornalista fez uma avaliação da sua passagem pela Radiobras. Ele acredita que buscou tornar independentes as emissoras oficiais do Executivo:

– Mas devo admitir, de forma positiva, que hoje a EBC é mais independente do que a Radiobras era quando estive lá.

Controle da mídia

Ao lembrar que “há controle social sobre tudo”, Bucci lamentou a conotação ideológica responsável por esvaziar o sentido do controle social da mídia. O governo e a grande imprensa travaram uma acirrada disputa em torno do conceito de liberdade de imprensa, iniciada ao tempo em que Bucci ainda fazia parte da equipe de Lula. Ele defendeu parâmetros claros para as concessões de rádio e televisão no Brasil, de modo a garantir a diversidade e evitar distorções monopolistas, poder excessivo de políticos e vínculos com igrejas. Porém, como ressaltou, a regulação não deve entrar no mérito do conteúdo:

– Regulação não é de esquerda nem de direita, mas uma necessidade da democracia – definiu.

Para Bucci, a classificação indicativa, que “todos os países adotam”, não constitui censura e não pode ser confundida com a regulação de mercado para evitar conflito de interesses. Na sua opinião, o governo Lula, equivocadamente, centralizou na instância que controlava a verba da publicidade oficial, a Secretaria de Comunicação (Secom), a discussão sobre regulação da mídia.

02/07/2012

Vladimir Safatle: ‘os partidos perderam a função’

Nelson Oliveira e Paulo Cezar Barreto



Lia de Paula/Agência Senado

Vladimir Safatle (D): O direito fundamental de todo cidadão é o direito à rebelião

O auditório do Interlegis abriu espaço na noite de sexta-feira (30) a uma das vozes mais críticas do Parlamento na atualidade: o professor de Filosofia da Universidade de São Paulo (US) Vladimir Safatle vê a atuação dos partidos como impedimento a uma participação genuína e dinâmica do povo na política, e é otimista quanto à emergência de mecanismos de democracia direta.

Oitavo conferencista do Fórum Senado Brasil 2012, o filósofo não apresentou propostas acabadas, mas acha que no mínimo os atuais partidos deveriam ser substituídos por “frentes”. As novas agremiações teriam de se apresentar como veículos legítimos e pulsantes de um amplo leque de anseios que não podem esperar por acordos entre estruturas partidárias já sem comunicação real e identidade com o eleitor.

Desse rol de organizações ultrapassadas, ele não exclui nem partidos de esquerda, que, a seu ver, de forma fatalista, têm colaborado em muitos países com programas de ajuste danosos à população e benéficos a financistas e governantes.

– A forma partido não tem mais função – sentenciou por duas vezes, valendo-se de um conceito da arquitetura, segundo o qual, num edifício ou equipamento, ao aspecto estrutural e estético deve sempre corresponder a utilidade.

Se os partidos, ou eventuais substitutos, precisam ser porosos aos interesses e demandas do povo, as possibilidades de participação política direta devem ser mais exploradas, sobretudo agora que a tecnologia da informação propicia conexões ágeis e seguras. Ele considera insuficientes os projetos de lei de iniciativa popular, modalidade de proposição que acabou resultando na Lei da Ficha Limpa.

Indignados

Para exemplificar o que entende por mudança de verdade no cenário político o professor da USP citou movimentos como o dos indignados na Espanha e o Occupy Wall Street nos Estados Unidos. Também elogiou a Primavera Árabe e os protestos anticorrupção no Brasil.

Safatle contesta os que buscam qualificar esses grupos como despolitizados e vazios em termos de propostas.

– Acho muito inteligente da parte deles o fato de quererem discutir. E não é verdade que não têm uma pauta, só não querem se submeter ao velho jogo partidário, no qual é preciso dizer ou deixar de dizer algo por conveniência – adverte o professor da USP, representante de uma corrente de pensamento que pretende revigorar a ideia de uma esquerda viável e de um direito de propriedade que não subjuguem tudo o mais.

A questão, segundo Safatle, é que a pauta dos indignados e “ocupadores” não é convencional justamente por bater de frente com os interesses, explícitos e ocultos, que há muito dominam a política.

No Chile, por exemplo, os rebeldes rejeitam terminantemente a ideia de que, com ou sem crise, há uma justificativa para se retirarem recursos da educação. Na Espanha, os manifestantes duvidam que os políticos não tenham parte na crise financeira que ampliou o desemprego.

Questões como a da dívida da Grécia, na opinião do filósofo, deveriam passar pelo poder decisório da democracia direta, e não serem resolvidas por um conjunto de tecnocratas ou parlamentares possivelmente comprometidos com os financiadores de suas campanhas. Na Islândia, recordou, a população em plebiscito optou pelo calote da dívida pública.

– O direito fundamental de todo cidadão, mesmo em estados liberais, é o direito à rebelião. A insubmissão é uma virtude, não um defeito – afirmou.

“Assembleísmo”

Para Safatle, é falso pensar que a democracia se realiza naturalmente, por intermédio de parlamentares. Ele afastou as acusações de que o “assembleísmo” tornaria inviável a tomada de decisões. E apoiou essa convicção “numa evidência”: os parlamentos podem se comportar de forma imobilista, ao levar anos para deliberar sobre matérias que demandam solução urgente.

– Não é possível que a democracia tenha medo da complexidade, e que sejamos presas do pensamento covarde – provocou.

No caso brasileiro, Safatle classificou como catastróficos os últimos 20 anos, destacando que a matriz dos escândalos tem sido a mesma há décadas, o que atribuiu à suscetibilidade da estrutura política a interesses financeiros. Mesmo uma solução interessante como o orçamento participativo jamais foi testada no plano federal, e terminou por sucumbir na esfera municipal.

Segundo Safatle, a esquerda emerge de uma profunda autocrítica, a ponto de questionar o regime ditatorial cubano, e vive um novo momento. Infelizmente, o foco de grande parte das demandas ainda é o reconhecimento de direitos – o que não pode ser o cerne de todas as lutas políticas.

De toda maneira, o filósofo prevê um “processo lento e difícil, mas necessário” no caminho de novas práticas e novas instituições. O filósofo condenou a dissociação entre direito e justiça e a visão preconceituosa dos que só enxergam como criminoso todo aquele fora do Estado de direito. Ainda mais quando se observa que os governantes não se esmeram na proteção desse mesmo Estado de direito, ao suspender dispositivos legais ou até recorrer a ilegalidades em tempos de crise.

Caos

Para se contrapor “ao conservadorismo”, o professor da USP prescreve o questionamento sistemático dos governos e do sistema político estabelecido. E nem sempre em acordo com o que é considerado legal.

Reprodução de obra de Eugene Delacroix



Revolução Francesa: para Safatle, a ideia de caos é superestimada

– É preciso observar que a maior parte das maneiras legais de agir foram estabelecidas para que nada mude – denunciou, para, em seguida, lembrar aos menos experientes das consequências a que estão expostos os que decidem agir assim:

– É preciso sempre calcular o risco da reação violenta.

Tanto no conselho quanto na ponderação afloram mais que a visão de um ativista que leva em conta as notícias sobre as recentes ocupações de praças públicas. A vivência do professor no limite dramático da contestação vem desde o primeiro ano de vida. Nascido no Chile em 1973, ano da deposição do presidente comunista Salvador Allende (1908-1973) e da ascensão do general Augusto Pinochet (1915-2006), Safatle voltou com os pais para o Brasil e seguiu uma trajetória de estudos de filosofia, arte e comunicação que se estenderam até a França.

O conhecimento acumulado nesse período tem servido de sustentação a um pensamento que se quer nitidamente de esquerda, como fica ainda mais claro pelo título de um dos livros à venda no hall do Interlegis: A esquerda que não teme dizer seu nome.

O livro é dedicado ao pai, Fernando Safatle, por ter lhe dado “um nome”, mas não um nome qualquer, e sim o mesmo de Lenin, líder da Revolução Russa de 1917. Também é dedicado ao neto do general chileno Carlos Prats, Francisco Cuadrado, que cuspiu no caixão de Pinochet.

Revolucionário de cavanhaque, como Lenin, Vladimir Safatle, vê na Revolução Francesa uma série de referências importantes para o estabelecimento da soberania popular. Quando lhe perguntam se, a despeito do legado de igualdade, liberdade e fraternidade, a memória do caos, e também do terror, não tem funcionado no imaginário do Ocidente como um alerta para o perigo de revoluções prolongadas, o filósofo responde citando o pensador alemão Theodor Adorno:

– Na política, como na música, a ideia de caos é superestimada.

O Fórum Senado Brasil prossegue até 7 de agosto, sempre às 18h30. Nesta segunda-feira (2), Frédéric Gros falará sobre as ciberdemocracias. O seminário é coordenado pelo embaixador Jerônimo Moscardo, especialmente designado para o projeto pelo presidente do Senado, José Sarney.

26/06/2012

Sarney destaca Fórum Senado Brasil 2012, que vai até 7 de agosto

Da Redação



Waldemir Barreto/Agência Senado

O presidente do Senado, José Sarney, chamou a atenção em Plenário, nesta terça-feira (26), para a qualidade da série de palestras do Fórum Senado Brasil 2012, realizado no auditório do Interlegis, sempre a partir das 18h30, até o dia 7 de agosto. Este ano, o fórum, que conta com pensadores franceses e brasileiros, tem como mote “avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro”.

Sarney destacou os temas debatidos, ligados à filosofia, à ciência política, à comunicação e à tecnologia, elogiando a profundidade dos temas abordados nas palestras dos filósofos franceses Francis Wolff e Charles Girard, do diplomata e filósofo brasileiro Sérgio Paulo Roaunet, e do físico Luiz Alberto Oliveira. O presidente do Senado ressaltou que o auditório tem ficado lotado, com frequência de mais de 500 pessoas, e que o Senado publicará um livro sobre o fórum deste ano.

O senador Rodrigo Rollemberg (PSB-DF) elogiou a qualidade da apresentação de Roaunet, que falou na segunda-feira sobre os Abismos da Democracia.

Nesta terça-feira, o filósofo Franklin Leopoldo e Silva apresenta a palestra Ética, Moral e Política. Na quarta-feira (27), é a vez do cientista político Renato Lessa falar sobre Representação Política: Fundamentos e Dilemas. A entrada é livre, basta que o interessado se inscreva pelo site do Fórum Senado Brasil 2012. Veja aqui a programação completa.

26/06/2012

Rouanet aposta em papel positivo da religião no equilíbrio democrático

Paulo Cezar Barreto e Nelson Oliveira



Lia de Paula/Agência Senado

Em conferência no Fórum Senado Brasil 2012, na noite de segunda-feira (25), o filósofo e diplomata Sergio Paulo Rouanet criticou a radicalização religiosa, que considera inconciliável com a política democrática, mas apoiou uma sociedade “pós-secular” em que setores religiosos enriqueçam o debate político por meio de “valores positivos”, como o ideal de solidariedade.

Rouanet estabeleceu diferença entre o que chamou de integrismo, interpretação literal dos livros sagrados que visa à reorganização do Estado segundo a lei divina, e o fundamentalismo, que definiu como o “integrismo com violência”. Segundo Rouanet, a confusão entre os “mandamentos de Deus” e a lei do Estado continua pautando as disputas eleitorais em temas como aborto, clonagem e casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Para o filósofo, as três grandes religiões monoteístas – cristianismo, judaísmo e islamismo – acabam convergindo em suas vertentes fundamentalistas, todas se inscrevendo na “guerra cósmica entre Deus e Satã”. Daí decorrem, por exemplo, o terrorismo islâmico e o repúdio, nos Estados Unidos, à teoria da evolução, formulada por Darwin, em prol do criacionismo bíblico.

Egos

Rouanet lembrou que na obra de Sigmund Freud a religião é vista como um freio à violência geral, por produzir o que o Pai da Psicanálise chamou de “ilusão necessária”. Esse processo consiste na cessão a uma divindade ou messias de parcela da individualidade (ego) dos integrantes de um grupo social. A crença nesse mediador aplaca a agressividade que se manifestaria de maneira instintiva, caso a ação fosse puramente individual, estabelecendo comunhão baseada na libido.

Sem essa ilusão, argumenta Freud, o homem não aceitaria os sacrifícios impostos pela civilização. No entanto, o mesmo Freud observa que a religião pode gerar violência por meio de choques entre seitas rivais:

Para Rouanet, apesar de o Estado liberal ter criado um espaço para a coexistência pacífica entre os cultos, o pessimismo de Freud foi “profético” quanto à transformação do integrismo em fundamentalismo.

A ideia de sociedade pós-secular defendida por Rouanet baseia-se em conceitos expressos pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, que enxerga a possibilidade de preservação do conteúdo das religiões, reconhecendo nestas o *status* de atores políticos. Ao aproveitar o potencial de mobilização desses grupos religiosos, sem, no entanto, permitir a eles o domínio do Estado, a sociedade pós-secular abriria espaço para o sentimento religioso que em vão o iluminismo, no século XVIII, e o marxismo, nos séculos XIX e XX, tentaram eliminar.

– Temo que o integrismo no Brasil, representado sobretudo por igrejas pentecostais, venha a ser a antessala do fundamentalismo, mas não se deve ver a religião como ‘o ópio do povo’ ou admitir a viabilidade de uma religião racional – alertou o filósofo.

Para Rouanet, os adeptos dessas igrejas podem ser despolitizados, mas não são apolíticos, e a efervescência religiosa pode repolitizar a sociedade, reaproximando os integristas do processo democrático.

Esta seria também uma alternativa ao “descarrilhamento” político provocado pelo ceticismo e o narcisismo, muito presentes em uma sociedade impregnada das chamadas leis do mercado.

Compareceram ao fórum na noite de segunda-feira os senadores Rodrigo Rollemberg (PSB-DF) e Cristovam Buarque (PDT-DF). O evento é coordenado pelo embaixador Jerônimo Moscardo, especialmente designado para o projeto pelo presidente do Senado, José Sarney.

03/07/2012

Frédéric Gros: A internet obrigará a democracia representativa a se reinventar

Nelson Oliveira e Paulo Cezar Barreto



Paula Cinquetti/Agência Senado

Gros: a insurreição digital deve ser vista por enquanto como um rascunho

Nono conferencista do Fórum Brasil Senado 2012, o filósofo francês Frédéric Gros foi confrontado na noite de segunda-feira (2) com uma pergunta surpreendente, vinda da audiência que lotou o auditório do Interlegis: “O que se seguirá à ciberdemocracia?”.

Cauteloso, o professor da Universidade Paris-Est Créteil ponderou que seria melhor esperar a consolidação da ciberdemocracia para então tentarmos especular sobre o seu futuro. Convidado a tratar da política na era do Homo Connecticuticus, o conectado sucessor do Homo Sapiens, Grós terá percebido na pergunta o sinal dos tempos de hoje: a pressão constante por mudanças velozes e por superação.

Talvez por isso, a resposta dele sugira uma atitude em falta no cardápio atual das sensações humanas: calma.

Para o filósofo, a internet não é nem a salvação da democracia, ao introduzir na cena política mecanismos de participação direta dos cidadãos, nem o veículo de um totalitarismo apoiado em manipulação de programas e informações “à la 1984, de Orwell”. O que a emergência das novas tecnologias de comunicação apresenta é um desafio aos conceitos clássicos de representatividade:

– O papel do parlamento como representante exclusivo e imprescindível da vontade popular foi ferido pela internet, e a democracia representativa terá de se reinventar – advertiu o professor.

Enquanto não se sabe que reinvenção será essa, os políticos buscam ocupar espaços no mundo virtual utilizando cada vez mais redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*. É uma estratégia para disseminar mensagens e estabelecer uma relação direta com seus eleitores sem passar pelos canais comuns até o advento da rede mundial de computadores.

Banalização

Um dos símbolos máximos da democracia, o voto tende a mudar de formato, mas Grós é mais uma vez cauteloso, lembrando que a intermediação eletrônica, mesmo no caso das urnas brasileiras, pode extinguir ou diminuir a força de um rito entranhado na cultura política, não sem prejuízo:

– Além das questões de segurança e confiabilidade, é preciso discutir a possibilidade de banalização de um voto dado entre compras na Amazon e o envio de *e-mails* – alertou o jovem professor da Paris-Est, cujas palestras podem ser conferidas no YouTube.

A par da velocidade e do amplo espectro das postagens na rede, a interatividade é um dos aspectos que promete mudar as relações entre representantes (parlamentares) e representados (eleitores), cujas identidades já começam a se embaralhar, segundo o filósofo. Ele explica que a internet criou a quarta modalidade de espaço político da história, a da “nuvem galáctica, massa formada pelas interconexões e interações”.

Os estágios anteriores foram o espaço do tipo pirâmide, com decisões centralizadas, impostas à base por um pequeno grupo instalado no topo. O segundo estágio foi o do “gabinete secreto”, visto como necessário a decisões cujo conhecimento poderiam colocar em risco a segurança do Estado. O terceiro estágio foi o da Ágora, a assembleia grega, em que se separava o público do privado, espaço que se desdobrou posteriormente no âmbito do parlamento e no instrumento do voto.

– Heterogênea e mutante, a nuvem galáctica vai atropelar a oposição entre o emissor e o receptor, entre o público e o privado, entre o especialista e o leigo – apontou Grós, recordando o caráter libertário que orientou os acadêmicos responsáveis pelos primórdios da rede, nos anos 1970.

‘Fim da história’



Divulgação: Wikimedia Commons

Muro de Berlim: queda não levou ao ‘fim da história’

De todo modo, não se deve ver esse processo como destrutivo, apenas. Frédéric Gros assinalou que a democracia não cessa de questionar a si mesma desde sua gênese. Para alguns, essa crise é a própria saúde desse regime, o que ajuda a esvaziar teses catastrofistas como a do ‘fim da história’, muito em voga logo após a queda do Muro de Berlim, em 1989.

– A História recomeça, e é preciso reinventar tudo – reparou o filósofo.

Grós acha que há outros motivos de preocupação, como a abertura para o populismo propiciada pelo contato direto dos políticos com os eleitores por meio de *blogs* e contas nas redes sociais. Esses espaços, argumenta, são mais sujeitos à personalização, e ali o que é público tem menor relevância.

Já as ‘insurreições digitais’, vistas como positivas por muitos, são uma nova modalidade de mobilização de alcance e importância ainda difíceis de mensurar.

Para o pesquisador, a sublevação digital deve ser vista por enquanto “como um rascunho”. “Não se pode dizer que há casos de sucesso ou de insucesso”, afirma, referindo-se às rebeliões na Tunísia e na Líbia.

– Há uma certa volatilidade nesses movimentos, um certo imediatismo e um engajamento local que ultrapassa fronteiras, mas não uma lógica de filiação política, uma ação precisa e acordos. Não há duração – resumiu o professor.

Anonimato

Grós abordou sob outros ângulos as consequências para a democracia decorrentes das novas tecnologias da informação, como o uso de rastreadores (*chips* e aparelhos GPS), e o alto grau de exposição da vida privada dos internautas. A impossibilidade de se apagar em definitivo o que é publicado poderia, por exemplo, levar ao temor de que o indivíduo, mesmo concordando com as regras da rede, esteja sendo subtraído em direitos fundamentais.

– Será que não faz parte da democracia o direito ao anonimato e à intimidade? – questionou o filósofo.

Ele lembrou, por outro lado, que a internet permite conhecer de maneira muito mais rápida a vontade popular, mas serve ao mesmo tempo à troca de insultos, disseminação de boatos e movimentos de pânico.

Sobre a influência cultural da *web*, o professor foi comedido. À carência de informações da fase anterior sucedeu um tsunami que prejudica a reflexão e o julgamento crítico. O problema no momento é encontrar fórmulas de “hierarquizar” as informações, de modo que se possa atribuir valores ao que é publicado.

Um dos fenômenos mais presentes na rede é o das ‘bolhas’, assuntos que assumem uma importância repentina e ganham enorme popularidade, mas desaparecem com a mesma rapidez da notoriedade.

– Existe uma presença forte da imagem, a reatividade é mais rápida, mas ficamos somente um minuto em cada página – salientou.

Horizontes

Com a presença de renomados pensadores contemporâneos, brasileiros e estrangeiros, o ciclo de debates que investiga o tema democracia em seus diferentes aspectos é o primeiro, de uma série, do Fórum Senado Brasil 2012. Trata-se de uma das atividades de comissão especial instituída pelo presidente do Senado, José Sarney, “para fomentar a reflexão na Casa”.

Presidida pelo embaixador Jerônimo Moscardo, a comissão cuida da realização de seminários especiais que no decorrer do ano debaterão grandes temas da atualidade, como os desafios das democracias modernas, as crises financeiras, cultura e conhecimento na era da tecnologia.

A relação democracia liberal e "governamentalidade" será destrinchada nesta terça-feira pelo filósofo Helton Adverse, na penúltima conferência do ciclo. O filósofo lembra que nos fundamentos da moderna concepção liberal de democracia estão as noções de direitos humanos, soberania popular e liberdade individual.

24/06/2012

Intervenção humana equivale a grande força ambiental, diz físico Luiz Alberto Oliveira

Paulo Cezar Barreto

O físico Luiz Alberto Oliveira, em sua conferência "Homo civilis (ou Homo sapiens 2.0)" – a terceira do Fórum Senado Brasil 2012, realizada na sexta-feira (22) – alertou para a “fragmentação e reformatação” dos limites que definem o ser humano, um fenômeno inédito que atribuiu à crescente ação da tecnologia, abrindo a perspectiva do surgimento de novas condições humanas – ou mesmo de uma condição “neo-humana”.

Oliveira citou o pensamento de Hannah Arendt para lembrar que o homem se distingue dos animais tanto pela sua capacidade de trabalhar com as dimensões do passado e do futuro quanto pela necessidade de associação: conforme lembrou, a dimensão política faz parte de nosso ser, e a liberdade e o pensar estão intimamente associados. Porém, Arendt verificou, ainda nos anos 1960, uma distância crescente entre pensamento e conhecimento – o mesmo fenômeno, expresso na destruição da 1ª Guerra Mundial, teria levado o poeta e ensaísta Paul Valéry a declarar que "tudo que sabemos, isto é, tudo que podemos acabou por se opor a tudo que somos".

O físico propõe a aplicação de conceitos da biologia evolutiva para a análise civilizacional, com ênfase nos mecanismos de mutação e hereditariedade. Segundo a teoria de Darwin, pequenas variantes nos descendentes da espécie podem vir a se acumular ao longo do tempo, e mudanças no ambiente agem para selecionar uma ou outra das variantes. Oliveira sublinhou que esse processo ocorre em dois níveis: na dimensão molecular, o ritmo de mutação é “frenético”, enquanto no ambiental verifica-se uma lenta cadência – a vida põe em contato essas duas dimensões do tempo, cada uma com sua carga de imprevisibilidade. No caso do Homo sapiens, lembrou que "sapiens tem um ritmo diferente de homo":

– A capacidade de extravasar o natural trará um novo ritmo de inovação e transformação, mais acelerado que o da própria vida.

Oliveira avalia que a civilização técnica, numa “artificialização” consolidada com a invenção das cidades e exacerbada a partir da Revolução Industrial, levou a um duplo resultado: o conjunto de atividades humanas hoje recobre o planeta de modo equivalente a uma grande força ambiental, e pode-se intervir no nível molecular de todos os organismos vivos, inclusive dos próprios humanos. Nos dois sentidos, para o físico, o conjunto de nossas ações se dobra sobre a pró-

pria efetividade da espécie, o que leva a humanidade a uma “profunda indeterminação”.

Luiz Alberto Oliveira afirma que a dúvida que paira sobre o capitalismo não é mais sobre sua capacidade de expandir-se no espaço, mas de seguir existindo no tempo, e o horizonte da vida artificial, por ser programada com uma finalidade, é um inteiro desvio do pensamento darwiniano até agora – a própria mutação de seres humanos, para ele, despertará questões éticas crescentes. Mas afirma que o amanhã é a construção de nossas escolhas e, diante da crise, devemos ser “a ponte entre aquilo que veio antes e o que virá depois”.

04/07/2012

Liberalismo e democracia levam a debate acirrado no Fórum Senado Brasil

Nelson Oliveira e Paulo Cezar Barreto



Lia de Paula/Agência Senado

Adverse: democracia liberal resguarda as diferenças sem ameaçar a estrutura política

O elogio ao liberalismo feito na noite de terça-feira (3) pelo filósofo Helton Adverse trouxe calor ideológico aos debates do Fórum Senado Brasil 2012, que será encerrado no dia 7 de agosto. Mesmo condenando a desregulação que levou à crise financeira de 2008, o conferencista foi questionado por vários participantes sobre a veracidade do termo 'democracia' num quadro de "gritante injustiça social".

No entender de Adverse, o liberalismo segue com muita força, mesmo porque não há no horizonte alternativa consistente a esse modelo político e econômico. O socialismo seria essencialmente antidemocrático, pelo menos se levada em conta a sua experiência histórica, pontuada pela supressão da liberdade política em prol de metas de nivelamento econômico.

Muitos governos intervencionistas estabelecidos na América Latina nos últimos anos teriam a mesma inspiração, e, portanto, caminhariam no sentido contrário à democracia:

– Na democracia liberal, mesmo nas crises, as diferenças são resguardadas sem ameaças à estrutura política – observou Adverse, que é professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O filósofo, entretanto, pregou a ideia de que há um ponto máximo de exclusão social, que põe em xeque o próprio sistema liberal, e um ponto mínimo, a partir do qual a democracia começa a ceder em função do cerceamento ao mercado. O ideal é que haja um equilíbrio.

– A crise de 2008 nos fez lembrar que existe política e que a espontaneidade do mercado tem que ser vista com reservas. É preciso deliberar – assinalou o conferencista, um crítico da ideia de que o liberalismo acabou.

Tecnocracia

Para ele, a democracia liberal ainda tem muito a contribuir para o desenvolvimento econômico e social. Os problemas graves que países como o Brasil, e eventualmente os desenvolvidos, enfrentam decorreriam exatamente da fragilidade no exercício da política. As mazelas sociais, por exemplo, seriam resultado da pequena participação política dentro do modelo liberal, não de uma recusa doutrinária do sistema à ampliação de renda e oportunidades.

Esse raciocínio se aplicaria, por exemplo, ao poder de instituições como o Comitê de Política Monetária (Copom), que define o patamar de juros no Brasil, e estaria “acima da vontade popular”, na opinião de um participante. Adverse acrescentou que há uma tendência nas últimas décadas à despolitização das decisões e sua conversão em medidas técnicas e administrativas, o que se explicaria inclusive o predomínio da linguagem econômica.

Vale-tudo

Lia de Paula/Agência Senado



Samuel Pinheiro Guimarães (D): vivemos uma plutocracia

Questionamentos às virtudes do liberalismo partiram também do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ex-alto-representante geral do Mercosul.

– O exercício da democracia no Brasil é afetado, sim, pela desigualdade de renda, que cresce sob uma cortina de fumaça, e pela desigualdade política – disse o diplomata depois ser incentivado a falar pelo coordenador do evento, embaixador Jerônimo Moscardo.

Para Guimarães, a composição do Congresso Nacional deixa evidente a concentração de terras no Brasil. A “bancada ruralista” integraria cerca de 300



Lia de Paula/Agência Senado

Ulisses Riedel: a liberdade entre desiguais é falsa

advogado trabalhista e ex-suplente de senador Ulisses Riedel, atualmente à frente da fundação União Planetária:

– A liberdade entre desiguais é falsa. Falta o ingrediente da solidariedade, sem o qual a liberdade não é ética – salientou o advogado. Ele se colocou como crítico de uma sociedade competitiva a ponto de permitir a transmissão de lutas de vale-tudo (UFC) pela TV até nas noites de Natal.

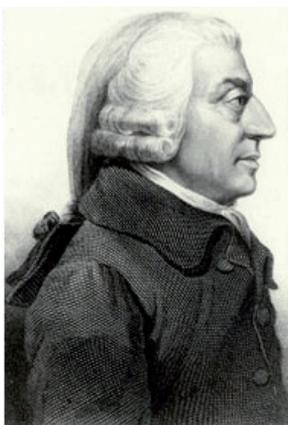
‘Governamentalidade’

Na primeira parte da palestra, Helton Adverse discorreu sobre a interface entre o liberalismo e o Estado, do ponto de vista dos estudos do filósofo francês Michel Foucault sobre a ‘governamentalidade’, conceito que engloba as relações de poder dentro da democracia liberal.

O professor da UFMG procurou mostrar que o liberalismo surgiu como uma reação às “razões de estado” presentes no século XVI, e se desenvolveu a partir do século XVII tendo em vista sempre o maior grau de liberdade possível, mas nunca prescindindo da proteção estatal, ao passo que o Estado lançava mão de todos os meios que lhe seriam convenientes para atingir seus fins.

– O liberalismo coloca em xeque esse excesso de poder – aponta Adverse, que chama a atenção para o nascimento da economia política no século XVIII, com Adam Smith e o princípio da independência do mercado. No século XVII, John Locke desenvolvera a teoria dos direitos naturais, sendo um deles o da propriedade.

Domínio Público



Adam Smith: pai do liberalismo



Roy Bush/Creative Commons

Michel Foucault: Governamentalidade

parlamentares contra 30 ou 40 representantes dos trabalhadores rurais.

– O que temos no Brasil é uma plutocracia – afirmou o diplomata, referindo-se ao termo criado por Aristóteles para designar o governo dos ricos.

As críticas ao liberalismo seriam retomadas pelo ad-

No discurso liberal, segundo Adverse, o mercado funciona como critério de verificação da validade da ação política. A própria ideia de liberdade é formulada a partir de uma noção de mercado

– Se a liberdade é anterior à política, cabe ao Estado, como função primordial, garantir a liberdade. Quando examinamos de perto, ocorre o contrário: a liberdade é decorrente da política, e a tarefa do poder político será a de produzir a liberdade através de intervenção no mercado e no aparato jurídico – analisa o filósofo.

Conflitos

Ele salienta que a noção de liberdade parece uma oposição ao poder, mas no contexto do liberalismo funciona de modo contrário: “É a liberdade que permite o exercício do poder”. Na linha do filósofo Michel Foucault, Adverse nota que a liberdade não é um dado universal, com realização progressiva e “manchas” ocasionais, mas uma relação efetiva entre governantes e governados.

– A democracia recusaria qualquer instrumentalização. Não é um meio, mas um fim nela mesma, assim como a própria ação política, e necessariamente abriga conflitos – argumentou.

06/07/2012

Senado deve instituir núcleo de reflexão sobre política e cultura

Nelson Oliveira



Moscardo, coordenador do Fórum Senado Brasil 2012: aqui a palavra é livre, não impomos filtros

A bem-sucedida experiência do Fórum Senado Brasil 2012 levou o secretário especial de Imprensa, embaixador Jerônimo Moscardo, a propor ao presidente do Senado, José Sarney, a criação de um calendário anual de eventos destinados à reflexão sobre assuntos de grande interesse para o país. A ideia é trazer à Casa pensadores e nomes ligados à cultura para fomentar discussões que transcendam o dia a dia.

– Muitos não acreditavam que filosofia atrairia gente ao Senado, mas o auditório do Interlegis esteve lotado em todas as palestras do fórum até agora, num reconhecimento do valor dos conferencistas e do modelo aberto à participação do público. Aqui a palavra é livre, não impomos nenhum filtro – entusiasma-se Moscardo.

Entre 20 de junho e 3 de julho, filósofos e cientistas políticos de diversas correntes trataram de temas relacionados à política, entre os quais a legitimidade do

sistema representativo, as novas formas de democracia direta e o binômio ética e moral. O seminário será encerrado no dia 7 com palestra de Renato Janine Ribeiro sobre a liberdade de expressão.

“Eu não imaginava que discutir democracia pudesse ser tão agradável”, escreveu um participante em resposta a formulário de avaliação apresentado à audiência. Outro participante afirmou que é “fundamental abrir o Senado a uma maior participação popular.”

O público é formado em grande parte por estudantes, professores e servidores do Senado e de outros órgãos públicos. Os palestrantes são renomados professores de universidades brasileiras e francesas. A vinda destes últimos foi custeada por faculdades particulares que se associaram ao projeto: Upis, Unieuro e UDF.

– A parceria é uma novidade para uma Casa Legislativa que tem sido muito criticada por causa de gastos – observa Moscardo, ex-ministro da Cultura no governo Itamar Franco (1993).

Ele também procurou resgatar o papel de Sarney como incentivador da cultura, lembrando que a Lei nº 7.505, de 1986, elaborada e promulgada pelo então presidente da República, foi a primeira legislação federal de incentivo fiscal à produção cultural. Batizada como Lei Sarney, complementou processo de criação do Ministério da Cultura, antes vinculado ao Ministério da Educação.

De acordo com Moscardo, Sarney está vivamente interessado em incentivar um tipo de discussão aprofundada, mesmo entendendo que a atividade principal e imediata dos parlamentares é a discussão e a deliberação sobre projetos de lei. O secretário de imprensa argumenta que o Brasil necessita cada vez mais de substância intelectual para orientar decisões estratégicas necessárias a um país que se tornou a 6ª economia do mundo.

06/07/2012

Fórum Senado Brasil tem aprovação unânime do público

Da Redação

Lia de Paula/Agência Senado



Definido por um participante como espaço de "democratização da lucidez", o Fórum Senado Brasil 2012 teve aprovação unânime. Em 10 dias de conferências, o auditório de 250 lugares no Interlegis, que abrigava as palestras, esteve sempre lotado. O público ainda ocupou

dois outros espaços com rede interna de transmissão das conferências e opinou – nos debates e na avaliação por escrito. "Foi o melhor evento científico da minha vida", apontou um professor universitário na avaliação do evento que reuniu mestres pensadores franceses e brasileiros para expor observação e reflexão sobre a democracia em tempos de mutações.

Temas distintos – do apolitismo político ao *homo connecticus*, democracia espetáculo ou a representação política na seara das novas tecnologias – resultaram em provocações que conquistaram a plateia heterogênea, composta de jovens e adultos, estudantes, professores, servidores, jornalistas, ongueiros e sindicalistas. O fórum mereceu deles as avaliações de "excelente" (majoritária) e "bom". Não houve qualquer registro para as opções "regular" ou "ruim".

A pontualidade foi registrada e apontada por muitos como "sinal de respeito e atenção aos participantes". (As palestras começavam às 19h e às 20h eram abertos os debates, encerrados sempre às 21h20. O público cobrou maior tempo nos debates, pediu repetição do fórum e disponibilização rápida por meios eletrônicos. Também registrou a ausência de parlamentares e da imprensa.

Livre para inquietar espíritos

"É uma verdadeira universidade clandestina e livre", definiu o entusiasmo do embaixador Jerônimo Moscardo, idealizador e responsável pelo Fórum, organizado em parceria com o filósofo Adauto Novaes. "Conseguimos inquietar os espíritos", celebrou na terça-feira, 3, ao encerrar a primeira etapa do Fórum,

que terá a última conferência no dia 7 de agosto, com o tema "A palavra livre e infeliz", apresentado por Renato Janine Ribeiro, professor de filosofia política e estética na USP. Antes, o presidente José Sarney, entusiasta e responsável pela iniciativa, havia marcado: "Vamos convocar grandes figuras da cultura universal e iniciar diálogos que possam alargar nossos horizontes e abrir cenários do nosso futuro para a reflexão do Senado federal".

As palestras, os debates e avaliações dos participantes serão disponibilizados por meio eletrônico – no *site* e como série na TV Senado – e depois em livro.

Veja algumas manifestações do público:

– *É uma iniciativa pós-democratização da informação, arrisco dizer tratar-se da democratização da lucidez – espaço de socialização de ideias e conhecimentos de vanguarda.*

– *Eu não imaginava que discutir democracia pudesse ser tão agradável.*

– *É fundamental abrir o Senado a uma maior participação popular.*

– *Pela primeira vez senti o Senado como uma casa que nos representa. Me senti acolhida.*

– *O Parlamento brasileiro deve investir na criação de núcleos para o cidadão aprender a refletir.*

– *É louvável trazer a sociedade para debater a política num âmbito mais profundo e amplo.*

– *Espero ter outras oportunidades desta natureza. Tomara que este (fórum) não seja único e sim o primeiro;*

– *Esses eventos deveriam ser mais frequentes, pois o cotidiano nos condena a um reducionismo homogêneo.*

– *Os temas abordados me fizeram pesquisar mais... aumentando o meu senso crítico e formação de opinião.*

– *O Senado precisa continuar com esses encontros geniais.*

– *Seria bem interessante se pudéssemos dar continuidade a essas reflexões.*

– *O conteúdo gerado a partir das palestras merece ser editado e amplamente divulgado.*

– *Vale a pena manter este Fórum. É fundamental abrir o Senado a uma maior participação dos cidadãos.*

Da Secretaria de Imprensa da Presidência do Senado

Agência Senado

22/06/2012

Filósofo Charles Girard aponta riscos do consenso para a democracia e defende confronto de opiniões



Charles Girard (ao centro na bancada), da Sorbonne, discursa em fórum sobre os riscos do consenso para a democracia

Na segunda conferência do Fórum Senado Brasil 2012, o filósofo Charles Girard, professor da Universidade de Paris-Sorbonne, defendeu a democracia contra a “sedução do consenso”, que, em seu ponto de vista, põe em risco os próprios objetivos do regime democrático. A palestra ocorreu na última quinta-feira.

Segundo Girard, o resultado da Conferência Rio+20, abaixo da expectativa dos comentaristas, é um exemplo de como a busca insistente do consenso pode provocar imobilidade por falta de acordo. O silêncio da minoria pode aparentar consenso, quando na verdade é uma forma de evitar riscos ou uma pressão da opinião dominante. No entanto, concluiu o professor, para efeitos práticos, é preciso na democracia encontrar um compromisso entre a legitimidade e a eficácia.

Para o filósofo, são exigências próprias ao regime democrático que criam o desejo de unanimidade. A primeira é a de que cada indivíduo, como cidadão, tenha direito de ser reconhecido como igual aos outros. Segundo, o fato de que “o consentimento dos cidadãos é a fonte de todo poder legítimo”. Apesar disso, o consenso ameaça a democracia, defende Girard. Antes de se buscar o consentimento à decisão eleitoral da maioria, é preciso apoiar um debate político autêntico com representação equitativa de todos os grupos sociais.

– Sem confronto de opiniões, o pensamento se torna dogma. Esperar que o consenso se forme espontaneamente para agir é, na verdade, renunciar a agir, pois nas sociedades de massa contemporâneas, não existe unanimidade. É

preciso que, na tomada de decisão, cada um possa defender seu interesse — disse.

Girard acredita que, quando se estabelecem eleições livres, na verdade, se deseja alcançar o consenso, como se a maioria falasse por todos. Isso, no entanto, nega as opiniões minoritárias e as divergências que o voto revela. “O voto expõe clivagens e desacordos. O consenso unifica e homogeniza”, resumiu.

O fórum vai até 7 de agosto. Os seminários começam às 19h no auditório do Interlegis e a entrada é gratuita. Inscrições pelo site www.senado.gov.br/senado/forumsenado2012.

25/06/2012

“Tecnologia cria novas condições humanas”, afirma físico em fórum



Moreira Mariz/Agência Senado

Jerônimo Moscardo, Luiz Alberto Oliveira e Ronaldo Sardenberg durante debate

O físico Luiz Alberto Oliveira, em sua conferência “Homo civilis (ou Homo sapiens 2.0)” – a terceira do Fórum Senado Brasil 2012, na sexta-feira –, alertou para a “fragmentação e reformatação” dos limites que definem o ser humano, um fenômeno inédito que atribuiu à ação da tecnologia, abrindo a perspectiva do surgimento de novas condições humanas.

Oliveira propõe a aplicação de conceitos da biologia evolutiva na análise civilizacional, com ênfase nos mecanismos de mutação e hereditariedade. Segundo Darwin, pequenas variantes nos descendentes da espécie podem se acumular ao longo do tempo, e mudanças no ambiente selecionam uma ou outra das variantes.

O físico sublinhou que o processo ocorre em dois níveis: no molecular, o ritmo de mutação é “frenético”; no ambiental, verifica-se uma lenta cadência. No caso do Homo sapiens, lembrou que “sapiens tem um ritmo diferente de Homo”:

– A capacidade de extravasar o natural trará novo ritmo de inovação e transformação, mais acelerado que o da própria vida.

27/06/2012

Religião pode enriquecer democracia, diz diplomata

No Fórum Senado Brasil 2012, na segunda-feira, o cientista político e diplomata Sergio Paulo Rouanet apoiou uma sociedade “pós-secular” em que setores religiosos enriqueçam o debate político por meio de valores positivos, como ideal de solidariedade. No entanto, ele criticou a radicalização religiosa, que considera inconciliável com a política democrática.

Rouanet lembrou que na obra de Sigmund Freud a religião é vista como um freio contra a violência geral, por produzir o que chamou de “ilusão necessária” (a cessação, a uma divindade ou messias, de boa parcela do ego dos integrantes de um grupo social), sem a qual o homem não aceitaria os sacrifícios impostos pela civilização.



Sergio Rouanet durante conferência no Fórum Senado Brasil 2012

Para Rouanet, Freud foi “profético” quanto à transformação do integrismo – interpretação literal dos livros sagrados que visa à reorganização do Estado segundo a lei divina – em fundamentalismo, o “integrismo com violência”. Segundo Rouanet, a confusão entre os “mandamentos de Deus” e a lei do Estado continua pautando as disputas eleitorais em temas como aborto, clonagem e casamento *gay*. Para o diplomata, as três grandes religiões monoteístas – cristianismo, judaísmo e islamismo – acabam convergindo em suas vertentes fundamentalistas, inscrevendo-se na “guerra entre Deus e Satã”. Daí decorrem, por exemplo, o terrorismo islâmico e o repúdio, nos Estados Unidos, à teoria da evolução.

– Temo que o integrismo no Brasil, representado sobretudo por igrejas pentecostais, venha a ser a antessala do fundamentalismo, mas não se deve ver a religião como “o ópio do povo” ou admitir a viabilidade de uma religião racional – alertou.

28/06/2012

A ética não depende de leis, diz filósofo



Franklin Leopoldo e Silva foi o quinto palestrante do Fórum Senado Brasil

Um dia depois da condenação de Demóstenes Torres (sem partido-GO) pelo Conselho de Ética, o Senado ouviu o filósofo Franklin Leopoldo e Silva fazer uma defesa apaixonada da capacidade de resistência do ser humano aos atos contra a consciência. Ele foi o quinto intelectual a participar do Fórum Senado Brasil 2012, que segue até 7 de agosto, no auditório do Interlegis.

Franklin não se referiu diretamente ao caso Demóstenes, mas o tema surgiu das perguntas da platéia, que quis saber como se pode prevenir atos contra a ética e a moral na política, o assunto da conferência da noite. O filósofo concentrou seus argumentos no processo de conscientização do indivíduo.

– A ética e a moral não decorrem de regras e leis. Aquele que encontra a si mesmo, que é e escolhe como agir, vive de forma ética e moral, porque tem como valores éticos e morais aquilo que sua própria consciência lhe aponta — afirmou.

Segundo Franklin, as regras sociais e as leis estão muitas vezes contaminadas por vícios. No nazismo, lembrou, um grande contingente de indivíduos agiu segundo os mesmos ditames e leis que legitimaram o mal.

O risco de a individuação descambar para o solipsismo (isolamento) ou o narcisismo (autoadmiração) deve ser neutralizado pela ação no plano social, segundo Franklin:

– A única forma de evitar o mal é pensar por si mesmo e agir com os outros – receitou.

02/07/2012

No Fórum Senado Brasil 2012, Vladimir Safatle diz que os partidos perderam a função



Para Safatle, partidos políticos já não têm mais identidade com os eleitores

O professor de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) Vladimir Safatle avaliou a atuação dos partidos como impedimento a uma participação genuína do povo na política, mas é otimista quanto à emergência de mecanismos de democracia direta.

Oitavo conferencista do Fórum Senado Brasil 2012, Safatle defendeu a extinção dos partidos políticos – “já sem comunicação real e identidade com o eleitor” – ou, no mínimo, sua substituição por frentes legítimas e pulsantes diante dos interesses e demandas do povo.

Do rol de organizações ultrapassadas, ele não excluiu nem partidos de esquerda, que, a seu ver, “de forma fatalista, têm colaborado em muitos países com programas de ajuste danosos à população e benéficos a financistas e governantes”.

– A forma partido não tem mais função – sentenciou.

Para Safatle, é falso pensar que a democracia se realiza naturalmente, por intermédio de parlamentares que às vezes “levam anos para deliberar sobre matérias que demandam solução urgente”. Ele afastou as acusações de que o “assembleísmo” tornaria inviável a tomada de decisões. Para o professor, as possibilidades de participação política direta devem ser mais bem exploradas, sobretudo agora que a tecnologia da informação propicia conexões ágeis e seguras.

Como exemplos de mudança de verdade no cenário político, Safatle citou movimentos como o dos indignados na Espanha e o Occupy Wall Street nos Estados Unidos. Também elogiou a Primavera Árabe e os protestos anticorrupção no Brasil.

04/07/2012

Frédéric Gros: a internet vai obrigar a democracia a se reinventar



Lia de Paula/Agência Senado

Gros (E) explica que as novas tecnologias de comunicação vão atropelar a tradicional oposição entre emissor e receptor

Nono conferencista do Fórum Senado Brasil 2012, o filósofo francês Frédéric Gros foi cauteloso ao responder sobre o que se seguirá à ciberdemocracia: disse que é preciso aguardar sua consolidação para especular. No auditório do Interlegis, segunda-feira, o professor da Universidade Paris-Est Créteil falou sobre política na era do Homo connecticus, o conectado sucessor do Homo sapiens.

Para o filósofo, a internet não é nem a salvação da democracia, ao introduzir na cena política mecanismos de participação direta dos cidadãos, nem o veículo de um totalitarismo apoiado em manipulação de programas e informações “à la 1984, de George Orwell”. O que as novas tecnologias de comunicação apresentam, segundo ele, é um desafio aos conceitos clássicos de representatividade:

– O papel do parlamento como representante exclusivo e imprescindível da vontade popular foi ferido pela internet, e a democracia representativa terá de se reinventar – advertiu o professor.

Enquanto isso, disse Gros, os políticos buscam ocupar espaços no mundo virtual utilizando cada vez mais redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*. É uma estratégia para disseminar mensagens e construir uma relação direta com seus eleitores.

Gros disse que a intermediação eletrônica do voto, mesmo no caso das urnas brasileiras, pode diminuir a força de um rito da cultura política:

– Além das questões de segurança e confiabilidade, é preciso discutir a possibilidade de banalização de um voto dado entre compras na Amazon e o envio de *e-mails*.

Para ele, a internet criou a quarta modalidade de espaço político da história: a da nuvem galáctica. O primeiro estágio foi o espaço pirâmide, com decisões centralizadas; o segundo foi o do “gabinete secreto”, visto como necessário a decisões cujo conhecimento poderiam colocar em risco a segurança do Estado; e o terceiro foi o da Ágora, a assembleia grega, em que se separava o público do privado.

– Heterogênea e mutante, a nuvem galáctica vai atropelar a oposição entre o emissor e o receptor, entre o público e o privado, entre o especialista e o leigo – apontou Gros.

O filósofo demonstrou preocupação com a abertura para o populismo propiciada pelo contato direto dos políticos com os eleitores por meio de blogs e redes sociais. Já as insurreições digitais, afirmou, são uma nova modalidade de mobilização de alcance e importância ainda difíceis de mensurar.

Com renomados pensadores brasileiros e estrangeiros, o Fórum Senado Brasil 2012 começou dia 20 de junho. Ontem o palestrante foi Helton Adverse, e o próximo será Renato Janine, dia 7 de agosto, encerrando o ciclo de 11 palestras.

17/07/2012

Rolleberg elogia o Fórum Senado Brasil sobre democracia



Gerardo Magela/Agência Senado

Rolleberg anuncia a adoção, pela Casa, de calendário anual de debates

O Fórum Senado Brasil 2012, que debateu a democracia em suas diversas expressões e desafios da contemporaneidade em dez dias de palestras no Interlegis, foi elogiado por Rodrigo Rolleberg (PSB-DF), que cumprimentou o presidente do Senado, José Sarney, pela iniciativa do evento. Para ele, os debates foram valiosos para qualificar o trabalho parlamentar e aproximar a sociedade do Legislativo.

– O fórum foi um pontapé para a reflexão sob o imediatismo das análises conjunturais. Reflexão absolutamente necessária em tempos de crise da política brasileira, normalmente analisada sob os factoides de CPIs e escândalos – afirmou.

Rolleberg anunciou que o Senado adotará um calendário anual de debates sobre grandes temas, como desafios das democracias, crises financeiras, cultura e tecnologia.

Jornal do Senado

29/06/2012

Vladimir Safatle fala hoje sobre democracia em evento no Senado

DE SÃO PAULO

O professor de filosofia da USP e colunista da Folha Vladimir Safatle fará hoje uma palestra sobre o tema "A Democracia para além do Estado de Direito" no auditório do Interlegis, no Senado Federal, em Brasília.

A palestra, que será gratuita e aberta ao público, integra o ciclo "Fórum Senado Brasil 2012 – Democracia em Tempos de Mutações" – que teve início no último dia 20 e se estenderá até o dia 7 de agosto.

Para assistir à palestra de Safatle, basta fazer a inscrição pelo site www.senado.gov.br/forumsenado. O credenciamento começará às 18h, e a aula terá início às 19h. A partir das 20h haverá um debate, com perguntas do público presente e questões formuladas pelo Twitter @senadofederal.

Depois da palestra, Safatle vai autografar seu novo livro "A Esquerda que Não Teme Dizer seu Nome", do selo editorial Três Estrelas.

Folha de S.Paulo

Avaliação dos participantes





FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: CARLOS ALBERTO COSTA SAMPAIO
Email: CARLOSAC@SENADO.GOV.BR
Telefone: 3303-3547
Instituição: PRODASEN - SENADO FEDERAL

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

ESTA É UMA INICIATIVA PÓS-DEMOCRATIZAÇÃO DA
INFORMAÇÃO, ARRISCO DIZER TRATAR-SE DA "DEMOCRATIZAÇÃO
DA LUCIDEZ", UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO DE IDÉIAS E
CONHECIMENTOS DE VANGUARDA. É FUNDAMENTAL OUVIRMOS
OS FILÓSOFOS.

PODERÍAMOS PENSAR EM FORMAS DE AMPLIAR O ACESSO
A EVENTOS ASSIM, EM ESCALA NACIONAL

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NÃO COSTUMAM PAUTAR A
REFLEXÃO FILOSÓFICA. DEUEMOS PREENCHER ESTA LACUNA.

TEMOS A UNILEGIS, A TV SENADO, O INTERLEGIS E MUITA
INTELIGÊNCIA REUNIDA. É POSSÍVEL INTEGRAR ESFORÇOS
JÁ FIZEMOS ANTES. AS INSTITUIÇÕES CITADAS SÃO EXEM
DE ESFORÇOS BEM SUCCEDIDOS.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Prof. Dr. FÁBIO LIBÓRIO ROCHA
Email: LIBORIO.FABIO@GMAIL.COM
Telefone: 3274-2855
Instituição: UDF - CENTRO UNIVERSITÁRIO

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Foi o melhor evento científico que eu fui na minha vida, com as personalidades de Filosofia e Ciência Política do Brasil e da Europa. Os temas foram atuais das palestras e pertinentes à Pós-modernidade e Globalização.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Email:

Telefone:

Instituição:

Alme Lucca da Silva
allucea@hotmail.com
Senado Federal

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Quero agradecer aos idealizadores/realizadores do Fórum Senado Brasil 2012 pela oportunidade de debater, e contribuir, sobre tema tão importante. ~~Eu não imaginava que discutir democracia poderia ser tão agradável. Acredito que o sucesso do Fórum deve-se também ao alto nível dos expositores.~~

A única crítica que posso fazer é no sentido de que há mais. Mais Fóruns como este, mais debates sobre a política e estruturação do nosso país. Amém!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

NILSON NUNES

Email:

meitenelson@hotmail.com

Telefone:

61-93690290

Instituição:

SERVIÇO PÚBLICO Fed. aposentado

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Hoje (27.06.2012),
faço uma avaliação
positiva, isto é, as
palestras têm nos levado
a reflexões.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Wendy Silva de Andrade
Email: wendyandrades7@yahoo.com.br
Telefone: 3339 6868 / 9955 2750
Instituição: Centro Universitário UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Sobre o 'Fórum Senado Brasil 2012', vejo que há um grande acúmulo de conhecimento, mas sua divulgação não chega às cidades satélites onde se localiza uma gama de cidadãos e jovens com sede de saber.

Gostaria que houvesse um fórum dedicado também aos estudantes de nível fundamental/médio, já que estes são o futuro do país, e um olhar crítico vindo deles, se faz necessário.

No mais, só cabe elogios quanto a organização e presença das mais ilustres personalidades.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Nelson Luiz de Oliveira
Email: nelson.palavra@gmail.com
Telefone: 3362-7128 - 3303-1387
Instituição: Senado

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Os conferencistas são de alto nível e a ideia contribui realmente p/ ampliar o espaço de reflexão e debate. Mas há pouco de objetividade por parte do público, restringindo a participação de um maior número de pessoas no momento do debate.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: WANG YING TS
Email: WANG@SENADO.GOV.BR
Telefone: (61) 81348170 // 3303-9358
Instituição: SENADO FEDERAL - SF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro
INTRANSET/SF

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

EXCELENTE ESPAÇO PARA REFLEXÃO E DEBATES!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

WY
(CE)

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: MARCIA APARECIDA DE JESUS
Email: MARCIA COLETA@YAHOO.COM.BR
Telefone: 39017602
Instituição: SEEDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

pena palestras de excelência, pelo que os representantes não estejam assistindo essas aulas. Que tal convocar representantes dos vários segmentos de Câmara e Senado? Os representantes também precisam de formação, de educação pública! Acredito que não há avaliação do século 21 (1ª década) e sim reflexões sobre este século e pensar o futuro! Comentário com relação ao tema.

3) O que achou do evento?

27/06/2012

Excelente Bom Regular Ruim

*↓
As palestras que eu assisti.*

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Alik Rodrigues Alves
Email: alick.lilias@gmail.com
Telefone: 61-3447-3773 61-9289-2394
Instituição: Femiso

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Todos os temas tratados são de grande importância e trazendo um exame de história, sociedade, evoluções humanas com extrema qualidade. É louvável trazer a sociedade para debater a política num âmbito mais profundo e amplo.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Newton Flávio de O. Tomotus
Email: newtonflavio@hotmail.com
Telefone: 81940715
Instituição: IDP - Instituto Brasileiro de Direito Público

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

É um debate filosófico que expõe um núcleo de realidade que grande parte da sociedade desconhece, portanto, bastante gratificante.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Antonio Lima da Silva
Email: ANTLIMASTER@GMAIL.COM
Telefone: 9325-9885 / 9132-9073
Instituição: MARANHA DO BRASIL

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Para mim, esta sendo de fundamental importância e preciso que para muitos que aqui se fazem presentes. Comentário é saber que temos mais de uma centena de PHD's nesta classe representativa do povo. e temos que trazer filósofos da França; de termos a contradição pendente de que no Brasil nada funciona e em tudo se faz referência a país de primeiro mundo e o nome país sempre para os outros mundo. Porque somos obrigados a votar votar se vivemos em uma democracia? Não, com isso, uma grande necessidade de educar toda a população, de verdade.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: MANUELLA ROCHA
Email: manuella.rocha@turismo.gov.br
Telefone: (61) 2023 7007
Instituição: Min. do Turismo

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Parabéns ao Senado pela iniciativa. As discussões e exposições têm sido de muita qualidade. Os professores e técnicos sabem muito sobre os assuntos de suas palestras e nesses dias têm me feito pensar sob novas óticas e repensar alguns conceitos que antes eu tinha como verdade absoluta!

Espero ter outras oportunidades desta natureza, temo que este ~~evento~~ Fórum não seja o único, e sim o primeiro.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: PAULO BARREIROS DE OLIVEIRA
Email: paulo.barreiros@TRANSPORTE.GOV.BR
Telefone: 2029 7890
Instituição: MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O formato é agradável, pois o tempo das palestras em função de sua densidade fica equilibrado.
~~Estes eventos deveriam ser mais frequentes (1x cada trimestre, ao menos) pois o cotidiano nos condena à um reducionismo homogêneo.~~
Sugiro que sejam disponibilizados mais materiais relacionados às palestras online e por vezes presencial (apostilas, resumos, etc) e promover uma possível venda de livros de autores diversos e dos palestrantes.
A divulgação pode talvez ser ampliada por meio de cartazes nos ministérios e universidades além de mídia televisiva. (claro que considero o tamanho das) viii

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: DANÉVITA FERREIRS DE MAGALHÃES
Email: DANE.MAGALHAES@GMAIL.COM
Telefone: (61) 8186-8690 / 9936-8242
Instituição: UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O FÓRUM SENADO BRASIL 2012 TEM SIDO MUITO INTERES-
SANTE PORQUE ESTÁ FOCADO ASSUNTOS DE EXTREMA IMPORTÂNCIA
PARA ANÁLISE DESSES PRIMEIROS ANOS DO NOVO MILÊNIO.

SERIA BEM INTERESSANTE SE PUDÉSSEMOS DAR CONTINUIDADE
A ESSAS REFLEXÕES, PARA JUNTOS AMADURECERMOS IDEIAS E
PROPOSTAS PARA UM MUNDO CADA VEZ MELHOR E MAIS PRÓXIMO
DO IDEAL. É PRECISO QUE SAIBAMOS PARA ONDE ESTAMOS CAMINHAN-
DO E ONDE VAMOS CHEGAR.

AS ANÁLISES FEITAS AQUI ESTÃO NOS TRAZENDO UM REFLETIR
NOVO, COM PERSPECTIVAS NOVAS QUE PODEMOS UTILIZÁ-LAS PARA
A CONSTRUÇÃO DE UM PENSAR DIFERENTE PARA AÇÕES INOVADORAS.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Leila Salina da Silva Moraes
Email: leilamoraesunb@gmail.com
Telefone: 93759390 ou 82292424
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Oportunidade, excelente para mim, como estudante do 1º semestre de Filosofia na (UnB). Pela primeira vez senti o Senado Federal, como a casa que nos representa. Me senti acolhida, e que o sentimento de igualdade perante a sociedade existe, pois sentar-me ao lado de tantos políticos e intelectuais, fez renascer o sentimento de uma igualdade que lá fora, praticamente, fora de kitlo de Palestra, o Senado parece ser algo inacessível. Como cidadã, e que ainda acredito que a política pode um dia se tornar a coisa de quem representa. Esse kitlo pode ser considerado, o ponto de partida.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Natália Souza Santos
Email: notalia_santos@yahoo.com.br
Telefone: 9125-2489
Instituição: UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

~~Estou achando o Fórum um evento de discussão e aprendi-
zados excelentes, o nível dos palestras tem superado os melhores
expectativas e a duração também tem sido ~~uma~~ muito
agradável. Os temas abordados são de interesse de todos
as áreas de estudo, o que aumenta a atenção e participa-
ção de todos. Gostaria de sugerir que essas palestras fossem,
de alguma forma, transmitidas a nós, pois algumas coisas
fogem durante o momento da explicação, então seria muito bom
que tivéssemos acesso a esse material posteriormente.~~

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: MOACYR PARRA MOTTA
Email: moacyrmotta@hotmail.com
Telefone: 61-83004004
Instituição: Senado Federal

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Excelente, Rica = NICIAÇÃO.
TEMAS DIVERSOS MAS SÃO CONFLUENTES
COMO A NATUREZA HUMANA E SOCIAL.
A BUSCA PELA EDUCAÇÃO COMO IMPARCIALIDADE,
ESSENCIAL, JUZGADOR.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Luís Chamara Vieira Craveiro
Email: luís094@bol.com.br
Telefone: 91225070
Instituição: C.E.M SETOR LESTE

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

1) EVENTO FOI ÓTIMO, COMO ESTUDANTE DE ENSINO MÉDIO AS PALESTRAS AMPLIARAM MINHA VISÃO A RESPEITO DA POLÍTICA DE UM MODO GERAL, ME INCENTIVANDO A PARTICIPAR MAIS DESTA.
2) OS TEMAS ABORDADOS ME FIZERAM PESQUISAR MAIS ALGUNS FILOSOFOS E SOCIOLOGOS, SUAS TEORIAS, AUMENTANDO E COLABORANDO COM MEU SENSO CRÍTICO E OPINIÃO A RESPEITO DO ASSUNTO (DEMOCRACIA). PORÉM, EU ACREDITO QUE COM UMA MAIOR DIVULGAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS E UM AUXÍLIO AO ~~IR~~ PARA TRAZER ALUNOS INTERESSADOS A ESSE TIPO DE EVENTO POLÍTICO SERIA BASTANTE INTERESSANTE, ATÉ PORQUE MUITOS DE NÓS SEREMOS "O FUTURO" E CONTINUAR MANTENDO-NOS LEIGOS QUANTO A POLÍTICA NÃO DEIXA ISSO COM UMA BOA IMAGEM; PARTICIPAR NOS FAZ BEM, NÃO SÓ ACADÊMICAMENTE, COMO PROFISSIONALMENTE "FUTURAMENTE".

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

JOSE GILBERTO ARAUJO MARTINS

Email:

BETHHOARRUDA@HOTMAIL.COM

Telefone:

61- 81942990

Instituição:

UMEURO

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

PARABENS A "UNIVERSIDADE CLARDESTINA"
~~O SENADO PRECISA CONTINUAR COM~~
~~ESTES ENCONTROS SEMITR.~~

CONTINUEM COM A "UNIVERSIDADE CLARDESTINA".

SUGIRO QUE SEJAM DISPONIBILIZADA,
NO SITE DO INTERLEGIS O CONTEUDO
DAI PARA LER.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Ambrosio de Serpa Coutinho
Email: serpa@senado.gov.br
Telefone: 3303 1734
Instituição: Senado Federal

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

É de extrema utilidade a atualização dos conceitos e modos políticos de agir.

Muito bom para aprofundar o nível dos debates no cara.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Joaquim Nagels Vasconcelos

Email:

joaquimnagels@gmail.com

Telefone:

(61) 8423-1331 # 9693-7331 # 30342231

Instituição:

Ação Comunitária Proenamento de S. 400

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O conteúdo gerado a partir dos debates merece ser editado e eventualmente divulgado.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Márcio Aguiar Gomes
Email: marcio.aguiar@hotmail.com
Telefone: 9225-2159
Instituição: Centro de Ensino do Distrito Federal - UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Penso que este Fórum é muito importante
para avançarmos enquanto país democrático
é bom que este evento, promova o debate
filosófico e neste o Senado acertou.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avallar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: CARLA FRADE
Email: (61)92 CARLAFFPC@GMAIL.COM
Telefone: (61)9984.9146
Instituição: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

PRIMEIRAMENTE, GOSTARIA DE PARABENIZAR A INICIATIVA DO SENADO, QUE POR PROPORCIONAR # UM MOMENTO DE DEBATE SOBRE TEMAS TÃO CAROS À DEMOCRACIA, DEBATE ESSE SEMPRE MUITO SALUTAR.

EM SEGUNDO LUGAR, PARABENIZO TAMBÉM A ESCOLHA DOS PALESTRANTES, TODOS MUITO COMPETENTES E CUJAS PALESTRAS FORAM MUITO ELUCIDATIVAS, ESPECIALMENTE PARA MIM, ESTUDANTE DA GRADUAÇÃO EM DIREITO, QUE APROVEITEI PARA APROFUNDAR MEUS CONHECIMENTOS NA ÁREA DE CIÊNCIA POLÍTICA E TEORIA GERAL DO ESTADO POR ELM, DESTACO A ORGANIZAÇÃO DO EVENTO, QUE SEMPRE COMEÇOU PONTUALMENTE E PROPORCIONOU ÓTIMAS INSTALAÇÕES.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: OLEUBER BARRROS RANGEL
Email: barrros.oleuber@gmail.com
Telefone: (61) 9987-1027
Instituição: UDF - Graduando

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O presente fórum é uma oportunidade de debatermos temas relevantes e atuais, associados à democracia. Eventos dessa natureza, acredito eu, corroboram para o fortalecimento da democracia. Nesse sentido, a instituição Senado Federal cumpre um papel relevante. Parabenizo tal iniciativa e que outros eventos possam reforçar e incentivar a participação dos diversos núcleos da sociedade civil.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Adriano da Silva Oliveira
Email: adryoliveira.dry@hotmail.com
Telefone: 3258-3909 / 9300-1577 / 8144-9111
Instituição: UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O evento apresenta uma excelente qualidade, palestrantes, organizador, conteúdo, temas. Seria interessante disponibilizar o conteúdo das palestras para o público através de arquivos, mp3, mp4 ou livros com todo resumo.

Espero que outros eventos sejam realizados em breve.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Juliana Rafaela Mendonça
Email: JULLIRRAFAEVA@YAHOO.COM.BR
Telefone: 61-9208-8562-8146-1069
Instituição: UNB-UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

De grande valia, trazendo reflexões sobre o indivíduo e o coletivo, tornando a filosofia política acessível, visando tornar as questões políticas e sociais com outro olhar, outra dimensão, fazendo assim, o indivíduo ser mais participativo no interesse geral da população.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: STELLA CARRION TERUEL
Email: STELLA.CARRION@HOTMAIL.COM
Telefone: 61-3344-3528
Instituição: - (underline)

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Caros Senhores
Deuho alociado profundamente e di-
vulgado este evento e diversas pessoas
que comentam não ter ouvido falar
nele. Somos uma minoria de privilegiados
que desfrutamos do privilégio de
verber todo este conhecimento acadêmico.
Oxala tivesse a restante da população
brasileira esta oportunidade. Fica minha
sugestão, já enviada por e-mail, de incluir
o grande Márcio Sérgio Cortella num próximo
evento, bem como de ampliar a divulgação
para que outras pessoas possam participar.
Muito obrigada!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e preparar o futuro

Avaliação

Nome:

AGNALDO MENEZES DANTAS

Email:

AGNALDO.MENEZESDANTAS@GMAIL.COM

Telefone:

81825112 - 33253515

Instituição:

FENEP - FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ESCOLAS P&D

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

MUITO BEM ORGANIZADO, EXCELENTE SELECÇÃO DE TEMAS E OS MENTORES ESTÃO DE PARABÉNS COM OS ADESTRANTES CONVIDADOS.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: AMILCAR FRANCISCO FARIA
Email: amilcar.faria@bcb.gov.br
Telefone: (61) 8181-0032
Instituição: BANCA CENTRAL DO BRASIL

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

(TWITTER)

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

PARA GERAR UM NÚCLEO DE REFLEXÃO NO PARLAMENTO SERIA NECESSÁRIO CONSEGUIR A PARTICIPAÇÃO DE PARLAMENTARES. SOMENTE 2 SENADORES, ATÉ ENTÃO, GRAÇARAM COMPARECER AO EVENTO. NÃO OBTIVAMOS, E LOUVÁVEL A ABERTURA DESSA OPORTUNIDADE À POPULAÇÃO.

UM PASSO ADIANTE NESTA INICIATIVA SERIA A REALIZAÇÃO DE MENSAGENS REDONDAS; DEBATES ABERTOS AO PÚBLICO (E NÃO SÓ PALESTRAS COM PERGUNTAS POSTERIORES); EVENTOS QUE PERMITAM MAIOR INTERATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO PRESENTE. COLOCAÇÃO DE TEMAS (TEXTOS) EM UM ESPAÇO VIRTUAL (BLOG) ABERTO A COMENTÁRIOS E/POSTERIOR DISCUSSÃO PRESENCIAL, ONDE QUEM TIVER INTERESSE PUDesse DEFENDER SEU PONTO DE VISTA (APRESENTADO COMO COMENTÁRIO NO ESPAÇO VIRTUAL PREVIAMENTE).

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Said Barbosa Dib
Email: saidb@senado.gov.br
Telefone: (61) 91133039 / 33913430
Instituição: Senado Federal

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O presidente Sarney, como intelectual, soube compartilhar este seu lado com a comunidade. O fórum, para ^{um} início, foi muito bom e tem grande possibilidade de se aperfeiçoar. O caráter absolutamente aberto à participação foi o grande destaque. Falta em alguns poucos momentos a consideração de alguns palestrantes em não apenas ler, mas as palestras. Parabéns ao Senado.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Levon Yeganiantz
Email: levonyeganiantz@unb.br
Telefone: 32484975
Instituição: Apresentado Empresa/UnB

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Colocar anais destes seminários a disposição
dos participantes

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Rildete Rodrigues Alves
Email: alixdudu@yahoo.com.br
Telefone: 61-3447-3773 61-9289-2394
Instituição: membrança

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O Fórum é de grande valia, debatendo temas de relevância e tratando trazendo a política para ser tratada de forma simples e ao mesmo tempo profunda, pensando no tema não só da atualidade, mas procurando a história e seu desenvolvimento ao longo dos períodos.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: mônica Fontinelli Araújo
Email: monica.8mivala@gmail.com
Telefone: (61)3341-4842 ou (61)9219-2548
Instituição: UPI9

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Só tenho agradecer essa oportunidade
de ouvir e conhecer os palestrantes. Foi
muito útil pra mim todos os temas.
Obrigada.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Regina Lucas Franca
Email: regainpessoa@hotmail.com
Telefone: (011) 9064 1548
Instituição: UF - Centro Universitário

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O evento é inovador já que desde o bonifimto da
filosofia na Ditadura militar o legislativo tem se
limitado aos seus mecanismos técnicos.
A filosofia é contudo uma poderosa força
histórica, já que antes do como é necessário
o por que.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

João Roberto Tibone de Mello

Email:

joaotibone@hotmail.com

Telefone:

(61) 8552-7892

Instituição:

Univer

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

É relevante valorizar a importância das palestras do Fórum Senado Brasil 2012, pois abordam assuntos contemporâneos sob o aspecto filosófico, fortalecendo, pois, o diálogo entre a política e a sociedade.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avallar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Ivonete Pereira Motta
Email: ivonete.motta@presidencia.gov.br
Telefone: 61 3411 1311
Instituição: Presidência da República

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Palestrantes de alto nível, embora tenha
sentido falta de pensadores de outras
tendências, como por exemplo, Luiz Pinguelli
Rosa, Ladislav Doubar (já estou certo de que).
De toda forma, uma iniciativa muito
oportuna e que poderia ser desenvolvida
em seminários, especialmente voltada
para servidores públicos.

Ausência lamentável dos parlamentares,
exceto pelo senador Rollemberg.

Ausência tbem dos PHD's do Senado.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Email:

Telefone:

Instituição:

TÁRIO FUSCO
FUSCO QUAD. COM. 6
3303 5142
SENADO

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Suma in mel. Tão bom que gostaria que fosse permanente e que algumas conferências fossem repetidas ou ampliadas.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Rogério A. de Mello Bezak
Email: rogerio@vub.br
Telefone: 8,09-2563
Instituição: Urb

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Considero louvável o projeto de um fórum como este, repleto de nomes nacionais de importância acadêmica e de temas relevantes para a sociedade e para o Senado! Avalio, entretanto, como necessária uma maior aproximação com a Urb e seus professores e estudantes. Sugiro o uso de recursos como o MOODLE para sistematizar e complementar as palestras e debates. Beitero aqui minha disposição em colaborar para a realização de outros eventos como este fórum e meus cumprimentos por sua realização!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Carlos Roberto de Oliveira

Email:

carlosro@senado.gov.br

Telefone:

3303-3381

Instituição:

Senado Federal

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Tem que repetir sempre. Iniciativa promissora e frutífera. Falta um lanchinho no evento. Nem lanchonete por perto há. A gente passa fome!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: TAIRONE MESSIAS ROSA
Email: taironemessias@hotmail.com
Telefone: (61) 8142-3703
Instituição: SENADO FEDERAL

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Fazer sempre.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: João Bor Mendes
Email: joabor@SENADO.GOV.BR
Telefone: 9975-7976
Instituição: SENADO

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Muito longo. 4 dias seria suficiente por semana.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avallar a primeira década do século XXI e pensar o futuro.

Avaliação

Nome:

Jeanne Furco Lobo

Email:

jeanne.furco@fnde.gov.br

Telefone:

(61) 81162131

Instituição:

FNDE

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Vale a pena manter esse fórum.

~~É fundamental abrir o Senado a ^{uma} maior participação dos cidadãos~~

~~A pontualidade merece ser ressaltada como uma inequívoca demonstração de respeito ao processo e da seriedade do evento.~~

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e planejar o futuro

Avaliação

Nome: Sérgio Barbosa dos Santos Silva
Email: SERGIO.SILVA@MJ.GOV.BR
Telefone: (61) 2506-9006
Instituição: UNB, 3ª Período de Ciências Sociais

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Acho que o tempo para argumentar com o palestrante
deveria ser maior.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: PATRICIA CRISTIANE GAMA DA COSTA
Email: gama.patty@gmail.com
Telefone: 3487-0183
Instituição: UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Evento extremamente válido, atual e envolvente. Muito interessante a escolha dos assuntos e palestrantes, que embora diversos acabaram por se completar.

Parabéns também pela pontualidade reportada durante o evento.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Matheus Cristiano Alves do Oliveira Lima
Email: ALVESLIMA.MATHEUS@gmail.com
Telefone: (61) 9625-5979
Instituição: Universidade de Brasília - Graduanda

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Apesar gostaria de sugerir que além da possibilidade de assistir às palestras ao vivo pela Internet, fosse possível assistir-las posteriormente por meio de vídeo - ou seja disponibilizando os vídeos no site do Senado.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Felipe Bandeira Flausino
Email: FelipeBFlausino@hotmail.com
Telefone: (61) 7836-9068
Instituição: Centro Universitário do Distrito Federal - UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Acredito que foi muito válido e agregador, ~~mas não todos~~ precisamos de mais eventos como este, para que a sociedade tenha um conhecimento mais profundo de temas que envolvem a política e a consolidação, temas que ter uma visão mais fria e menos calorosa, para direcionar de uma forma mais madura nossas preferências.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Lais Daiane Barbosa Silveira
Email: laisengtali@yahoo.com.br
Telefone: (61) 8118-8069
Instituição: Unieuro

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Estou adorando o Fórum Senado Brasil 2012 ~~esta iniciativa é importante, pois ajuda~~ ~~os estudantes a terem uma visão real do~~ ~~cenário público.~~ O parlamento brasileiro deve investir na criação de núcleos, pois o cidadão deve aprender a refletir em tudo que está acontecendo com o nosso país e em vez de só julgar de braços cruzados, fazer a sua parte.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Lucila Rodrigues

Email:

LARIKK@hotmail.com

Telefone:

0134473773

Instituição:

Feneis

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro TV SENADO

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Eu somente posso parabenizar o Senado Federal pela iniciativa!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Valéria Cristina de A. Brito
Email: valeria.brito@g.saude.gov.br
Telefone: 61 31052330
Instituição: Ministério da Saúde

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

A iniciativa é louvável, mas a divulgação foi pífia e o cronograma que ocupa todos os dias da semana, dificulta a participação.

Sugiro uma divulgação mais ampla, em especial, nos demais órgãos públicos, incluindo as instituições de ensino.

Sobretudo, me chamou a atenção a ausência dos parlamentares.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Verônica Bezerra de Araújo Galvão
Email: veronicabagalvao@hotmail.com
Telefone: 3303-9808
Instituição: Senado Federal

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

A iniciativa é bastante louvável, sobretudo pela qualidade dos palestrantes. A abordagem temática também merece destaque. Porém, se o elenco de conteúdos obtém reconhecimento pela relevância por um lado, pelo outro implica em problema. De fato, cada palestrante trouxe um incrível volume de informações significativas, quase uma "over dose" aplicada diariamente. A construção do pensamento crítico requer mais tempo para "digestão" dos "insumos da reflexão".

Registra-se ainda que o formato da abordagem, pouco cinestésico, deixou a desejar, apesar da excepcional capacidade dos oradores.

Sugere-se a criação de novas oportunidades e, se possível, fazer acompanhar a iniciativa de pequena publicação que anteceda as sessões à guisa de "aquecimento" e provocação do olhar.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Humberto José Augusto Bileto

Email:

humberto.bileto@gmail.com

Telefone:

8197 82 82

Instituição:

1) Como soube deste evento?

- Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

ÓTIMA INICIATIVA, AINDA MAIS
PELO MOMENTO QUE PASSAMOS DE CRIAR UM NOVO
AMBIENTE DE EXCELÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚ-
BLICA

3) O que achou do evento?

- Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Ramille Taguatinga Freire
Email: ramilletaguatinga@hotmail.com
Telefone: (61) 9124-7170
Instituição: UnB

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O Fórum Senado Brasil 2012 falou na discussão democrática por história para repensar a democracia atual. Essa forma de abordagem facilita o ouvinte a entender e refletir sobre nossa situação atual. É interessante o quanto podemos relacionar passado e presente; no final das contas, a evolução da democracia tornou-se um forte exato contra as ondas de pensamento esquerdista, e demonstra que estamos no caminho certo. Os palestrantes são formidáveis, apesar de alguns perderem linhas de pensamento através de um ritmo lento para apresentar suas ideias.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: LUNO AURELIO DE LIMA BARBOSA
Email: luno@senado.gov.br
Telefone: 6205/6207
Instituição: SENADO FEDERAL

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O aspecto da comunicação horizontal dos temas abordados pode dar o tom do núcleo de reflexão cogitado, em um momento histórico de irremediável encastelamento de conceitos e atividades.

A produção intelectual do núcleo de reflexão pode ser enriquecida através de ações como, além do Fórum, reuniões, painéis com diferentes opiniões sobre o mesmo tema e a presença de moderador.

Fórum muito positivo, mas que carece de opiniões femininas, em um país, como o Senado, e um país como o Brasil, tão fértil de mulheres das mãos preparadas.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avallar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Stênio Primo Siqueira Carnevalho
Email: steniorep.rop@hotmail.com
Telefone: 9250, 2904
Instituição: UNB, Brasília

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Para que o fórum seja realmente de reflexão sobre o parlamento é necessário que seja mais abrangente, no sentido atingir outras cidades que não sejam Brasília, talvez um debate em um anfiteatro de uma universidade poderia gerar uma reflexão mais ampla, debates como este e outros que seja no campo da filosofia, geografia, e direito.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Daniela de Carvalho Duarte
Email: daniadu@gmail.com
Telefone: (61) 8147-4848
Instituição: Universidade de Brasília (estudante)

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Gostei muito dos temas e dos palestrantes, mas senti falta de inovação. As palestras são interessantes, mas tem informações muito ~~consagradas~~ antigas. Seria interessante trazer temas parecidos, ~~com~~ mas com teorias mais atuais.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Victor Corrêa Leal

Email:

victor.c.leal@gmail.com

Telefone:

(061) 9287-8682

Instituição:

UnB- Estudante

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

A falta da Universidade de Brasília foi notada, tanto institucionalmente quanto um convite aos estudantes para participar. O Instituto de Ciência Política - IPOL e seus estudantes poderiam agregar bastante aos debates.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Daniilo André de Almeida Silveira
Email: DANILLOSILVEIRA@GMAIL.COM
Telefone: 3465-9211 - 9221-8423
Instituição: CEB DISTRIBUIÇÃO

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Evento misturou muitos temas, entre eles aqueles que não são ligados à política, como a teorizada evolução, o que prejudica o interesse.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: THAINARA BORBA
Email: thainara@senado.gov.br
Telefone: 8185-0807
Instituição: _____

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Um fórum de boa qualidade é ótimo. Criando novas reflexões.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avallar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: ANDRÉ SANDIÊGO FALCÃO
Email: sandiego@oi.com.br
Telefone: (61) 3218-2525 / 9609-8927
Instituição: UPIS

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Sugiro que os próximos FÓRUMS que o Senado sejam de no máximo de 5 dias e não mais que isto.

Sobre o Fórum Senado Brasil 2012, foi bom pelos vários temas abordados sobre a democracia, somente o prazo foi muito extenso terminando 1 mês após o início do mesmo.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: MARIA DO SOCORRO COSTA FURTADO
Email: mariafurtadoeinterlegis.gov.br
Telefone: 3303-14840
Instituição: INTERLEGIS

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Acho que o evento aconteceu
com seu objetivo

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: Fabio Vidal Santos
Email: Fabiovidal@yahoo.com.br
Telefone: (61) 81219617
Instituição: UNB

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

O conteúdo das palestras está ótimo, porém faltou um coffee Break. Este é um momento importante do evento, pois integra o pessoal.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Fátima A.A.A. Cader Nascimento

Email:

cader.nascimento@univdf.edu.br

Telefone:

81375893 UNIDF

Instituição:

CENTRO UNIVERSITARIO DO DIST Fede UNDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o Fórum Senado Brasil 2012, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Pensalmente, gostei muito de participar do Fórum. Acredito que a participação seria mais ampla se os textos dos palestrantes fossem disponibilizados aos participantes com antecedência. Parabéns a comissão organizadora que selecionou os temas e os palestrantes.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome: José Humberto dos Santos Lima
Email: junior1574@hotmail.com
Telefone: (61) 9802-0020
Instituição: Senado

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

De Grande importância para fomentar o conhecimento. Parabéns!

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

FÓRUM SENADO BRASIL 2012

Avaliar a primeira década do século XXI e pensar o futuro

Avaliação

Nome:

Rúia Pereira da Silva

Email:

alkimin@gmail.com

Telefone:

61-8633-4394

Instituição:

UDF

1) Como soube deste evento?

Website Convite Email Jornal/Revista Flyer/Cartaz Amigo Outro

2) Gostaríamos de saber a sua **opinião crítica** sobre o *Fórum Senado Brasil 2012*, como tentativa de criação de um núcleo de reflexão no parlamento brasileiro.

Comentários e observações:

Seminário que me ajudou (muito) muito para o curso no qual estou fazendo relações internacionais. ajudou-me a compreender e a analisar o estado da ciência política.

3) O que achou do evento?

Excelente Bom Regular Ruim

Antecipadamente, agradecemos pela participação.

Participantes



Abel Sousa Soares
Adriana da Silva Oliveira
Adriana Zaban
Adriano Fernandes
Adroaldo M. Ribeiro Noronha
Agnaldo Menezes Dantas
Aldenei Soares Oliveira
Aldenira Maria Piedade de Faria
Aldo Roberto Souza
Alessandro Michael Cunha Amorim
Alex Rosa Campani
Alexandre Cherulli Marçal
Alexandre Coelho Batista Júnior
Alexandre de Albuquerque Brito
Alexandre Gonzaga da Silva
Alexandre Michiles
Alik Rodrigues Alves
Aline Lucca da Silva
Aline Nobrega de Oliveira
Alisson Carlos Fernandes Novaes
Amanda Aguiar de Castro Santos
Amanda Rezende Cecatto
Ambrosino de Serpa Coutinho
Amílcar Francisco Faria
Ana Carolina Rodrigues Fonseca
Ana Cláudia Barros Mota
Ana Claudia de Souza Nascimento
Ana Gabriela de Lima Maciel
Ana Lucia Novelli
Ana Luiza Gomes Machado
Ana Marly de Melo Rodrigues
Ana Tereza Meirelles
André Araújo
André Bretas França
André Julio Neves Cesar Leal
André Sandiêgo Falcão
André Tosta Mendes
Andrea Karla Cavalcanti da Mota
Cabral de Oliveira
Andreza Rios de Carvalho
Antônio A. C. Lisboa
Antonio Lima da Silva

Antonio Paulo Barbosa Moura Junior
Arlindo Fernandes de Oliveira
Armando Roberto Cerchi Nascimento
Artur Antônio S. Araújo
Átila Levenhagen Clébica da Mata
Augusto José Honorio de Almeida
Aurora da Silva Pereira
Ayres Lara de Queiroz
Barbara Cristina Duqueviz
Beatriz de Bulhões Mossri
Benivaldo do Nascimento Junior
Breno de Lima Andrade
Breno Fernando Ferreira Barros
Bruna Rejane Costa Monteiro Silva
Bruno Bortolan
Bruno C. Lisboa
Caio Gomes Macedo
Carl Lijong
Carla Beatriz Cavalcanti Azevedo
Carla Frade
Carla Oriana de Sousa Menezes
Carla Regina Fabro
Carlyne Nóbrega Martins
Carlos Alberto Costa Sampaio
Carlos Augusto Bernardes Ribeiro
Carlos Correa Praude
Carlos Denner dos Santos Junior
Carlos Eduardo Lopes Neves
Carlos Henrique R. de Siqueira
Carlos Henrique Teche
Carlos Roberto de Oliveira
Carlos Roberto Gomes Gonçalves
Carolina Jorge e Costa
Celina Xavier de Mendonça
Cícero Ivan Ferreira Gontijo
Claudia Abreu da Costa Marins
Claudia Lyra Nascimento
Cláudia Nogueira
Cláudia Silva Branquinho
Cleber Lopes dos Santos
Cleidiane Macedo de Souza

Cleiton A. Camargo
Clerton Oliveira Evaristo
Cleuber Barros Rangel
Cristina Judite Vicino
Dalila Aparecida Borges
Danévita F. de Magalhães
Daniel de Souza Pinto
Daniel Nardin Tavares
Daniel Ribeiro Silvestre
Daniela de Carvalho Duarte
Danielle Aranha Farias
Danielle Guedes Silva
Danilo Andre de Almeida Silvestre
Dargedson Cerqueira Barbosa
David Mercado Faustino
Deane Lianna Oliveira Laurin
Décio Bottechia Jr.
Denis Neves Ferreira
Diego Gaal de Vasconcelos
Dirceu Ricardo L. Cecatto
Diva Mascarenhas Borges
Douglas A. dos Santos
Edílson Holanda Silva
Edson Castelo Branco de Oliveira
Cardoso
Egnaldo Rocha Costa
Elásio Alberto de Oliveira Rondon
Junior
Eliene Ferreira Bastos
Elieser Sebastião L. da Silva
Eloisa Correia de Albuquerque
Elza Helena Camargo do Canto e
Castro
Eneida Orbage de Britto Taquary
Eraldo Sobreira
Erika Santos Ribeiro
Everaldo França F.
Fabiano de S. Ferraz
Fábio Liborio Rocha
Fábio Renato da Silva
Fábio Vidal Santos

Fatima Ali Abdalah Abdel Cader
Nascimento
Felipe Banchieri Flausino
Felipe Reinaldo Loureiro da Silva
Felipe Rodrigues Pereira
Fernanda Oliveira de Araújo
Fernando K.
Fernando M. Ribeiro
Filipe Ribeiro Covre
Flávia Peralta de Carvalho
Flávia Pereira da Rocha
Flavio de Mattos
Flávio José Santos Freire
Flávio Roberto de Almeida Heringer
Florian Augusto de A.Coutinho Ma-
druga
Francisco Antonio Barros Farias
Francisco de A. B. Wanderley junior
Francisco Henrique Franco
Francisco Tadeu Gardesani Luz
Frank Araujo Croce Agostino
Frans Hildo R. de Matos
Gabriel Guimarães de Oliveira
Gabriela Sales da Rocha
Gabriella da Costa
Gabriella Gouvêa
Gabriella J. R. de Oliveira
Geraldo Sobreira Liberalquino
Gisele Machado da Costa Meira
Gisele Perna
Gladstone Vidigal Franco
Glaucio Ribeiro de Pinho
Guairacá Carvão Nunes
Gustavo Chaves Lopes
Haroldo Feitosa Tajra
Helena Inês Rodrigues Fortes
Henrique F.S. Machado
Hezir Espindola Gomes Moreira
Hermes Geraldo Soares
Hugo Boaventura
Humberto Jose Augusto Brito
Igor Iago Caribé

Illa Maria Cruz P.
Isadora O. B. Taquary
Iva Atila de Carvalho
Ivonete Pereira Motta
Jackson Nascimento Evangelista
Jairo P. Barbosa
Janary Carvão Nunes
Jayme Corrêa de Sá Filho
João de Assis Mariosi
Jefté A. M. de Oliveira
Joana F. Lobo
João Rios Mendes
Joaquim Nogales Vasconcelos
Jolimar Correa Pinto
Jonar Fonseca Gomes
Jonatan Pereira dos Santos
Jorge Antonio de Sousa Stanchi
Jorge Maximiliano Alaniz
Jorger Mizael
José Carlos Brandi Aleixo
José Colombo de Souza Filho
José Eduardo Cruz Leão
José Fernandes Neto
Jose Francisco Barbosa Oliveira
José Gilbert Arruda Martins
José Humberto dos Santos Júnior
José Idelbrando Ferreira de Souza
Jose Loreto Julian
José Rodolfo Tibana de Mello
José Ronaldo Motalvão Monte Santo
José Soares da Silva
José Vilson da Silva
Joseana Geaquinto Paganine
Josimar dos Passos Nascimento
Juarez Dantas de Aquino
Judite Ramos da Silva
Juliana C. de Oliveria
Juliana Paula de Paiva Oliveira
Juliana Rafaela T. Mendonça de
Lima
Júnior Marques da Silva
Karla Kalume reis

Klinger Henrique Queiroz de Souza
Laila R. Alves
Laís Daiane Barbosa Silveira
Laís Thamara Vieira Craveiro
Lara Francischetti Piza
Leila Sabrina da Silva Morais
Leodegário P. C. Sache
Leonardo Barbosa Rossato
Leticia Teixeira Levenhagen Clébicar
Lever Yeganiantz
Liana Herdina
Lucas Machado Morgado
Lucas Moura Vieira
Lucas Tiburcio Duarte
Luciana Santa Cruz
Luciano José dos Santos Júnior
Luís Carlos Alencar Fonteles
Luís Otávio Teles Assumpção
Luiz Henrique Anicacio dos Santos
Luiz Henrique de Azevedo Oliveira
Luiz Sergio dos Santos Pio
Luíza Muniz Pinheiro
Luiza Silva Porto Ramos
Luno Aurélio de Lima Barbosa
Maiara Zaupa Totti
Maíra Melo Correia
Manoel Rodrigues dos Santos Neto
Manuella Peixoto Fernandes da Rocha
Marcela Machado
Márcia Aparecida de Jesus
Marcia Moraes de Oliveira
Marcia Rabelo
Márcia Regina Fabrício Dias
Marcia Ribeiro Fantuzze Dias
Márcio Aguiar Gomes
Márcio José Lacerda Alencar
Marcos Barbosa
Marcos Hoff Homem
Marcos Rubens de Oliveira
marcos silvio pinheiro
Margareth Alves Costa
Margareth R. F. L. da Costa

Maria Cristina Ferreira
Maria das Graças Costa Coelho
Maria de Fátima Martins da Silva
Maria do Socorro Costa Furtado
Maria Elenita M. Nascimento
Maria Elisabete Ferreira
Maria Iracema Martin
maria lucia muniz de almeida
Maria Paula Crepaldi Ferreira
Maria Tereza Lasserré Nunes
Maria Terezinha Nunes
Maria Vandira de Brito Peixoto
Maristela de Melo Neves
Marta Santos D. Silva
Mateus B. Fernandes
Matheus Caetano Alves de Oliveira
Lima
Mauricio Silva
Mayane Burti Marcondes Barbosa
Mellina Motta de Paula
Mike Barros de Carvalho Silva
Moacyr Parra Motta
Moiseis Rocha Brito
Moisés Azevedo Valentim
Mônica Fontinelle Araújo
Múcio Botelho de Oliveira
Nanci Peres Pereira
Natália Souza dos Santos
Natasha R. F. Novaes
Nathalia Monteiro
Nelson Leite
Nelson Luiz de Oliveira
Newton Flávio de Oliveira Temoteo
Noeli Soares da Silva
Oltair Ribeiro
Orisley Guedes
Osvadino Gonçalves de Brito
Pablo Crozetta Teixeira
Pablo Nunes
Patricia Cristiane Gama da Costa
Patrícia de Oliveira Nóbrega
Patricia Rodrigues Castello Branco

Patricia Rodrigues de Sosua
Paula Torres Silvestre
Paulo André Louzada
Paulo Barreiros
Paulo Cezar Lopes Barreto
Paulo Fernando Mohn e Souza
Paulo Mauricio Teixeira da Costa
Paulo Marcelo M. Lopes
Paulo Ricardo Bellens Porto Marcial
Paulo Ricardo dos Santos Meira
Paulo Roberto Marques Dourado
Primo
Paulo Roberto Vieira
Paulo Sérgio da Silva Azevedo
Pedro Henrique Ferreira Custódio
Pedro Jairo Rocha Silva Rodrigues
Pedro Paulo Hamilton
Pérsio Henrique Barroso
Plínio Gonçalves Cassimiro
Rafael Sousa Siqueira
Ramille Taguatinga Freire
Raquel Melo Santos
Rejaine Lucas França
Rejane Jung Vianna
Ricardo Poppi
Rildete Rodrigues Alves
Rívia Pereira da Silva
Roberta Alves Ramos
Roberta Paes Landim
Rodrigo Maravalho
Rodrigo Monteiro Viana
Rodrigo Ribeiro Bedritichuk
Rogerio Alessandro de Mello Basali
Rogério de Almeida Abreu
Rogers Cruciol de Sousa
Ronald Bezerra de Menêzes Neto
Ronaldo Jorge Araujo Vieira Junior
Roni P. de Araújo
Rosa Coelho Barboda
Rosângela A. G. Lemes
Rosemari Kuroiwa Sales
Roseneia D. Lopes

Ruth de Paula Martins Mendes
Ruth dos Santos Ventura Lopes
Said Barbosa Dib
Samir Colozio Melles
Sérgio da Rocha Pereira
Sérgio Barbosa dos Santos Silva
Silvia Thais de Figueiredo
Soraia Silva de Mello
Stella Carrion Teruel
Stênio Bruno Silva Carvalho
Stone Bruno Coelho Barbosa
Susana da Silva Tostes
Tairone Messias Rosa
Tainá Aragão de Almeida
Talita Viana de Freitas
Tania de Souza Trindade
Tania Mara Fusco
tatiana braz ribeiral
Thainara Perdiz
Thiago Cortez Costa
Thiago de Queiroz Cruz
Thiago Lopes da Silva
Valéria Cristina de Albuquerque Brito
Valéria Oliveira da Silva Sena
Valeria Rodrigues Motta
Valter Rosa da Silva Jr.
Vanda Beatriz R. V. Riedel de Resende
Verônica Bezerra de Araújo Galvão
Verônica de Carvalho Maia Baraviera
Vicente Fonseca
Viictor Corrêa Leal
Vitor Luis Cardoso Pedroza
Wang Ying Ts
Washington M. Brito
Wendy silva de andrade
William Carvalho
Yves Saint-Geours
Zuhair warwar

Bibliografia

BIMBER, B. *Information and American Democracy : technology in the evolution of political power*: Cambridge, University Press, 2003.

BUCCI, Eugênio. *A imprensa e o dever da liberdade*, São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. *Em Brasília, 19 horas*, Rio de Janeiro: editora record, 2008.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*, São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

CARDON, D. *La démocratie Internet*, Seuil, 2010.

_____. *Nascimento da biopolítica*, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Segurança. Território, população*, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Sécurité, territoire, population. Cours au Collège de France, 1977-1978*, Paris: Seuil/Gallimard, 2004.

_____. *Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France, 1978-1979*, Paris: Seuil/Gallimard, 2004.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2000.

LEFORT, Claude. *A invenção democrática – Os limites da dominação totalitária*, Belo horizonte: Editora Autêntica, 2011.

Novaes, Adauto (org.). *Vida vício virtude*, São Paulo: Editora Senac, 2009.

_____. *O esquecimento da política*, Rio de Janeiro, Agir, 2007.

_____. *O silêncio dos intelectuais*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Civilização e barbárie*, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Muito além do espetáculo*, São Paulo: Editora Senac, 2004.

_____. *A crise do Estado-Nação*, Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

_____. *A crise da razão*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Ética*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Ato de criação do Fórum

ATOS DA PRESIDÊNCIA DO SENADO FEDERAL

Institui Comissão

ATO DO PRESIDENTE Nº 8, de 2012

Institui Comissão responsável pelo planejamento, pela coordenação e pela realização de seminários temáticos que contribuam para a diversificação do debate e das deliberações legislativas do Senado Federal.

O PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL, no desempenho de suas atribuições, e Considerando a necessidade de intensificar a discussão sobre valores e princípios, ajustando-os às contingências históricas;

Considerando as inquietações atuais referentes à separação entre a formação humanística e a ação política;

Considerando a velocidade na utilização econômica das descobertas científicas;

Considerando a relevância da legitimidade como atributo histórico do poder político;

Considerando a importância, para o processo legislativo e para cidadania, de fomentar a reflexão e o debate sobre questões que interferirão na configuração das instituições, das práticas, das decisões e das concepções de mundo;

Considerando a necessidade de aproximar, cada vez mais, o Senado Federal da produção filosófico-científica, como forma de aprimorar práticas e processos sócio-políticos;

E considerando o papel e a capacidade institucional do Senado Federal de produzir e disseminar ideias, propostas e soluções, face aos diversos cenários,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir Comissão Especial para, no decorrer do ano de 2012, planejar, coordenar e realizar seminários que promovam o debate acerca dos desafios das democracias modernas, das crises financeiras e da cultura.

Art. 2º A Comissão Especial prevista no art. 1º será presidida pelo Embaixador Jerônimo Moscardo, e terá a seguinte composição:

I – Mauro Santayana;

II – Fernando César Mesquita;

III – Carlos Fernando Mathias de Souza;

IV – Antônio Helder Medeiros Rebouças;

V – Pedro Pereira da Silva Costa;

VI – Ronaldo Mota Sardenberg.

Art. 3º As despesas necessárias à realização dos trabalhos da Comissão serão custeadas pelo Senado Federal.

Parágrafo único. Serão reservados, na mesma rubrica orçamentária destinada às comissões temporárias especiais, os recursos necessários ao custeio das despesas de que trata o caput deste artigo.

Art. 4º A participação na referida Comissão não será remunerada a nenhum título, constituindo serviço público relevante prestado ao Senado Federal.

Art. 5º Os órgãos técnicos e administrativos do Senado Federal prestarão assessoramento e apoio aos trabalhos da Comissão, que poderá requisitar análises, pesquisas, levantamentos estatísticos, além de recursos humanos e materiais.

Art. 6º A Comissão, no desempenho de suas atribuições, poderá atuar em parceria com outras instituições públicas e privadas, observadas as normas legais e regimentais pertinentes.

Art. 7º Este Ato entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 29 de fevereiro de 2012.

Senador JOSÉ SARNEY,
Presidente do Senado Federal

Equipe do Gabinete do Presidente José Sarney

Organização do material do livro:

Jerônimo Moscardo

Patricia Rodrigues Castello Branco

Tania Mara Fusco

Lia de Paula/Agência Senado



Patricia Rodrigues Castello Branco, Ana Tereza Meirelles, Flávia Peralta, Márcia Lopes Maciel, Tânia Mara Fusco, Magda Ramos Freitas, Andréia Nogueira Moraes Garcia

Equipe técnica

Projeto gráfico: **SUPRES Criação e Marketing**
Eduardo Perácio (SEEP)

Coordenação de produção gráfica (SEEP): **Eduardo Perácio**
Ítalo de Oliveira

Revisão (SEEP): **Suely Dantas**

Editoração eletrônica (SEEP): **Eduardo Perácio**
Valdete Cardoso

Capa: **SUPRES Criação e Marketing**
Eduardo Perácio (SEEP)

Coordenação e edição de fotografia: **Paula Cinquetti (SECS/COFOJ)**

Fotografias: **Pedro França/Agência Senado**
Lia de Paula/Agência Senado
Moreira Mariz/Agência Senado
Jonas Pereira/Agência Senado
Paula Cinquetti/Agência Senado

Tratamento de imagens: **Paula Cinquetti (SECS/COFOJ)**
Sandra Bethlem (SEEP)

AGRADECIMENTOS

SECRETÁRIA-GERAL DA MESA

Cláudia Lyra Nascimento

DIRETORIA-GERAL:

Dóris Marize Romariz Peixoto

DIRETOR DA SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Fernando Cesar Mesquita

PRESIDÊNCIA:

Sérgio Penna

Chefe de Gabinete da Presidência

SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES:

Florian Augusto C. Madruga

JORNAL DO SENADO:

Eduardo Leão

TV SENADO:

Leila Daher

AGÊNCIA SENADO:

Mikhail Lopes

Nelson Oliveira

Paula Cinquetti

RELAÇÕES PÚBLICAS:

Andrea Valente

Marcia Yamaguti Cherubine

Tatiana Perna Boia Menezes

Carolina Pavanello

Priscilla Flores da Silva

Daniel de Souza Pinto

Roberta Mesquita da Silva

Valeria Oliveira da Silva Sena

Rosemari Kuroiwa Sales

SUPRES:

Paulo Ricardo dos Santos Meira

Lucas Tibúrcio Duarte

Andréia Andriele Meireles

ILB:

Carlos Roberto Stuckert

Waldir Rodrigues Pereira

Paulo Marcelo Lopes

Adriana Carla Soares de Aragão

Francenildo Palacio de Moraes

Cláudio Ferreira de Moraes

Francisco de Abreu Lopes

Tereza Lasserre

INTERLEGIS:

Haroldo Tajra

Paulo Roberto Maques Dourado

Primo

Ronald Bezerra de Menezes Neto

PRODASEN:

Samuel Alves de Paula

Luiz Claudio Pimenta Ramos

CONSULTORIA LEGISLATIVA:

Paulo Fernando Mohn

Fernando Meneguim

UNIVERSIDADES:

UNIEURO

UDF

UPIS

UNIÃO PLANETÁRIA

EQUIPE PRESIDÊNCIA:

Patricia Rodrigues Castello Branco

Tais Casemiro Zago

Andréia Nogueira Moraes Garcia

Deane Lianna

Verônica Maia Baraviera

Tânia Mara Fusco

Márcia Lopes Maciel

Rogério de Almeida Abreu

Geraldo Sobreira

João Henrique Soares

Lia de Paula

Flávia Peralta

Ana Tereza Meirelles

Jorge Alexandre Costa

Mônica de Araújo Freitas

Magda Ramos Freitas

Marcus Vinícius Caldas Souto

SEEP

Ítalo de Oliveira

Sebastião Azevedo

Eduardo Perácio

Valdete Cardoso

Amaro Ulisses

Suely Dantas

Cândida do Amaral

Sandra Bethlem



Participantes

“É uma iniciativa pós-democratização da informação, arrisco dizer tratar-se da democratização da lucidez – espaço de socialização de ideias e conhecimentos de vanguarda.”

“O Senado precisa continuar com esses encontros geniais.”

“O conteúdo gerado a partir das palestras merece ser editado e amplamente divulgado.”



SENADO FEDERAL

